

Universidade de Brasília

Faculdade UnB Planaltina

Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural – PPG-Mader

MAU FERNANDES DE SOUSA

Os homens solteiros da roça no Noroeste de Minas Gerais

Planaltina-DF

2026

Universidade de Brasília
Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural – PPG-Mader

MAU FERNANDES DE SOUSA

Os homens solteiros da roça no Noroeste de Minas Gerais

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do título de Mestra em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural.

Linha de Pesquisa 2. Políticas Públicas para o Meio Ambiente e o Campo.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Meyer

Planaltina-DF
2026

Mau Fernandes de Sousa

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Meyer
Linha de pesquisa: Políticas públicas para o meio ambiente e o campo

Defesa realizada no dia 29/06/2026

BANCA AVALIADORA

_____

Prof. Dr. Gustavo Meyer (Presidente da Banca – Universidade de Brasília/PPG-Mader)

_____

Prof. Dr. Joaquim Antonildo Pinho Pinheiro (Avaliador Interno – Universidade de Brasília/PPG-Mader)

_____

Prof. Dra. Vania Costa Pimentel (Avaliadora Externa – Instituto Federal de Brasília)

_____

Prof. Dra. Mônica Celeida Rabelo Nogueira (Avaliadora Suplente – Universidade de Brasília/PPG-Mader)

Sousa, Mau Fernandes de
SS725h Os homens solteiros da roça no Noroeste de Minas Gerais / Mau Fernandes de Sousa; orientador Gustavo Meyer. Brasília, 2026.
124 p.

Dissertação(Mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural) Universidade de Brasília, 2026.

1. Êxodo Rural. 2. Masculinidades Rurais. 3. Solteirice . 4. Ruralidades . I. Meyer, Gustavo, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha Mãe, por todo amor e apoio que me deu ao longo da vida e do meu percurso no PPG-Mader - UnB. Ao meu Pai por todo carinho e incentivo ao longo da vida. Agradeço À minha irmã Bruna por me apoiar imensamente e por todo amor que compartilhamos.

Ao meu sobrinho Caio, por tudo que significa para mim. Agradeço às minhas avós Odete e Vovó Mirtes (*In memoriam)*. Ao meu avô, Antônio (*In memoriam)*. À minha tia Mary Sol Sousa, por todo carinho e por sempre incentivar os estudos e a leitura.

À minha turma do PPG-MADER - 2022. Especialmente, ao Manoel, à Jacy, à Kelly, à Bruna, à Ana Maria, à Carla, à Ozania, à Betinha, à Olanise, ao Daniel, ao Ruber, à Sarah, à Fabiana, à Larissa e a todos.

Agradeço à Vila de Sagarana, por me permitir conhecer um lugar único. Agradeço especialmente à Dona Zélia por todo carinho e cuidado demonstrados ao longo da minha permanência em Sagarana. Agradeço a todas as pessoas que estiveram comigo na Vila, foi uma experiência única.

Ao Rhaul Oliveira pela amizade ao longo da minha permanência na Vila.

Agradeço a João Carlos por estar presente em campo comigo, como pesquisador e amigue. Agradeço à Raiane pela amizade e carinho. Agradeço ao Diogo que pude conviver diariamente quando estive na Vila

À Jéssica Rodrigues, pela linda amizade que temos desde a graduação.

Agradeço a todos os homens solteiros da Vila de Sagarana que se dispuseram a participar desta pesquisa.

Agradeço ao Professor Dr. Gustavo Meyer pela orientação, por me apoiar e por todo conhecimento que compartilhamos ao longo desse percurso acadêmico.

À professora Dra. Vania Costa Pimentel, por ter participado da banca do Exame de Qualificação, em 2023, pelas longas trocas de conhecimentos que tivemos desde a graduação em Agroecologia. Agradeço à Professora Dra. Mônica Nogueira, igualmente por ter contribuído ao Exame de Qualificação, por me incentivar a exercitar minha voz. Ao professor Dr. Joaquim Pinheiro, pelas contribuições para esta pesquisa e por ter me apresentado a Raewyn Connell.

Agradeço aos professores e professoras do PPG-Mader que pude conhecer, foram importantes para minha formação.

Agradeço à Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal - FAPDF, por ter sido bolsista no Edital DPG/UnB Nº 0005/2022 - Bolsas Mestrado e Doutorado 2022/2023 Programa Permanente de Desenvolvimento da Pós-Graduação da FAPDF Stricto Sensu – Mestrado e Doutorado – DPG pelo Programa de Pós-graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural - PPG- Mader.

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais - FAPEMIG, através do edital 001/2018, pelo processo APQ-00833-18, pelo financiamento da pesquisa de campo e pela bolsa ao copesquisador João Carlos sob a coordenação do Orientador Dr. Gustavo Meyer.

RESUMO

O objetivo maior foi aprofundar o conhecimento sobre as implicações sociais da solteirice rural no Noroeste de Minas Gerais. Os objetivos específicos buscaram compreender as possíveis implicações da vida solteira da roça sob os laços familiares, comunitários e laborais, assim como as estratégias e perspectivas de vida que se desdobram nessa nova condição. Analisaram as relações afetivas desses homens, a construção da sexualidade e as implicações sociais, culturais e psicológicas em jogo. Investigou-se o processo de masculinização que vem ocorrendo em diversos contextos rurais brasileiros, dentre eles a porção noroeste do Estado de Minas Gerais. Nesse cenário, a questão como esses homens solteiros da roça estão se organizando diante deste processo? Com apresentação no território de Sagarana, no Noroeste de Minas Gerais. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com características e inspirações etnográficas, uma pesquisa coparticipativa, entre a pesquisadora e João Carlos. Logo, é narrado o primeiro encontro na vila, com o primeiro mapeamento dos homens solteiros da roça. Posteriormente, foram selecionados os homens solteiros que se dispuseram a participar da pesquisa voluntariamente. São apresentados os fenômenos rurais que são investigados. O êxodo rural foi explicado sob as conexões com os outros fenômenos nas regiões brasileiras e seus desdobramentos. Em Celibato e Solteirice, o diálogo se dá primordialmente com Bourdieu, sob a análise da crise dos homens solteiros, desde 1960. Em Masculinidades, reflete-se a evolução do conceito de masculinidades hegemônicas, proposta por Raewyn Connell. São nove homens solteiros da roça de Sagarana, em que encontram-se suas perspectivas de vida. São entrevistas que fazem parte de narrativas, sob a ótica de cinco categorias investigativas, como a família, organização do trabalho, economia e patrimônio, sociabilidade e vida afetivo-amorosa. A masculinização rural ocorre em Arinos, no Distrito de Sagarana, pela demografia, pelo mapeamento e os padrões de homens solteiros significativos que apontaram para o fenômeno. Há variações de idades masculinas, diferentes sexualidades, homens que residem com a família, outros que residem sozinhos e de forma autônoma. A pesquisa aponta para futuras pesquisas com aprofundamento sobre políticas públicas para reduzir os efeitos dos fenômenos do êxodo rural, com toda sua complexidade nos territórios rurais, especialmente a continuidade em Arinos.

Palavras-chave: Êxodo Rural; Masculinidades Rurais; Solteirice; Ruralidades.

ABSTRACT

The main objective of this study was to deepen the understanding of the social implications of rural singlehood in the Northwestern region of Minas Gerais, Brazil. The specific objectives sought to comprehend the possible implications of single life in rural areas regarding family, community, and work-related ties, as well as the life strategies and perspectives that emerge from this condition. The study also analyzed the affective relationships of these men, the construction of their sexuality, and the social, cultural, and psychological implications involved. The research investigated the process of rural masculinization occurring in several Brazilian rural contexts, including the Northwestern region of the state of Minas Gerais. Within this context, the study sought to answer the following question: how are these single rural men organizing their lives in the face of this process? The study was conducted in the territory of Sagarana, located in Northwestern Minas Gerais. It is a qualitative research project with ethnographic characteristics and inspirations, developed as a participatory research partnership between the researcher and João Carlos. The first encounter in the village is described, along with the initial mapping of single rural men. Subsequently, the participants who agreed to take part in the research were selected. The study discusses the rural phenomena under investigation. Rural exodus is examined through its connections with other phenomena in different Brazilian regions and their consequences. In the section on celibacy and singlehood, the discussion is primarily based on Bourdieu's analysis of the crisis of single men since the 1960s. In the section on masculinities, the evolution of the concept of hegemonic masculinities proposed by Raewyn Connell is examined. The study presents the life perspectives of nine single rural men from Sagarana. Their narratives were analyzed through five investigative categories: family, work organization, economy and patrimony, sociability, and affective and romantic life. Rural masculinization was identified in Arinos and in the District of Sagarana through demographic data, field mapping, and the significant presence of single men, all of which point to this phenomenon. The participants varied in age and sexual orientation; some lived with their families, while others lived independently. Finally, the research highlights the need for further studies on public policies aimed at reducing the effects of rural exodus and its complex consequences in rural territories, particularly regarding the continuity of research in Arinos.

Keywords: Rural Exodus; Rural Masculinities; Singlehood; Ruralities.

RESUMEN

El objetivo principal de esta investigación fue profundizar el conocimiento sobre las implicaciones sociales de la soltería rural en el Noroeste de Minas Gerais. Los objetivos específicos buscaron comprender las posibles implicaciones de la vida soltera en el campo en relación con los vínculos familiares, comunitarios y laborales, así como las estrategias y perspectivas de vida que se derivan de esta condición. También se analizaron las relaciones afectivas de estos hombres, la construcción de la sexualidad y las implicaciones sociales, culturales y psicológicas involucradas. Se investigó el proceso de masculinización rural que viene ocurriendo en diversos contextos rurales brasileños, entre ellos la región noroeste del estado de Minas Gerais. En este escenario, la investigación buscó responder a la siguiente pregunta: ¿cómo se organizan estos hombres solteros del campo frente a este proceso? La investigación se desarrolló en el territorio de Sagarana, ubicado en el Noroeste de Minas Gerais. Se trata de un estudio cualitativo con características e inspiraciones etnográficas, desarrollado como una investigación coparticipativa entre la investigadora y João Carlos. Se describe el primer encuentro en la localidad, junto con el primer mapeo de los hombres solteros del campo. Posteriormente, se seleccionaron aquellos que aceptaron participar en la investigación. El estudio presenta los fenómenos rurales analizados. El éxodo rural se explica a partir de sus conexiones con otros fenómenos en las regiones brasileñas y sus respectivos desdoblamientos. En la sección sobre celibato y soltería, el diálogo se establece principalmente con Bourdieu, a partir de su análisis de la crisis de los hombres solteros desde la década de 1960. En la sección sobre masculinidades, se examina la evolución del concepto de masculinidades hegemónicas propuesto por Raewyn Connell. La investigación presenta las perspectivas de vida de nueve hombres solteros del campo de Sagarana. Sus narrativas fueron analizadas a partir de cinco categorías investigativas: familia, organización del trabajo, economía y patrimonio, sociabilidad y vida afectivo-amorosa. La masculinización rural fue identificada en Arinos y en el distrito de Sagarana mediante datos demográficos, el mapeo realizado y la presencia significativa de hombres solteros, elementos que evidencian dicho fenómeno. Los participantes presentan diferentes edades y orientaciones sexuales; algunos viven con sus familias y otros de manera autónoma. Finalmente, la investigación señala la necesidad de futuros estudios que profundicen en las políticas públicas orientadas a reducir los efectos del éxodo rural y su complejidad en los territorios rurales, especialmente en lo que respecta a la continuidad de las investigaciones en Arinos.

Palabras clave: Éxodo Rural; Masculinidades Rurales; Soltería; Ruralidades.

MEMORIAL

Meu nome social é Mau Fernandes de Sousa. Sou transgênero e me identifico também com a identidade transfeminina e Travesti, que é uma identidade própria da América Latina. Minha mãe é cearense e meu pai é um homem negro piauiense. Parte da minha família materna são agricultores e agricultoras. Parte da minha família paterna está envolvida com movimentos culturais e sociais na cidade em que eu moro, em Planaltina-Goiás, fica aproximadamente 40 minutos a Planaltina DF e 60min a Brasília DF. Estudei a vida inteira em instituições públicas. Possuo ensino médio segundo grau completo pelo Colégio Estadual de Planaltina - CEP Goiás (2012). Sou agroecóloga do curso superior de tecnologia em Agroecologia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília - IFB campus Planaltina-DF. Iniciando no segundo semestre de 2014 e me formando em 2019. Em 2022 passei no processo seletivo de mestrado acadêmico do Programa de Pós - Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural (PPG-Mader), pela Universidade de Brasília. Sou mestranda da turma 2022. Desejo trazer a visão dos meus estudos e da minha vivência para nossa pesquisa.

Ao longo da graduação atuei como monitora da componente curricular Comunicação e Extensão Rural no IFB campus Planaltina em 2016. Participei de quatro Vivências com Bases Agroecológicas no Assentamento Pequeno William-DF, participei das Semanas do Cerrado organizado pelo IFB campus Planaltina. Em 2016, através do edital de viagens para eventos científicos do IFB, viajei para Florianópolis - Santa Catarina e participei do seminário Gestão de estabelecimentos da Agricultura Familiar: avanços e desafios. Em 2017, participei da organização do evento do Brasília Agroecológica que aconteceu no Centro de Convenções Ullysses Guimarães. Participei da organização da feira do evento. Sendo o X Congresso Brasileiro de Agroecologia, VI Congresso Latino-americano e V Seminário do Distrito Federal e Entorno de Agroecologia. No mesmo evento, conseguimos publicar um artigo científico com apresentação de pôster. As autoras são Jéssica Rodrigues Pereira, Mau Fernandes de Sousa e Vania Costa Pimentel. O título é Vivências Agroecológicas no Assentamento Pequeno William, DF.

Atuei como bolsista no Projeto de Intervenção Pesquisa-ação - PIPA 2018, pelo Núcleo de Estudos em Agroecologia - NEA Candombá, sendo Ambientes de interação agroecológica e inovações no manejo da agrobiodiversidade em assentamentos rurais de Planaltina-DF, com saídas de campo no Assentamento Pequeno William-DF e outros assentamentos próximos. Através deste projeto pude contribuir como extensionista rural e

obter experiência profissional como agroecóloga. Ajudei nas pesquisas de campo, colhemos dados, reconhecemos paisagens, realizamos oficinas e pude através deste projeto realizar meu Trabalho de Conclusão de Curso - TCC. O trabalho de conclusão de curso - TCC corresponde com Avaliação de práticas agroecológicas de quatro propriedades agrícolas no Assentamento Pequeno William-DF, com o uso de indicadores de sustentabilidade. Minhas pesquisas geram em torno dos temas de Resiliência Socioecológicas de Agroecossistemas, indicadores de sustentabilidade, mudanças climáticas, reforma agrária e atualmente sobre identidade e questões de gênero, especialmente na área rural. Minha orientadora do TCC foi a Dra. Vania Costa Pimentel, na qual através da disciplina Comunicação e Extensão Rural me apresentou o tema indicadores de sustentabilidade. Inclusive a Dra. Vania compôs a banca do meu Exame de Qualificação no PPG-MADER - UnB, em 2023. Com contribuições valiosas para esta pesquisa. Sou grata.

O orientador Dr. Gustavo Meyer me fez o convite para participar do projeto da FAPEMIG sobre a masculinização dos homens solteiros da roça, como uma proposta etnográfica, nos meus primeiros meses no Mader, no entanto, eu teria que morar no Noroeste de Minas Gerais por alguns meses para iniciar a pesquisa com características etnográficas. Levei um determinado tempo para pensar cuidadosamente sobre a pesquisa. Eu impus algumas condições inicialmente, que seria delicado para mim investigar homens cisgêneros, que não fazia sentido naquele momento. Ao longo do semestre eu repensei e tive algumas conclusões que me motivaram a aceitar. Um lugar diferente da minha pesquisa da monografia, seria uma nova experiência para novas pessoas me conhecerem, e para evitar possíveis conflitos com a minha nova forma de me apresentar no mundo, me referindo a minha transição de gênero e o local que me conhecia anteriormente a minha afirmação, digo isso pela minha própria experiência no cotidiano.

Resido em Planaltina, no estado de Goiás, saí de lá para o distrito de Sagarana, em Arinos, no Noroeste mineiro. Antes, eu tive de me adaptar a esta forma de pesquisar. Eu já havia realizado um estudo de caso na minha monografia, mas sinto que a etnografia é uma experiência completamente sensível. Assim, como a palavra transição é comum na minha vida, eu também tive que mudar de tema, eu tive que me adaptar à nova proposta, eu tive que imaginar, pensar, refletir, analisar banco de dados com cada palavra-chave da pesquisa, para entender a dimensão na qual eu estava me inserindo, acadêmica e socialmente também. Me recordo que eu ficava a imaginar como seria o Noroeste de Minas Gerais, lia dissertações sobre Sagarana, observava o território pelas fotografias, entendia a história que era contada,

suas definições e inspirações. Parecia que até antes da qualificação eu ficava na curiosidade, na suposição, na falta de experiência, por não conhecer o local e as pessoas de lá.

Através da qualificação em 2023, tivemos um direcionamento da banca composta pela Dra. Monica Nogueira, Dra. Vania Pimentel e o Dr. Joaquim Pinheiro. Repleto de muitos detalhes, surgiu a ideia da pesquisa coparticipativa pensando na minha segurança em campo e para trocas diárias com um morador que conheça completamente Sagarana, assim surgiu minha parceria com o João Carlos de Freitas da Silva, que esteve presente comigo em campo, nos momentos de escuta, de diálogo, de questões e investigação sobre os homens solteiros da roça de Sagarana.

Segundo a Associação Nacional de Travestis e Transsexuais - ANTRA (2025), o Brasil é o país que mais mata e violenta pessoas transgêneros no mundo. A expectativa de vida de uma pessoa trans no Brasil é de 35 anos. Para não fugir dessa realidade, me apresento como uma pessoa transgênero que busca não pertencer a essas estatísticas tristes e para isso procuro seguir o caminho dos estudos em agroecologia e sociologia rural, conto com o respeito, ambiente acolhedor e de proteção. Acredito na educação para reverter toda situação de vulnerabilidade para as pessoas LGBTQIAPN+ e ações efetivas do Estado.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. População residente, por gênero e situação do domicílio em Sagarana -MG..... 18

Quadro 2. Mapeamento de homens solteiros residentes nas proximidades de Sagarana, realizado a partir de viagem de campo exploratória, em abril de 2023.....33

Quadro 3. Novo mapeamento de homens solteiros de Sagarana, realizado na pesquisa de campo, em setembro de 2023.....34

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANTRA	Associação Nacional de Travestis e Transsexuais
CBA	Congresso Brasileiro de Agroecologia
CINEBARU	Mostra Sagarana de Cinema
CEP	Colégio Estadual de Planaltina
CRESERTÃO	Centro de Referência em Tecnologias do Sertão
DF	Distrito Federal
DPG	Departamento de Pós-Graduação
FAPDF	Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal
FAPEMIG	Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais
FUP	Faculdade UnB de Planaltina
GO	Goiás
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IEF	Instituto Estadual de Florestas
IFB	Instituto Federal de Brasília
IFG	Instituto Federal de Goiás
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
LGBTQIAPN`+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexo, Pessoas no espectro Assexual, Panssexuais, e Pessoa Não Binária +
MG	Minas Gerais
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
NEA	Núcleo de Estudos em Agroecologia - Candombá
PIC	Projeto Integrador de Colonização
PIPA	Projeto de Intervenção Pesquisa-Ação
PPG-Mader	Programa de Pós Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural
RS	Rio Grande do Sul
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UNB	Universidade de Brasília

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Imagem do Núcleo urbano da Vila de Sagarana.....22
Figura 2. A geodésica da Vila no momento atual.....24
Figura 3. Pôster de divulgação do CineBaru na primeira e terceira edição..... 25
Figura 4. Letreiro do Cine Baru (2023).....26
Figura 5. Mapa do município de Arinos, no Noroeste de Minas Gerais, com destaque para o Distrito de Sagarana..... 27
Figura 6. Vista geral do Distrito de Sagarana em Arinos-MG.....28
Figura 7. Visita ao Parque Estadual de Sagarana.....31
Figura 8. Conversa informal com Diogo e Seu Agemiro em Sagarana..... 32
Figura 9. O copesquisador João Carlos.....35
Figura 10. Diálogo com Diogo Cruzeiro, na casa de seu irmão João Carlos.....52
Figura 11. A casa da família de Diogo fica na rua principal de Sagarana-MG.....53
Figura 12. O galinheiro de Dona Zélia e sua família..... 57
Figura 13. Diogo cruzeiro após nossa conversa.....60
Figura 14.Diogo no início do caminho ao Parque Estadual de Sagarana.....61
Figura 15. Diogo caminhando na trilha.....62
Figura 16. Diogo observando a Cachoeira do Boi Preto.....63
Figura 17. A linda Cachoeira do Boi Preto em Sagarana.....64
Figura 18. Seu Lili sendo entrevistado.....65
Figura 19. A autora em diálogo com seu Lili.....66
Figura 20. Seu Lili nos apresentando seu quintal.....68
Figura 21. Plantas do Seu Lili..... 69
Figura 22. A frente da casa de Seu Lili..... 70
Figura 23. Seu Lili nos apresentando sua bicicleta..... 71
Figura 24. João Carlos e Seu Lili em seu quintal.....72
Figura 25. Seu Lili em seu lote..... 73
Figura 26. Seu Lili e João Carlos no quintal..... 74
Figura 27. Rio Boi Preto de Sagarana-MG..... 75
Figura 28. Seu Ademar sendo entrevistado.....76
Figura 29. A autora e o Senhor Ademar.....79
Figura 30. A autora e Seu Ademar em sua casa.....81
Figura 31. Diney em seu trabalho da Escola de Sagarana.....86
Figura 32. Diney apresentando o sistema de hortaliças da Escola de Sagarana..... 90
Figura 33. As hortaliças da escola de Sagarana..... 92
Figura 34. Diálogo com Diney durante a apresentação da horta da escola.....98
Figura 35. Júnior na varanda da casa de sua mãe, Dona Sebastiana.....99
Figura 36. Retrato da autora com o senhor Wilson..... 103

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 - INTRODUZINDO A PESQUISA.....17
1.2 - PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVOS.....20
1.3 – O PERCURSO ATÉ O NOROESTE DE MINAS.....21
1.3.1 - História da Vila de Sagarana.....21
1.3.2 - O Distrito de Sagarana.....27
1.4 – ASPECTOS METODOLÓGICOS.....29
1.4.1 - Viagem de campo exploratória a Sagarana.....31
1.4.2 - Pesquisa coparticipativa (aspectos etnográficos em participação).....35
1.4.3 - A pesquisa de Campo.....38
CAPÍTULO 2 - ASPECTOS TEÓRICOS.....40
2.1 - ÊXODO RURAL FEMININO E MIGRAÇÃO SELETIVA, ENVELHECIMENTO E SUCESSÃO RURAL.....40
2.2 - CELIBATO, SOLTEIRICE.....43
2.3 - MASCULINIDADES.....48
CAPÍTULO 3 – OS HOMENS SOLTEIROS DA ROÇA NA VILA DE SAGARANA.. 51
3.1 - Diogo Francisco Cruzeiro.....51
3.1.2 - Trilha com Diogo à Cachoeira Boi Preto no Parque Estadual de Sagarana.....61
3.2 - Seu Lili (Diolino Gomes dos Santos).....65
3.3 - Seu Ademar (Ademar Alves da Silva).....75
3.4 - Carlinhos (Carlos Chagas de Andrade de Deus).....82
3.5 - Diney (Valdinei Pereira da Silva).....86
3.6 – Júnior (Júnior Fonseca da Silva).....99
3.7 – Wilson da Silva.....103
3.8 – Chico (Francisco Xavier Lisboa).....106
3.9 – Léo (Leonardo Batista Pereira).....110
CAPÍTULO 4 - CONSIDERAÇÕES:.....114
REFERÊNCIAS.....118
APÊNDICE 1 – Roteiro de entrevista.....122

CAPÍTULO 1 - INTRODUZINDO A PESQUISA

Os homens solteiros da roça representam a solteirice masculina que vivem na área rural, sob a ótica dos fenômenos rurais que são apresentados nesta dissertação. A princípio, quando me deparei com essa temática, eu sabia relativamente pouco sobre o êxodo rural, minha graduação em Agroecologia, me permitiu conhecer questões sobre reforma agrária, sociologia rural, extensão rural, conhecimentos específicos sobre práticas agroecológicas, vivências com bases agroecológicas do IFB e imersão em assentamentos de reforma agrária, não havia aprofundado conhecimentos sobre tais fenômenos anteriormente.

Ao longo do mestrado, e pelo tempo do desenvolvimento desta pesquisa, tive olhares distintos para o êxodo rural seletivo, não foi tão simples identificar a masculinização no território que iniciou essa investigação. Pela demografia ficou evidente que o fenômeno acontecia na Vila de Sagarana, no Noroeste Mineiro. No entanto, era preciso investigar os homens solteiros da roça para entender sua vida em suas respectivas dimensões socioeconômicas e socioculturais e relacioná-las com a organização social de Sagarana.

Iniciei revisando pesquisas e materiais com os fenômenos do êxodo rural, autores como Costa (2014), Froehlich *et al*. (2011), Camarano e Abramovay (1999), Bourdieu (2006; 2021), Meyer (2015), Carneiro (2001), trouxeram à luz do entendimento da masculinização, do êxodo rural seletivo pelas mulheres e pelos jovens, o envelhecimento da população rural e o risco à sucessão rural no Brasil. Logo, teoricamente, esses estudos me possibilitaram me preparar para o campo de pesquisa que durou aproximadamente dois meses em 2023.

Nesse sentido, o livro de Woortmann (1995), "*Herdeiros, parentes e compadres: Colonos do Sul e Sitiantes do Nordeste"*, explicou a princípio a evolução da teoria do campesinato e a teoria do parentesco, entre a profundidade de realizar uma etnografia em sua pesquisa de mestrado, com interlocutores desconhecidos por ela em os Sitiantes do Nordeste, e mais adiante no doutorado, a pesquisa etnográfica de sua origem natal em Os Colonos do Sul, trazendo sua sensibilidade e estudo profundo sobre parentesco naquele contexto e período.

Logo, tive duas visões sobre sua obra, a primeira leitura para a qualificação me possibilitou um conhecimento prévio sobre os aspectos desta pesquisa. A segunda leitura foi completamente profunda, eu já havia adquirido a experiência do trabalho de campo, foi uma confirmação dos aspectos etnográficos desta pesquisa, diante da teoria e adversidades comentadas por Woortmann. Tanto nessa obra, como em "*O camponês e o seu corpo"*, artigo de Bourdieu (2006), foram essenciais para entendimento das formas de reprodução social

camponesa, conectadas à realidade dos homens solteiros da roça no Noroeste de Minas Gerais.

O Noroeste de Minas Gerais é uma região repleta de riquezas naturais e tradições socioculturais, onde se encontra a Vila de Sagarana. A pesquisa aconteceu na Vila, em que investigou-se as implicações sociais em torno da vida dos homens solteiros locais. Os princípios da etnografia foram aplicados em campo, a convivência, a observação participante, a coparticipação foram características marcantes. Ainda que esteja em aberto o tempo e a continuidade por mim e o orientador Dr. Gustavo Meyer.

De acordo com o Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE/SIDRA, 2010), no quadro 1, o Distrito de Sagarana, localizado no Noroeste de Minas Gerais, tinha uma população total de aproximadamente 1.100 habitantes. A maior parte dessa população residia em áreas rurais.

Na área urbana, a quantidade de homens e mulheres era quase igual, apresentando um equilíbrio entre as identidades de gêneros. Já na zona rural, a população masculina era significativamente maior do que a feminina, indicando o fenômeno da masculinização rural.

Quadro 1. População residente, por gênero e situação do domicílio em Sagarana -MG.

Quadro - População residente, por gênero e situação do domicílio				
Variável - População residente (Pessoas)				
		Ano x Gênero		
	Situação do	2010		
Distrito	domicílio	Total	Homens	Mulheres
Pic Sagarana - Arinos (MG)	Total	1120	611	509
	Urbana	386	196	190
	Rural	734	415	319
Fonte: IBGE - Censo Demográfico				

Fonte: IBGE/SIDRA (2010).

O quadro presente ilustra essa situação, mostrando a proporcionalidade maior de homens na zona rural em comparação às mulheres, enquanto no núcleo urbano a proporção entre as identidades de gêneros se mantém equilibrada. Esse dado é fundamental para compreender as dinâmicas sociais e econômicas da região e sustenta o foco da dissertação nos homens solteiros que vivem na zona rural, com o recorte do fenômeno da masculinização rural e do envelhecimento da população.

Ao longo da pesquisa, foi necessário desenvolver um olhar mais específico para a identidade masculina, refiro-me à teoria das masculinidades da socióloga Raewyn Connell

(1995), em "*Masculinities".* Logo, a masculinidade rural dos homens solteiros da roça é vista em nível local como a "configuração de prática diante da posição do homem na estrutura das relações de gênero" (Connell, 1995, p. 188), incorporada ao contexto e ao território de Sagarana, em que justifica-se a pesquisa ao campo do desenvolvimento rural.

A presente pesquisa tem o intuito de aprofundar conhecimentos sobre masculinidades rurais e os fenômenos rurais incluídos no êxodo rural. Dessa forma, espera-se contribuir com conhecimentos científicos em antropologia rural, sociologia rural, ciências sociais e agroecologia. As questões diante desse tema, necessitam de uma visão mais sensível para políticas públicas acerca da população rural estudada.

Este primeiro capítulo é a contextualização da pesquisa, com apresentação ao território de Sagarana, no Noroeste de Minas Gerais. Em seguida, apresenta-se os aspectos metodológicos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com características e inspirações etnográficas, uma pesquisa coparticipativa, entre eu e João Carlos. Logo, é narrado o meu primeiro encontro na vila, com o primeiro mapeamento dos homens solteiros da roça. Posteriormente, foram selecionados os homens solteiros que se dispuseram a participar da pesquisa voluntariamente.

No segundo capítulo, são refletidos os aspectos teóricos da pesquisa. São apresentados os fenômenos rurais que são investigados. O êxodo rural foi explicado sob as conexões com os outros fenômenos nas regiões brasileiras e seus desdobramentos. Em Celibato, Solteirice, o diálogo se dá primordialmente com Bourdieu (2021), sob a análise da crise dos homens solteiros, desde 1960, em Béarn, na França. Em Masculinidades, reflete-se a evolução do conceito de masculinidades hegemônicas, proposta por Raewyn Connell (2013). Desta maneira, as seções estudadas nos guiam para o capítulo seguinte a respeito dos homens solteiros da roça.

O terceiro capítulo, são os homens solteiros da roça de Sagarana, em que encontram-se suas perspectivas de vida. São entrevistas que fazem parte de narrativas, sob a ótica de cinco categorias investigativas, como a família, organização do trabalho, economia e patrimônio, sociabilidade e vida afetivo-amorosa. O primeiro entrevistado foi o Diogo, o segundo o Seu Lili, o terceiro Seu Ademar, o quarto o Carlinhos, o quinto o Diney. O sexto o Júnior (*in memoriam*), o sétimo o senhor Wilson, o oitavo o Chico e o nono Léo.

Por fim, o quarto capítulo são as considerações de pesquisa e apontamentos para futuras pesquisas, bem como, afirmações.

1.2 - PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVOS

Aquilo que é concebido como mundo rural encontra-se em relativo esvaziamento populacional. Nesse cenário, o envelhecimento e a masculinização constituem fenômenos que vêm ocorrendo em muitos dos contextos rurais. Se por um lado aflora a preocupação acerca da reprodução social no campo, por outro fica insuficientemente esclarecido como os homens solteiros – supostamente resultados dos nossos tempos – estão se (re)organizando em contextos masculinizados, do ponto de vista do trabalho, da família, das sociabilidades, das relações amoroso-afetivas, dos projetos de vida, da relação com a natureza, enfim, da vida em suas múltiplas dimensões.

Trata-se de investigar o processo de masculinização que vem ocorrendo em diversos contextos rurais brasileiros, dentre eles a porção noroeste do Estado de Minas Gerais. Nesse cenário, a questão como esses homens solteiros da roça estão se organizando diante deste processo? aparece como essencial.

O objetivo maior foi aprofundar o conhecimento sobre as implicações sociais da solteirice rural no Noroeste de Minas Gerais. Os objetivos específicos buscaram compreender as possíveis implicações da vida solteira da roça sob os laços familiares, comunitários e laborais, assim como as estratégias e perspectivas de vida que se desdobram dessa nova condição. Analisaram as relações afetivas desses homens, a construção da sexualidade e as implicações sociais, culturais e psicológicas em jogo.

1.3 – O PERCURSO ATÉ O NOROESTE DE MINAS

O percurso deste capítulo representou simbolicamente a minha trajetória de Brasília, até Unaí, após um novo trecho até Riachinho-MG, município próximo, que chegou ao destino da Vila de Sagarana, no Noroeste Mineiro.

1.3.1 - História da Vila de Sagarana

A história contada sobre a Vila de Sagarana na nossa pesquisa, surgiu de uma sistematização de dados sobre o local e da minha convivência com a vila. Buscamos também, contarmos a história da vila com a visão dos movimentos socioculturais presentes no território, com reflexões e aproximações de como é vista a própria história definida por eles.

O sentido de sertão é refletido na dissertação de Fonseca (2015), ao analisar a construção histórica do Distrito de Sagarana, a pesquisa parte do aprofundamento do surgimento de assentamentos de reforma agrária, até o imaginário constituinte do território do Noroeste Mineiro. Sua pesquisa aponta para uma definição de Sagarana, analisada pelos próprios interlocutores da vila. Histórias locais, que revelam uma visão sobre o território.

A revolução verde desdobrou-se no que conhecemos hoje como agricultura convencional. A modernização da agricultura segue uma linha econômica que gera impacto ao meio ambiente. Muitas comunidades rurais tiveram que se adaptar ao sistema dos pacotes tecnológicos, por vezes, abandonando suas tradições e práticas culturais. Silva (2020) observa que o processo de modernização da agricultura afetou as práticas de diversos grupos camponeses, incluindo aqueles que vieram a constituir Sagarana, assim como as relações culturais e os modos de vida que possuíam em seus antigos territórios. Conforme a descrição histórica apresentada pelo *site* do Festival Sagarana (2025), o surgimento de Sagarana representa o início da quebra da estrutura fundiária na região.

Figura 1. Imagem do Núcleo urbano da Vila de Sagarana.



Fonte: A autora (2023), concedida pelo arquivo de fotografias de João Carlos.

Silva (2020) explica que Sagarana surgiu na década de 1970, sendo fruto de um Projeto Integrado de Colonização (PIC) que fez parte do Programa de Reforma Agrária do Instituto Nacional de Reforma Agrária (INCRA), implantado durante a ditadura militar, constituindo o segundo projeto de Assentamento Rural de Reforma Agrária do Estado de Minas Gerais. Fonseca (2015), ressalta que o Projeto Integrado de Colonização, teve origem no extinto Instituto Brasileiro de Reforma Agrária (IBRA), que veio se tornar o Incra posteriormente.

Segundo Silva (2020), as terras onde hoje estão o núcleo urbano de Sagarana, bem como as propriedades rurais que compõem todo o Distrito, constituíam parte de um latifúndio denominado Fazenda Boi Preto, que foi desapropriada pelo governo da ditadura militar devido à sonegação de impostos. Com esses aspectos, "o PIC localizado na antiga sede da Fazenda Boi Preto foi demarcado e o plano físico foi desenhado, considerando 208 lotes rurais, a sede também foi dividida em 208 lotes urbanos, cada um com cerca de 400 m²" (Fonseca, 2015, p. 110). Contudo, o plano não foi cumprido como combinado, acabando não preenchendo o número total de propriedades como previsto. O processo de seleção para a aquisição da propriedade evidenciou muitos impasses, conforme relatou a autora.

A pesquisa de Fonseca (2015), evidenciou que os moradores que vieram a constituir a vila, tiveram que criar o sentido de pertencimento ao território, já que os lotes e propriedades

vieram fazer parte de suas vidas depois daquele período em 1970. No entanto, a pesquisa também aponta que parte dos moradores beneficiados com um lote pelo PIC, são chamados de “urucuianos”, categoria nativa, para designar os agricultores e agricultoras que já pertenciam à região anteriormente. O outro grupo de moradores na vila, na época, era designado como “os chegantes”, vindo de outras cidades e regiões de Minas Gerais. Com esses aspectos, a autora realizou uma análise da identidade de Sagarana sob diferentes categorias analíticas, dentre as quais, a que se tornou mais importante para esta pesquisa foi a construção da identidade coletiva descrita por ela, em que a união de chegantes e urucuianos, se tornam povos.

Silva (2020) sintetiza que Sagarana é uma área de assentamento constituída por 4 regiões e um núcleo urbano, a vila, local de moradia de muitos e onde se encontram alguns dos poucos serviços administrativos, sendo que atualmente qualquer pessoa pode comprar sítios ou lotes, tanto na vila como na área como um todo.

Fonseca (2015) aponta que a renda per capita da população é baixa, originada principalmente da agricultura familiar e da pecuária leiteira. O *site* do Festival de Sagarana (2025) complementa informando que a população se sustenta principalmente pela pecuária leiteira, agricultura familiar e extrativismo de frutos do Cerrado, como o baru e o pequi. Silva (2020) menciona que outra fonte de renda para os moradores da vila é o serviço público municipal e estadual das unidades de ensino, de atendimento à saúde, o posto dos correios e do Instituto Estadual de Florestas - IEF.

O nome Sagarana foi herdado do título de uma das principais obras do escritor Guimarães Rosa. Segundo o *site* do Cinebaru (2025), o médico, diplomata e escritor João Guimarães Rosa inscreveu sua obra “Contos” num concurso em 1938, livro que viria a ser a primeira versão de Sagarana, coletânea com novas histórias publicada em 1946. De acordo com o site do Festival Sagarana (2025), Sagarana é a união do radical germânico Saga – que significa narrativa épica em prosa ou história com acontecimentos marcantes ou heróicos – com rana, de origem tupi, que quer dizer: à maneira de, típico ou próprio de. O *site* do Festival Sagarana (2025) destaca que o imaginário do escritor João Guimarães Rosa, marcado no próprio nome da Vila, sublinha a realidade das prosas, causos e ensinamentos de mestres e mestras dessa forma de ser.

O *site* do Festival de Sagarana (2025) caracteriza o território como possuidor de importantes ações em direção ao desenvolvimento sustentável e pesquisas em tecnologias sociais no cerrado, destacando o Centro de Referência em Tecnologias Sociais do Sertão – CRESERTÃO. Trata-se de uma organização não-governamental fundada em 2010, que

propõe demonstrar, divulgar e aplicar as Tecnologias Sociais – soluções de baixo custo e ecologicamente corretas, capazes de gerar trabalho e renda e melhorar a vida das comunidades. A organização apresenta uma nova proposta de desenvolvimento que une saberes populares dos moradores e conhecimento científico, funcionando em área cedida pelo IEF-MG, em Sagarana.

O *site* do Festival Sagarana (2025) descreve que fisicamente o local possuía diversas tecnologias sociais de permacultura aplicadas, experiências agroflorestais, luthieria, bambuzeria, geodésica, sala multiuso, praças de socialização e hospedaria. A figura a seguir representa a famosa geodésica de Sagarana no momento atual, parte da sede do IEF e respectivamente o CRESERTÃO na proximidade.

Figura 2. A geodésica da Vila no momento atual.



Fonte: A autora (2023).

Existe uma forte relação com a tradição por parte dos moradores de Sagarana, como as folias de Reis de matriz católica, bem como a valorização das culturas locais. O *site* do Festival Sagarana (2025) aponta que em Sagarana encontram-se mantidos modos de vida, saberes e ofícios tradicionais: quitandeiras e doceiras, benzedeiras, raizeiras, vaqueiros,

fiandeiras, tecelãs, a lida campesina, apicultura, artesanatos com bambu e luthieria de violas e violões.

Dentre os movimentos socioculturais que acontecem em Sagarana, está a mostra de cinema CineBaru. Segundo a história contada no *site* oficial do CineBaru (2025), a ideia surgiu do Coletivo Ecos do Caminho, em que alguns membros participantes do projeto Caminho do Sertão, através da convivência e ações coletivas na Vila, fundaram o CineBaru. O Caminho do Sertão, desde 2014, promove anualmente uma caminhada sócio-eco-literária da Vila de Sagarana até o Parque Nacional Grande Sertão: Veredas, quase 200km a pé numa mistura de folia de reis, trabalho de campo a partir da obra de Rosa, militância ambiental pela preservação do Cerrado e experimentação social atravessada por conceitos de turismo de base comunitária.

A primeira edição do CineBaru – Mostra Sagarana de Cinema ocorreu em outubro de 2017, conforme o *site* do Cinebaru (2025), com parceria entre entidades culturais, sociais, ambientais e políticas em Sagarana. Dessa forma, o CineBaru abriu inscrições para curtas-metragens de Goiás, Bahia, Minas Gerais e Distrito Federal, tentando contemplar ao máximo as produções para além das capitais.

Figura 3. Pôster de divulgação do CineBaru na primeira e terceira edição.



Fonte: A autora (2023), concedida pelo arquivo de fotografias de João Carlos.

A mostra contou com sua 9ª edição em 2025. É uma experiência enriquecedora participar do CineBaru, em que se pode aprender tanto com os projetos audiovisuais exibidos

em um telão a céu aberto, na Vila. Por sorte e coincidência, em 2023, pude participar dessa experiência. Aconteceu no momento da minha pesquisa de campo. Além disso, eu recebi o convite para compor o júri técnico da 7ª edição, em 2023, para minha surpresa e alegria. A Figura 4 representa o letreiro do CineBaru que é exibido em todas suas edições.

Figura 4. Letreiro do Cine Baru (2023).



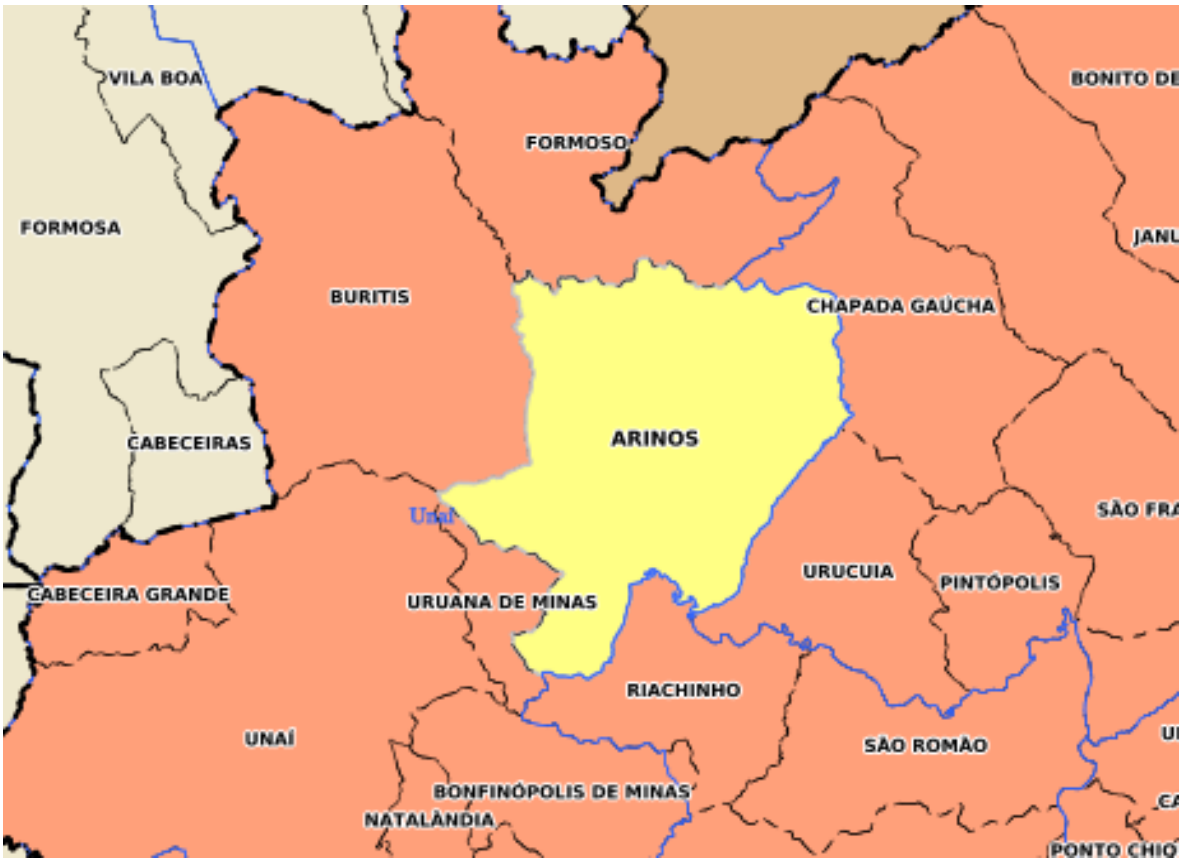
Fonte: A autora (2023).

Outro movimento cultural que acontece na Vila é o Festival Sagarana – Feito Rosa para o Sertão, segundo o site do Festival Sagarana (2025), nasceu junto com o 1º Encontro dos Parceiros do Vale do Rio Urucuia, em 2008, ano do centenário de nascimento do escritor João Guimarães Rosa. O Festival se concretiza com uma programação diversa, que une cultura popular, saberes e fazeres tradicionais do sertão e se articula com as comunidades rurais e das cidades do Vale do Rio Urucuia, além de pessoas e grupos de Minas Gerais e outros estados, constituindo uma rede de cultura e ruralidades.

1.3.2 - O Distrito de Sagarana

A Figura 5, representa o município de Arinos, no qual está localizado o Distrito de Sagarana. De acordo com o IBGE (2023), no censo de 2022, Arinos corresponde a uma população de 17.272 pessoas. Sendo a densidade demográfica, de 3,27 habitante por quilômetro quadrado.

Figura 5. Mapa do município de Arinos, no Noroeste de Minas Gerais, com destaque para o Distrito de Sagarana.



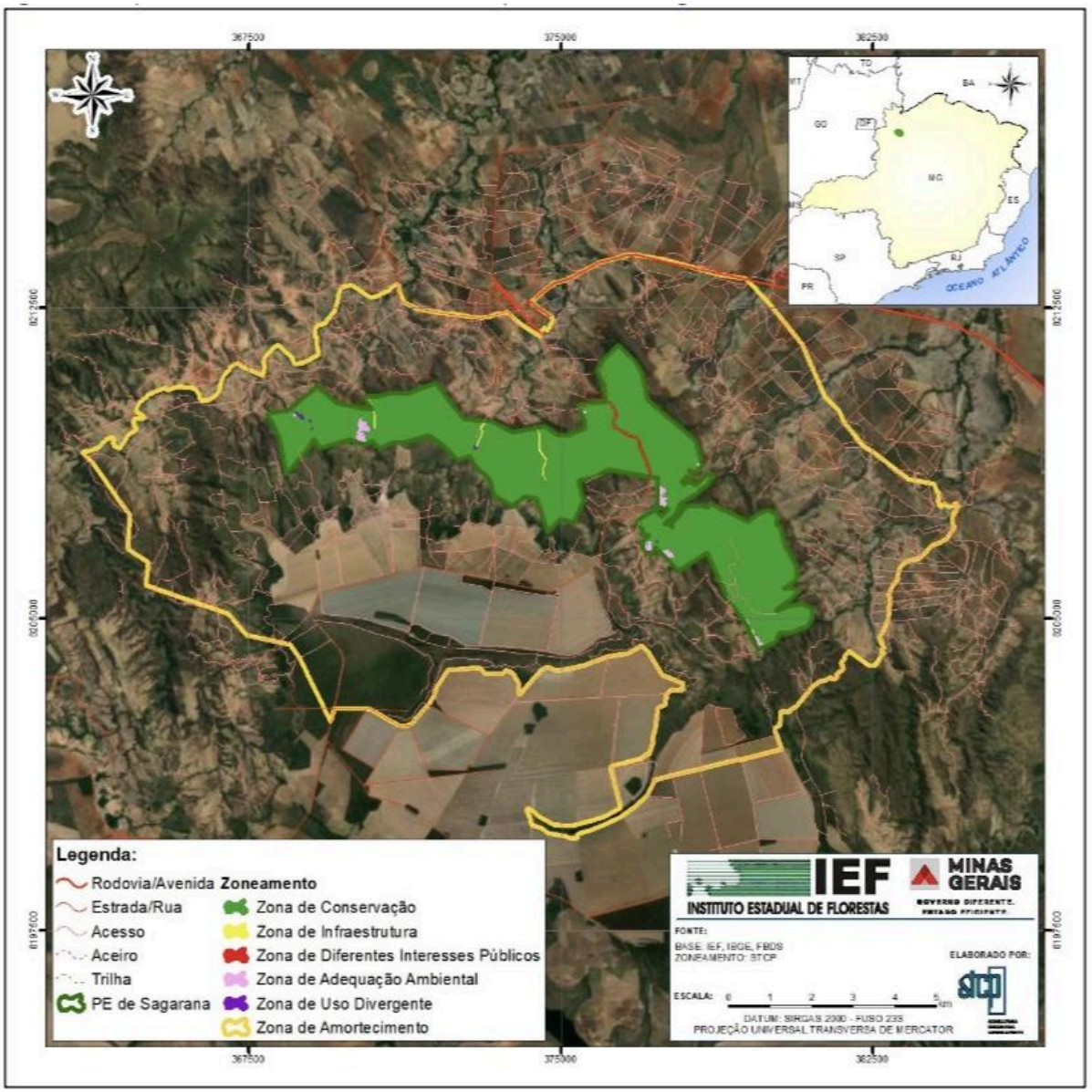
Fonte: IBGE, 2015.

"Sagarana está localizada no noroeste de Minas Gerais, distrito do município de Arinos, o sexto maior de Minas Gerais, compreende uma área de 5279,419 km quadrados" (FONSECA, 2015, p. 103).

"Já o distrito de Sagarana possui uma área geográfica de 352 Km^2. A bacia hidrográfica da região é formada pelos rios Urucuia e São Miguel, Ribeirão Marques, Ribeirão Boi Preto e Ribeirão da Ilha" (FONSECA, 2015, p. 103). A Figura 6 representa a localização do Distrito de Sagarana-MG (local da pesquisa).

Sagarana, imersa no Bioma Cerrado, integra uma região marcada pela presença de cachoeiras, nascentes e veredas. Vizinha ao povoado está o Parque Estadual de Sagarana, com 2.340,12 ha. É gerido pelo Instituto Estadual de Florestas - IEF (2023) e se destina à conservação da fauna e flora, pesquisa científica e educação ambiental. Com vegetação diversa, é composta por mata seca, porções de cerrado com mata de galeria e veredas e, ainda, importantes cursos d'água, como os Córregos do Boi Preto e Marques. Entre seus principais atrativos naturais estão a Trilha e Cachoeira do Boi Preto.

Figura 6. Vista geral do Distrito de Sagarana em Arinos-MG.



Fonte: Instituto Estadual de Florestas - Sagarana (2021).

1.4 – ASPECTOS METODOLÓGICOS

A presente dissertação apresentou características da pesquisa qualitativa, que analisou histórias de vida e interpretou dados subjetivos da realidade dos homens solteiros da roça no Noroeste de Minas Gerais, especificamente em Sagarana.

Creswell (2010) define a pesquisa qualitativa como uma abordagem metodológica que permite investigar e compreender os sentidos que pessoas ou coletivos conferem aos fenômenos sociais e humanos. O autor explica que essa modalidade de pesquisa caracteriza-se por questões e métodos que se desenvolvem ao longo do processo investigativo, pela coleta de informações no contexto natural dos sujeitos pesquisados, por uma análise que parte de elementos específicos para construir categorias mais amplas e pelas interpretações que o investigador desenvolve sobre o conteúdo analisado.

A pesquisa apresentou características da pesquisa descritiva. Gil (2002) caracteriza as pesquisas descritivas como aquelas que visam fundamentalmente apresentar as particularidades de uma determinada população ou fenômeno, ou ainda estabelecer conexões entre diferentes variáveis. O autor destaca que existe uma grande diversidade de estudos que se enquadram nessa categoria e aponta como uma de suas principais características o emprego de instrumentos estruturados para a coleta de informações, como questionários e observação sistematizada.

Por meio de conversa com informantes chaves empreendemos um mapeamento em Sagarana, com o intuito de localizar homens solteiros[1] entre 20 e 80 anos, preferencialmente que não tenham constituído matrimônio anteriormente.

Inicialmente, o local escolhido para a pesquisa foi Arinos, especificamente na Vila de Sagarana. Particularmente pela disponibilidade de alguns interlocutores solteiros poderem participar da pesquisa e por existir uma rede de apoio e parceiros em Sagarana, a pesquisa se restringiu ao Distrito.

Creswell (2010) conceitua a etnografia como uma abordagem metodológica na qual o investigador examina um coletivo cultural preservado em seu ambiente original por um tempo extenso, reunindo informações especialmente por meio de observações e conversas estruturadas. Creswell (2010) explica que o processo investigativo apresenta características

[1] O critério de seleção adotado em campo dos participantes solteiros, foram a idade, a localização, o tempo em que viveu a solteirice rural, sua relação com a agricultura e a disponibilidade dos homens solteiros em participar voluntariamente da pesquisa.

adaptáveis e evolui habitualmente de forma situada, respondendo às circunstâncias concretas identificadas no contexto empírico da pesquisa.

Em etapa subsequente, recorreu-se às características do método etnográfico para a geração de informações que nos permitiu adentrar, o quanto possível, às representações sociais, às formas de organização social, às sociabilidades e às estratégias de vida em jogo, entre outros aspectos. De outro modo, tal método foi instrumento para acessar conceitos e categorias locais que são operadas nesse modo de organização da vida social.

Inicialmente, para a pesquisa, os dados foram gerados por meio de uma pesquisa bibliográfica e sistemática no intuito de levantar artigos, monografias, dissertações, relatórios, arquivos, entre outros, que abordassem sobre masculinização rural e envelhecimento. Esta investida inicial contribuiu também para o levantamento de informações acerca da realidade das comunidades rurais que apresentam índices de masculinização. Devido às circunstâncias, a falta de aprofundamento da pesquisa na realidade dos homens solteiros da roça, se deu pelo agravamento da minha saúde mental que impossibilitou novos encontros com os interlocutores.

De um modo geral, buscou apreender como esses homens percebem o mundo, pensam e orientam suas práticas cotidianas e a relação com outros agentes. Para tanto, no âmbito da pesquisa qualitativa, recorremos às observações simples e participante, à análise documental e às entrevistas abertas, em profundidade e semi-estruturadas, sendo que as formas primárias de registro de informações e reflexão foram: o diário de campo; as gravações de áudio e as fotografias.

1.4.1 - Viagem de campo exploratória a Sagarana

Nessa incursão exploratória[2], minha em conjunto com Gustavo, fomos recebidos por Carlos e Rhaul, à época um casal, já interlocutores de Gustavo em tempo pregresso. João, residindo em Sagarana, confeccionava objetos de cerâmica com maestria, inclusive, tendo nos oferecido uma oficina prática sobre o ofício. A experiência me extasiou. Eles também foram muito receptivos ao me apresentarem, conduzindo-me por entre trilhas, o Parque Estadual de Sagarana, para que eu conhecesse um famoso córrego da localidade, o Boi Preto, com uma exuberante cachoeira (Figura 7). Esses pequenos gestos de acolhimento de João e Rhaul, afortunada e gradativamente, foram permitindo que eu me ambientasse em Sagarana, não me eximindo, entretanto, dos desconfortos que aparecem nas primeiras incursões em campo.

Figura 7. Visita ao Parque Estadual de Sagarana.



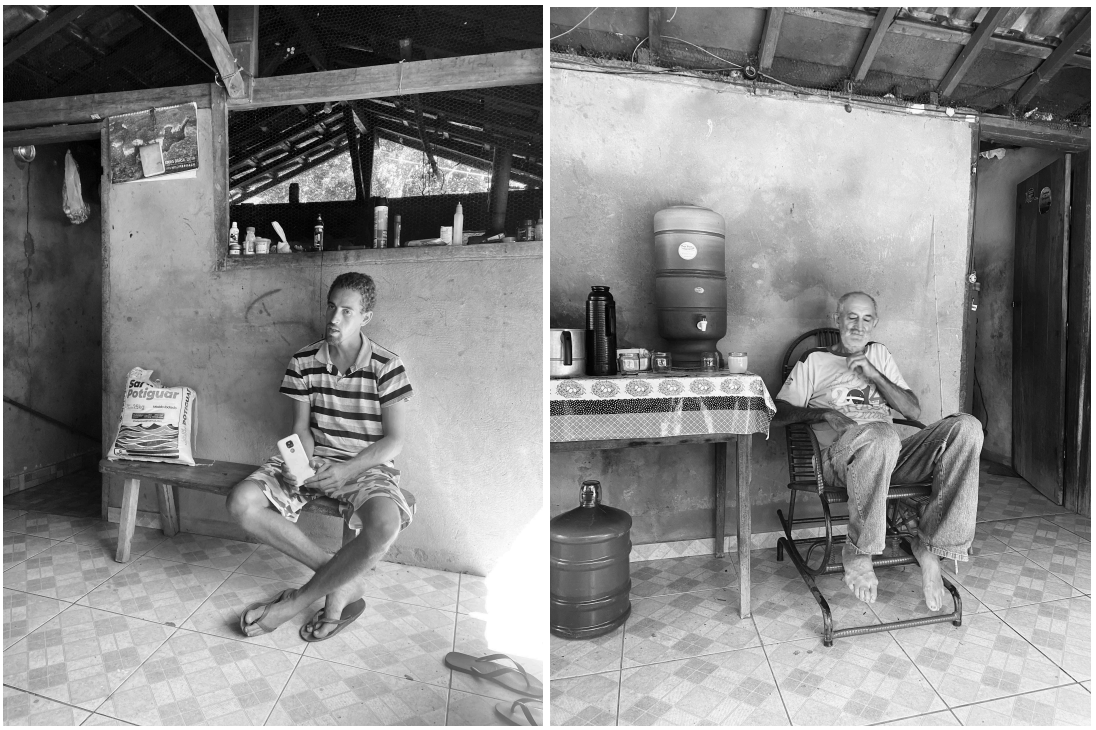
Fonte: A autora, abril de 2023.

Coincidentemente, nesses dias, foi possível ir a uma festa de Folia, organizada por uma família de amigos de João em Sagarana. E as possibilidades de experienciar o local não cessaram por aí. Fui apresentada ao Seu Agemiro (presente na Figura 8), um senhor de sagarana, de uns 70 anos, que frequentemente atua como uma espécie de representante da Vila para pessoas de fora. A ocasião permitiu que Gustavo pudesse expor alguns elementos

[2] Realizada nos dias 14, 15 e 16 de abril de 2023.

relacionados ao que se pretendia com a pesquisa, de modo a justificar nossa presença ali. A ideia era aproveitar a ocasião para tecer uma espécie de mapeamento, valendo-se das informações de João, seu irmão Diogo (por sorte do acaso, um solteirão e futuro interlocutor da pesquisa), Rhaul e, principalmente, Seu Agemiro, cuja esposa havia recentemente se mudado para Brasília. Foi muito importante perceber que eles, ao seu modo, se identificavam com a pesquisa e que, segundo seu relato, existem muitos homens solteiros no entorno dali. Em outras palavras, para meu alívio, geravam-se evidências de que o fenômeno da masculinização realmente acontece ali (Quadro 2).

Figura 8. Conversa informal com Diogo e Seu Agemiro em Sagarana.



Fonte: A autora, abril de 2023.

Quadro 2. Mapeamento de homens solteiros residentes nas proximidades de Sagarana, realizado a partir de viagem de campo exploratória, em abril de 2023.

Nome	**Idade**	**Comunidade/Cidade**
1. Marinho	Não informada	Ponte da ilha
2. Joaquim	70 anos	Uruana – MG
3. Seu Lili	70 anos	Sagarana – MG
4. Nelson	50 anos	Sagarana – MG
5. Carlinho	50 anos	Sagarana – MG
6. Neco	60 anos	Uruana – MG
7. Douglas	33 anos	Ponte pasto dos bois
8. Cauã	26 anos	Riachinho
9. Carlinho 2	25 anos	Fazenda depois de 5 irmãos
10. Mantinho	60 anos	Sagarana – MG
11. Irmão do Beto	50 anos	Sagarana – MG
12. Juraci	60 anos	Sagarana – MG
13. Coito	40 anos	Sagarana – MG
14. Rubens	45 anos	Sagarana – MG
15. Ailton	50 anos	Sagarana – MG
16. Beto	50 anos	MST
17. Jomar	50 anos	Sagarana – MG
18. Léo risada	40 anos	Sagarana – MG
19. Zé Braga	60 anos	Sagarana – MG
20. Diogo (informante)	25 anos	Sagarana – MG

Fonte: elaboração da autora (2024).

Quadro 3. Novo mapeamento de homens solteiros de Sagarana, realizado na pesquisa de campo, em setembro de 2023.

Nome	Idade	Comunidade/Cidade
1. Diogo	28 anos	Sagarana-MG
2. Seu Lili	82 anos	Sagarana – MG
3. Seu Ademar	72 anos	Sagarana – MG
4. Carlinho	20 anos	Sagarana – MG
5. Diney	29 anos	Sagarana – MG
6. Júnior	35 anos	Sagarana – MG
7. Wilson	65 anos	Sagarana - MG
8. Seu Tião	75 anos	Sagarana – MG
9. Chico	64 anos	Sagarana – MG
10. Léo Risada	39 anos	Sagarana – MG

Fonte: elaboração da autora (2024).

1.4.2 - Pesquisa coparticipativa (aspectos etnográficos em participação)

Desde a qualificação ocorreu um direcionamento no sentido de tornar a pesquisa em uma pesquisa coparticipativa pensando na minha segurança em campo enquanto transgênero, e para proporcionar uma melhor inserção em campo em Sagarana, assim surgiu uma parceria com João Carlos de Freitas da Silva (na Figura 9), que esteve presente comigo em campo, nos momentos de escuta, de diálogo, de questões e investigação sobre os homens solteiros da roça em Sagarana.

Figura 9. O copesquisador João Carlos.



Fonte: Retirada de seu portfólio artístico concedido por ele (2025).

João Carlos, foi concebido pelas mãos da parteira Dona Sabina no distrito de Sagarana, onde vive atualmente. É autista, cerratense, poeta, sertanejo, educador, arte-educador, artista, ex-caminhante do caminho do sertão, produtor e membro fundador do CineBaru. Em 2023, era presidente do Cresertão. Possui graduação em Licenciatura em Dança pelo Instituto Federal de Goiás - IFG.

A participação de João Carlos na pesquisa se deu de modo a lembrar a pesquisa coparticipativa, uma abordagem de investigação social em que pesquisadores e participantes constroem conjuntamente as etapas da pesquisa — desde a formulação do problema, passando pela definição de métodos, produção dos dados e análise (Thiollent, 1988; Sousa; Batista, 2009, p. 114). Ainda que João Carlos não tenha sido um dos solteirões escolhidos para a pesquisa, afinal João Carlos já transitava em diversos universos sociais, sua imersão prolongada em Sagarana – ele era um verdadeiro nativo – me permitia não somente acessar uma rede de interlocutores ali, mas também conseguir problematizar com mais profundidade determinados aspectos dos homens solteiros e do modo de viver em Sagarana. Além disso, João Carlos participou também da formulação do problema de pesquisa e da problematização de seus resultados no decurso da investigação em campo e após. Dessa forma, se a pesquisa, por um lado, recorreu à observação participante enquanto método, envolvendo interação direta com a comunidade, por outro lado, dialogou também com elementos da pesquisa coparticipativa, entretanto em um formato muito particular, cujo sentido inicial foi a proteção da minha presença trans.

Em seguida, foram elaboradas as categorias e temas escolhidos sobre a realidade dos homens solteiros da roça no Noroeste mineiro para a pesquisa de campo em Sagarana. A investigação se deu pensando-se como entrada os temas da família, organização do trabalho, economia e patrimônio, sociabilidade e vida amorosa. Foram elaboradas 49 questões em torno desses temas, além dos aspectos socioeconômicos do homem solteiro da roça. A seguir, descrevo brevemente e apresento os aspectos relacionados a esses temas

1.4.2.2 - Família

A partir desta categoria é possível pensar nos laços familiares dos homens solteiros da roça, como se desdobram as conexões familiares. Se moram com a família materna ou paterna, ou se moram sozinhos. Se possuem contatos com os familiares e como acontece essa relação. Sobretudo, pretende-se entender como estes interlocutores constroem/adaptam/fundam/reproduzem um padrão de família em que a solteirice se dá.

Se estes homens estão solteiros, talvez um outro padrão de família se estabeleça, o que potencialmente implica em modificação das estratégias matrimoniais, na forma de socialização para o trabalho, nas formas de ajuda entre indivíduos no campo, na transmissão do patrimônio e do conhecimento etc. Como é essa nova família? Esse padrão é de fato novo?

1.4.2.3 - Organização do trabalho

A partir deste tema, pode-se pensar a distribuição de trabalhos ao longo do ano, Se há muita concentração de trabalho em algumas épocas do ano, buscando equilíbrio.Assim, é necessário entender os tipos de trabalhos que ocorrem no campo do noroeste mineiro e como estão inseridos com as atividades. Se o trabalho rural de camponeses tradicionais se dava em torno da família, da comunidade e da pluriatividade, como ele se dá agora então? Se há diferenças significativas?

1.4.2.4 - Economia e patrimônio

A sustentabilidade econômica refere-se à renda estável ao longo do tempo. Analisar as estratégias econômicas e a forma de sustentação material da vida, podem dizer muito sobre as estratégias mais gerais dos homens solteiros. As atividades rurais, autônomas, os canais de comercialização de produtos agrícolas e não agrícolas, bem como artesanatos, às cooperativas, fazem parte da economia rural mineira.

Ao ler *"Herdeiros, parentes e compadres: Colonos do Sul e Sitiantes do Nordeste"* de Woortmann (1995), nota-se como casas, chácaras, terrenos e animais, são patrimônios passados entre gerações, mas que geralmente estão associados ao casamento como uma forma de reprodução social local e que irá garantir tal aquisição como herança. Assim, quanto aos homens solteiros do noroeste de Minas, como mantêm seu patrimônio e quais estratégias usam para manter os seus próprios bens? Eles têm acesso a créditos externos, possuem dívidas? Como se organizam diante de cada condição que se encontram? Quais fontes de renda usam para se manter no meio rural? São questões relevantes para entender a autonomia econômica dos homens solteiros da roça e da comunidade que estão inseridos.

1.4.2.5 - Sociabilidade

Em abril de 2023, estivemos em Sagarana e no final de semana do dia 15 aconteceu a folia, que foi um momento de celebrar com um grande almoço na casa de uma família de lá, esse momento é uma boa representação de sociabilidade, porque são várias pessoas da vila se encontrando, como uma tradição popular.

Para esse tópico, busca-se compreender como cada solteiro da roça desenvolve a sua sociabilidade. Como participam socialmente, agora na condição de homem solteiro, da

comunidade ou do município em que residem? Se a sociabilidade do camponês tradicional ocorre em torno da família e da comunidade, que elementos de sociabilidade são importantes na vida destes homens? Será que agora a sociabilidade se dá no plano mais institucional (escola, trabalho assalariado etc.).

1.4.2.6 - Vida afetivo-amorosa

Da mesma forma que a família, a sociabilidade e o trabalho acabam sendo ajustados às dinâmicas sociais contemporâneas e suas transformações, o mesmo provavelmente ocorre em relação à vida afetivo-amorosa. Como e o que ocorre nesse sentido que é percebido como relevante pelos interlocutores da pesquisa?

1.4.2.7 - Análise dos dados

Os dados foram analisados a partir da revisão sistemática do caderno de campo e das entrevistas, assim como do agrupamento e categorização de temas relevantes apontados pelos interlocutores de pesquisa. Foi feito o contraste entre as referências teóricas sobre o tema (Capítulo 2) e o material empírico gerado na pesquisa de campo, no sentido de produzir reflexões relevantes sobre a solteirice rural no Distrito de Sagarana. Nesse sentido, a reflexividade fez parte constitutiva da pesquisa.

1.4.3 - A pesquisa de Campo

Minha viagem de campo para a Vila de Sagarana iniciou em setembro de 2023, saí completamente sozinha ao território. Foram algumas horas de viagem de Brasília até a Vila. Lembro que no caminho da viagem iniciou minha experiência, finalmente, os primeiros passos estavam se concretizando para o campo de pesquisa. Estive completamente imersa àquela experiência de ser uma pesquisadora em ação investigando pessoas que estavam me conhecendo e que me permitiram conhecê-las na Vila.

Fiquei hospedada em dois diferentes locais em Sagarana. Primeiramente, em setembro de 2023, hospedei-me por 15 dias na casa de João Carlos e Rhaul. Na sequência, em outubro de 2023, fui recebida por Dona Zélia, mãe de João Carlos, em sua casa, local onde permaneci por mais trinta dias.

A pesquisa se concentra principalmente nas implicações de vida dos homens solteiros da roça, mas a minha experiência em Sagarana foi mais que entrevistá-los, eu estive lá, com minha presença, com minha atenção, com minha observação, havia momentos em que eu apenas me permitia observar o cenário da Vila, eu me esforçava para andar pela Vila, para observar as pessoas de lá. Interagindo com elas espontaneamente, houve momentos de trocas em que foram significativos para mim como pesquisadora, num cenário de estar totalmente imersa à observação participante e procurando com o João Carlos, perfis de homens solteiros que se disponibilizassem a serem entrevistados (no quadro 3, são os homens que se dispuseram a participar da presente pesquisa). Até que ao decorrer dos dias em campo, tudo começou a tomar corpo, até realizarmos nove entrevistas com homens solteiros da roça na Vila de Sagarana.

CAPÍTULO 2 - ASPECTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, apresenta-se uma revisão bibliográfica a partir de estudos clássicos e recentes, pesquisas nacionais e internacionais, destacando suas contribuições e lacunas para a compreensão dos fenômenos rurais que são apresentados. Trata-se de uma revisão sistemática que abrange a vida e as relações sociais dos homens solteiros da roça desta pesquisa a partir da ótica da sociologia rural e antropologia rural.

2.1 - ÊXODO RURAL FEMININO E MIGRAÇÃO SELETIVA, ENVELHECIMENTO E SUCESSÃO RURAL

O êxodo rural é um fenômeno recorrente nas últimas décadas, gerando preocupação com a impermanência dos camponeses. Como comprovado, o êxodo provoca outros fenômenos rurais, causado pelo desequilíbrio demográfico da população do campo, como a masculinização rural, o êxodo seletivo feminino e dos jovens, o envelhecimento da população rural e o risco à sucessão rural. Para esta seção, demonstramos as pesquisas que contribuíram ao longo dos anos com essas questões, autores que trataram desses temas pelas regiões brasileiras com suas próprias especificidades.

Camarano e Abramovay (1999), em uma análise do panorama dos últimos 50 anos sobre os efeitos do êxodo rural no Brasil, como envelhecimento e masculinização, demonstram em estatísticas, a expressividade desses fenômenos. Ao iniciar pelo conceito de desruralização[3], ficou evidente que a zona rural no Brasil estava diminuindo. Cada região brasileira, Nordeste, Norte, Centro-Oeste, Sudeste e Sul, apresentou valores diferentes de evasão, nos 50 anos analisados. O Nordeste apresentou maior expressão na média nacional do êxodo rural, principalmente no período de 1990.

Essa pesquisa de Camarano e Abramovay (1999), é fundamental para se entender a dimensão do êxodo rural, do envelhecimento e masculinização rural. A elaboração de análises estatísticas de forma ampla com o censo demográfico do IBGE e ao especificar os fenômenos recorrentes a cada região brasileira. Ao considerar o apontamento final da pesquisa sobre a diminuição expressiva do êxodo rural nas regiões Sul e Sudeste, na década de 90, outro efeito se desdobrou na região Sul, após pesquisas posteriores, como apontam

[3] Ver Abramovay e Sachs (1996), *Nouvelles configurations villes campagnes.*

pesquisas de Marin (2008), Froelich et al. (2011) e Costa (2014), com o aumento do índice de masculinização, envelhecimento e migração feminina na zona rural.

Para refletir sobre a masculinização rural, de acordo com Camarano e Abramovay (1999), é necessário iniciar pela questão do êxodo rural e das pessoas que tendem a sair com mais frequência do campo, no caso as mulheres e os jovens, fenômeno chamado de êxodo rural seletivo. Se os homens estão permanecendo no campo, não havendo presença de diversidade de gênero, significa que está ocorrendo o processo de masculinização rural. Trata-se de um fenômeno que acontece especificamente no campo e pode ocorrer de forma gradual ou intensificada, a depender do território e da população rural. Por isso, a ocorrência do êxodo rural reflete as perspectivas sobre o futuro do território e as estratégias de vida diante desse fenômeno. O envelhecimento na zona rural e o risco à sucessão rural estão relacionados ao êxodo rural, tanto pela população jovem, como pelas mulheres. À seguir, abordo o êxodo seletivo por esses grupos.

O êxodo seletivo por jovens significa que a juventude rural está migrando às áreas urbanas com frequência, abandonando a vida no campo. Dessa forma, desencadeia-se outro fenômeno rural, o envelhecimento da população rural. "Nas condições rurais, o envelhecimento populacional é intensificado pelo êxodo seletivo dos jovens, fenômeno social que marca o período mais recente" (Froehlich *et al*., 2011, p. 1675). O êxodo seletivo feminino significa que as mulheres estão migrando para os centros urbanos por razões sociais e pessoais diversificadas. Camarano e Abramovay (1999, p. 14) levantaram possíveis hipóteses sobre a saída de mulheres da área rural, em que pesquisas em décadas posteriores apontaram para as características do fenômeno. Dentre elas, descreveram que as mulheres jovens, sendo desvalorizadas na gestão da propriedade e na execução do trabalho rural, se deslocam para áreas urbanas para estudar, e acabam não retornando para o campo. Outra motivação, entretanto, corresponde à atração pela vida nas cidades, neste caso não somente pelas mulheres, mas pelos jovens em geral.

Costa, Froehlich e Carpes (2013, p. 465) analisam o processo de masculinização da população rural nos diferentes sistemas agrários do Rio Grande do Sul. É um estudo que recorre a dados censitários do IBGE, de 1950 a 2007, envolvendo nove sistemas agrários no estado. A partir disso, constatou-se o processo de masculinização nas diferentes regiões estudadas. Os autores refletem sobre o êxodo rural seletivo por parte das mulheres ao longo dos anos. Ficou evidente que a modernização da agricultura (a implementação de pacotes tecnológicos desde 1960 nos sistemas agrários), mesmo que de forma indireta, contribuiu para o processo de masculinização na zona rural. "As regiões pecuaristas são as que

apresentam maior porcentagem de homens, enquanto aquelas caracterizadas pela agricultura familiar e pelos sistemas produtivos intensivos possuem as menores proporções" (Costa; Froehlich; Carpes, 2013, p. 465).

Costa, Matos e Valle (2015, p. 274) realizaram uma análise dos processos de masculinização no meio rural dos municípios brasileiros segundo porte populacional e grau de modernização da agropecuária. A metodologia adotada trata-se do Índice Municipal de Modernização da Agropecuária - IMO. O principal argumento da pesquisa refere-se ao impacto da agricultura convencional que aumenta gradativamente o nível de masculinização no meio rural. Segundo os autores, os municípios brasileiros com maior porte populacional são os maiores afetados pelo fenômeno. Sobre as classificações do IMO, constatou-se que a região Centro-Oeste possui maior índice de masculinização rural. De acordo com a pesquisa, a região do Oeste Baiano e Noroeste Mineiro, são regiões de médio e muito baixo IMO. No entanto, a construção histórica do Distrito de Sagarana, localizada no Noroeste de Minas, aponta para outra realidade, sendo que sofreu impacto com a modernização da agricultura, muitos moradores deixaram de usar seus conhecimentos tradicionais para se adaptar ao pacote tecnológico. Como constatamos na nossa pesquisa, e de acordo com o censo demográfico do IBGE, tanto em 2000 quanto em 2010, havia predominância de homens na área rural de Sagarana, o que aponta para nossa hipótese da masculinização rural.

A pesquisa de Bonomo, Almeida e Rodrigues (2023, p. 209), investigou o processo de identificação psicossocial entre jovens rurais do Espírito Santo, com ênfase na migração campo-cidade e sucessão rural. É um estudo de caráter qualitativo e descritivo-exploratório, com análise de dados do *software iramuteq* pela Classificação Hierárquica Descendente. Foram feitas a análise de dois grupos de interlocutores, um dos jovens que permaneceram no campo e o outro que migraram para a cidade. A pesquisa constatou que os jovens rurais buscam nas cidades melhores oportunidades de emprego e acessibilidade aos recursos da cidade. Muitos jovens saíram do campo com expectativas de uma vida melhor e acabaram morando em lugares distantes dos centros urbanos e enfrentando dificuldades. Evidenciou que os jovens rurais em áreas urbanas sofreram preconceito ou outro tratamento por serem do campo. Como relata um interlocutor, existem pessoas da cidade que se sentem superiores às do campo, o que dialoga com o conceito de *empayasant* de Bourdieu (2021), veremos na próxima seção 2.2. No mais, os grupos enxergam vantagens e desvantagens sobre permanecer e sair do campo. Do grupo que permaneceu, existe a valorização da sociabilidade no campo e o seguimento da agricultura familiar. Segundo as autoras, a identidade camponesa dos jovens é valorizada por eles próprios, mesmo os que praticaram o processo migratório.

Para Santos, Knox e Aquino (2024), a sucessão de jovens rurais ao ofício de agricultor é impedida pela falta de infraestrutura e acesso à terra. A pesquisa tem sua inclinação ao incentivo de políticas públicas para o município estudado em Pedro Velho, no Estado do Rio Grande do Norte, no Nordeste. “57% dos jovens entrevistados tendo melhores condições de trabalho e renda na agricultura, permaneceria no campo” (Santos; Knox; Aquino, 2024, p. 13). Nesse sentido, demonstram que os jovens possuem interesse pelas práticas agrícolas, mas questões estruturais podem impedi-los de permanecerem no campo. Se assemelha o posicionamento das autoras, com esta pesquisa, em que há falta de acesso às políticas públicas rurais pelos homens solteiros da roça em Sagarana, assim como o sentido da reprodução social explicada pelas autoras, que dialoga com o patrimônio e o trabalho familiar.

Diante dessa seção, se mostrou evidente que o êxodo rural está conectado com todas as questões analisadas e a razão desses fenômenos é complexa e estrutural. Além das questões demográficas, que são fundamentais para enxergar com amplitude as regiões brasileiras, os dados qualitativos e empíricos são necessários para entender a complexidade humana e as relações de gênero no campo. A seguir, trataremos do celibato e da solteirice.

2.2 - CELIBATO, SOLTEIRICE

O celibato e a solteirice rural constituem fenômenos que abrangem dimensões socioeconômicas, culturais e afetivas na zona rural. O celibato é um fenômeno que foi observado desde antigamente, que já apresentou ser um fator de risco à reprodução social das comunidades camponesas, como veremos adiante. A pessoa solteira na área rural, pode escolher abertamente essa condição, no entanto, em alguns casos, muitos homens se tornam solteiros pela configuração social em que estão inseridos, não sendo apenas por uma questão de escolha, mas atravessadas de estruturas que os destinaram a serem solteiros. Ao apresentar os homens solteiros da roça da vila de Sagarana, demonstramos com exemplos neste tópico, casos em que o celibato e a solteirice, se tornaram casos de investigações científicas, para que nossa questão de pesquisa se tornasse relevante.

A obra póstuma de Pierre Bourdieu (2021), em *“O baile dos celibatários”*, retrata os estudos, que se iniciaram no contexto de 1960, na cidade de seu nascimento, em Béarn, na França. O retrato da solteirice, especialmente do celibato observado por ele, é o que foi demonstrado nesta pesquisa. As regras sociais do sistema de trocas matrimoniais de

antigamente, é refletida de forma profunda, contextualizada, com contradições e regras rígidas da época, ao destino dos filhos primogênitos[4] e dos filhos cadetes[5]. Regras, como a posição social, a posição do nascimento dos filhos e da organização social das famílias influenciavam o futuro dos filhos camponeses. No caso do matrimônio de antigamente, não era uma escolha individual, mas seguida de um acordo coletivo estritamente planejado.

O baile dos celibatários é o retrato de um baile que acontecia na cidade de Béarn, que serviu de exemplo, para apresentar a crise dos celibatários. Bourdieu (2021), descreveu que era um evento de celebração, em que as pessoas das Aldeias e do Burgo dançavam e se encontravam, no entanto, sua observação parte da problemática dos celibatários que formavam uma fila no canto da pista de dança, e não dançavam. Neste caso, dançavam apenas as pessoas casadas, e as moças com os homens citadinos[6]. Os celibatários apenas observavam e interagiam com eles próprios. Esse cenário serviu de exemplo para a análise de Bourdieu.

O celibato, por sua vez, se apresenta como um destino que parte de muitas configurações naquele sistema observado por ele. Sendo os laços de parentesco, e suas condições socioeconômicas, determinantes nesse processo. Os camponeses que vivenciaram o celibato, já se relacionaram amorosamente, sentiram vontade de construir matrimônio, mas suas condições econômicas eram incompatíveis com a manutenção da construção de uma família. Bourdieu (2021, p. 47), demonstrou, em casos que famílias de origem modestas intervieram e decidiram o futuro do filho primogênito à viver o celibato. Bourdieu (2021, p. 52) descreveu que as regras sociais eram rígidas antigamente, houveram casos em que a Igreja Católica também influenciava o destino dos camponeses ao matrimônio, mesmo sendo a união de famílias de posições sociais distintas. Trazendo o exemplo francês e comparando a Sagarana, são contextos totalmente distintos. Mas que existem regras sociais em ambos os locais, o celibato desempenhado pelos homens solteiros, especialmente os mais velhos, também se repete em Sagarana. As transformações sociais diante da reprodução social, especialmente a herança, se distinguem, pelo fato de muitos homens solteiros terem migrado para a vila, e pela construção do espaço rural ser totalmente distinta.

Enquanto em Béarn, Bourdieu (2021), descreveu o sistema matrimonial de antigamente com anomia, devido à crise dos celibatários. Sua análise aponta para as relações de gêneros no sistema matrimonial, diferenciando relações entre camponeses da aldeia e do

[4] Filho mais velho da família em que geralmente recebe a herança principal.
[5] Outros filhos da família, que não possuem o direito principal à herança, com vidas sociais distintas.
[6] Refere-se a pessoas de contextos urbanos.

vilarejo, e casamentos entre grupos relativamente próximos, com relações externas, como em outras cidades e países. Ao seu modo, a análise constata que o sistema matrimonial de antigamente se enfraqueceu internamente, havendo casos significativos de casamentos de citadinos com moças da aldeia e do vilarejo e por vezes, aumentando o número de celibato, principalmente entre primogênitos. Nesse sentido, foram apresentados variados tipos de celibatários, com variadas profissões, desde grandes proprietários de terras até cuidadores familiares. Segundo o autor, a condição de permanecer no celibato era para o homem solteiro com pouco recurso financeiro, com mais chances de serem afetados. Nas análises, encontram-se variados quadros estatísticos que determinam a idade dos homens solteiros, suas profissões e localidade. Sua análise estatística não foca somente no homem solteiro, mas analisa também a mulher solteira, que indica menor número em relação aos solteiros. A análise do autor, foca nas relações de gênero, a mulher solteira, entretanto, a maior incidência são de homens solteiros. Particularmente, nossa pesquisa adota procedimentos similares ao analisar homens de variadas idades, com variadas profissões e configurações familiares distintas em Sagarana.

Ao contexto da oposição do Burgo às Aldeias, Bourdieu (2021), nos apresenta com mais detalhes o contexto social em que moram essas pessoas estudadas. Por se tratar de uma análise etnográfica, fica evidente o esforço dele de retratar até o desuso da língua bearnesa pela francesa, enquanto essa comparação é analisada ao longo do texto, em que os camponeses parecem ter uma visão distorcida de si, ao enaltecer os Burgos ou citadinos. A análise nos prepara para a parte que o *habitus* ganha maior precisão a seguir. Em *"O camponês e o seu corpo"*, Bourdieu (2021), usa o caso do baile dos celibatários anteriormente explicado, para demonstrar a crise que se anunciou em 1960. O celibato explicado por algumas razões estruturais, agora é analisado pela corporeidade, nisso o *habitus* camponês é explicado. O corpo do camponês entra em contraste ao corpo de um homem citadino, ou melhor, as relações do baile em questão vira cenário para explicar a problemática. O celibatário em contraste com um citadino enxerga seu corpo camponizado (*empayasant*), segundo o autor, seria uma visão negativa da sua projeção camponesa, do seu corpo, das suas características. O conceito de *habitus* reflete a vida e o corpo do camponês, fundamental para o entendimento que os próprios homens solteiros da roça de Sagarana têm sobre si. O primeiro exercício de encontrá-los e escutá-los foi feito, às perguntas sobre como eles se enxergam e como construíram o conhecimento sobre si foram perguntadas, algo que se assemelha com o trabalho de campo de Bourdieu e principalmente suas contribuições

científicas à sociologia rural, importantes para a complexidade dessa pesquisa, diante dos fenômenos apresentados.

O exemplo de camponês que esta pesquisa utilizou foi o descrito por Bourdieu (2006, p. 1), em *"O camponês e seu corpo"*. Demonstrando a condição do camponês solteiro que vive na área rural e que não construiu família e vive solteiro (alguns moram com a família), de forma relativamente autônoma. O agricultor solteiro que encerra por não se relacionar afetivamente, ou mesmo, pela sua condição, não tendo oportunidade de constituir matrimônio. Apesar disso, salienta-se que o estudo de Bourdieu foi realizado na década de 1960, na França, em cenário absolutamente distinto de Sagarana, Brasil, em 2026. Trata-se de época, lugar e ponto de vista absolutamente distintos.

Ao retornar à sua cidade natal, Bourdieu (2021), percebeu o mundo rural em profunda transformação social. Ao afirmar a dominação simbólica, retrata como a modernização da agricultura e das atividades empresariais, tornaram a área rural, em esvaziamento populacional. O êxodo rural, analisado por ele, especialmente o êxodo rural seletivo desempenhado pelas mulheres, tornam vidas camponesas desvalorizadas, e tem os contextos urbanos, como objetivos de vida. A unificação das trocas matrimoniais, não possuía mais regras visíveis pelos grupos de camponeses, tornando-se uma questão individual. Sua crítica às escolas e ao ensino, afirmou ter contribuído para a desvalorização da vida camponesa e ao êxodo rural, ao incorporar no ensino a vida urbana como algo a ser almejado para os mais jovens e distanciando a vida camponesa do processo de aprendizagem.

A tese da Costa (2014) faz um aprofundamento sobre a solteirice na agricultura familiar de Alegrete - Rio Grande do Sul. Com a afirmação da construção social dos solteirões de Alegrete. Foi um estudo de caso com base nas características dos fenômenos da masculinização e do envelhecimento da população rural de Alegrete. A revisão de literatura reflete os conceitos deixados por Pierre Bourdieu no recorte de gênero masculino. Os homens solteiros, ou solteirões como denomina Costa (2014), são analisados sob a ótica de Pierre Bourdieu, acionando categorias e noções como *célibat paysan*, poder simbólico, dominação simbólica, dominação masculina.

Costa (2014) analisa as perspectivas de vida dos solteirões de Alegrete, com ênfase a identidade construída através do gauchismo. É comum os relatos do uso da bombacha e do chimarrão como algo típico pelos solteirões gaúchos, principalmente as raízes da vida campeira, segundo a autora. A identidade masculina é analisada sob as perspectivas de Raewyn Connell em Masculinidades. Sobre os solteirões de sua pesquisa, Costa (2014, p. 180) afirma ser masculinidade não hegemônica. Relacionando alguns pontos, os solteirões

gaúchos também valorizam a vida na roça e sentem solidão, uma das partes difíceis da vida solteira, de acordo com eles. Valorizam a liberdade dessa condição.

"Ainda há pastores?", documentário de Jorge Pelicano (2006), demonstra a sina de um jovem pastor de ovelhas, chamado Hermínio, em Serra da Estrela, Portugal. O vilarejo que se passa o filme, se chama "Casais de Fogosinho". Com relativo esvaziamento populacional, o filme retrata a vida de Hermínio o mais jovem pastor, em partes cuidando de ovelhas, em outras ouvindo música do cantor Kim Barretos. Há uma passagem dele, em uma festa se divertindo, aproveitando sua liberdade da vida solteira, no show do seu cantor favorito. No cotidiano, leva uma vida simples e solitária, sem muitas pessoas por perto, é o retrato de um cenário que se esvaziou ao longo do tempo em Serra da Estrela. A solteirice vivenciada por ele, representa aspectos do *Célibat Paysan* descrito por Bourdieu (2021). Meyer et al. (2023), observa que a dimensão da solteirice apresentada por Hermínio, é fundamental para se entender as dinâmicas sociais no campo e para perceber cenários masculinizados.

Marin (2008) fez uma análise de possíveis conexões entre homens solteiros na agricultura familiar de Quarta Colônia Italiana Silveira Martins, na região Sul, e o mercado de trabalho feminino. O autor evidenciou que antigamente, uma filha de uma família nesse contexto, era escolhida a viver o celibato para cuidar dos pais ao envelhecer. Geralmente, a filha escolhida era a mais tímida e mais apegada aos pais. No entanto, a reprodução do patrimônio era totalmente destinada aos filhos homens. Sua análise partiu de entrevistas com mulheres que migraram da Colônia em busca de oportunidades de emprego, mulheres com profissões distintas, que escolheram através da escolarização uma vida diferente dos pais. A pesquisa também evidenciou que a modernização da agricultura, e a dependência dos agricultores familiares ao sistema empresarial da agricultura, desencadeou a migração dos mais jovens e das mulheres para a cidade de Santa Maria e Porto Alegre. Dessa forma, os homens daquele contexto são mais apegados à terra, e aos trabalhos agrícolas e acabam não prosseguindo os estudos, em alguns casos permanecendo solteiros.

Tian Qin (2023) retrata a crise estrutural no sistema matrimonial, na área rural da China, resultando em intensificação de homens solteiros mais velhos. Esse fenômeno acontece principalmente pelo desequilíbrio demográfico das preferências da família em ter filhos homens. As mulheres da área rural da China, migraram para áreas urbanas para trabalhar e optam por casamentos com homens de áreas urbanas, todavia, intensifica a presença de homens solteiros mais velhos na área rural.

Ao considerar realidades geográficas tão distintas, como em Sagarana, em Béarn, na França, Alegrete, Rio Grande do Sul, Serra da Estrela, em Portugal e China, ficou nítido os pontos comuns da solteirice nesses territórios, passa por escolhas individuais, todavia, perpassa por fatores socioeconômicos e culturais, decisivos ao destino de cada homem solteiro. Ao investigar vidas solteiras foi necessário analisarmos a identidade, sua posição social, suas características socioeconômicas e subjetivas. Na próxima seção, tratamos das masculinidades com ênfase na área rural.

2.3 - MASCULINIDADES

Segundo Connell e Messerschmidt (2013, p. 243) a origem do termo masculinidade hegemônica surgiu da necessidade de nomear a masculinidade exercida pelos homens frente ao poder na sociedade. O termo passou por algumas elaborações e através de críticas, como das escritoras Bell Hooks e Angela Davis, considerou-se raça, classe, gênero e sexualidade para sua aplicação. Além disso, o conceito levou em conta estudos estruturais da psicologia e psicanálise, juntamente de políticas sociais e estudos feministas desde sua origem.

De acordo com Connell e Messerschmidt (2013), a formulação partiu de uma descrição abstrata do conceito de masculinidade hegemônica, não se referia à violência, apesar da posição do homem hegemônico exercer poder na sociedade patriarcal. Havia de nomear outras formas de masculinidades, como a subordinada, cúmplice e marginalizada, para se diferenciar da dominante. A aplicabilidade do termo ganhou notoriedade ao longo das últimas três décadas, pesquisas e notícias de variadas áreas referem-se à masculinidade hegemônica para descrever padrões de masculinidades socialmente.

As críticas ao conceito, sobre o posicionamento de Connell e Messerschmidt (2013), não se trata de uma categoria fixa ou essencialista:

> "A masculinidade não é uma entidade fixa encarnada no corpo ou nos traços da personalidade dos indivíduos. As masculinidades são configurações de práticas que são realizadas na ação social e, dessa forma, podem se diferenciar de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular" (Connell; Messerschmidt, 2013, p. 250).

A pesquisadora já definiu gênero como uma construção histórica e cultural desde pesquisas em décadas anteriores, em seu livro *"Masculinidades"*. À vista disso, seus estudos se tornaram relevantes socialmente pela aplicabilidade e leitura sobre as masculinidades,

ainda na contemporaneidade. Entendimento que passou por reformulações para ser compreendido ao longo do tempo.

Connell e Messerschmidt (2013, p. 260) apontam para o estudo de Bourdieu (1998) sobre a dominação masculina para refletir sobre o funcionalismo da análise das relações de gênero. “A dominação masculina é aberta à contestação e requer um esforço considerável na sua manutenção” (Connell; Messerschmidt, 2013, p.260). A pesquisa afirma que a masculinidade hegemônica não se trata de uma forma autoreprodutora, seja analisada pelo *habitus* ou outros mecanismos. Diante das transformações sociais, as masculinidades hegemônicas se mantêm a partir das relações sociais e de gênero, não sendo uma ideia estática no tempo. “O gênero é sempre relacional, e os padrões de masculinidade são socialmente definidos em oposição a algum modelo (quer real ou imaginário) da feminilidade” (Connell; Messerschmidt, 2013, p. 265).

Connell e Messerschmidt (2013) sugerem a análise da geografia das masculinidades, ao considerar três níveis distintos, global, regional e local. As três dimensões complementam-se e fornecem informações sobre as masculinidades hegemônicas. Nossa pesquisa dialoga primordialmente com a análise das masculinidades em nível local, à medida em que foram investigadas as implicações de vida dos homens solteiros da roça no Noroeste de Minas Gerais, bem como sua vida afetivo-amorosa.

Connell (2015), em *“El género en serio: cambio global, vida personal, luchas sociales”,* na segunda seção do livro a respeito dos homens e das masculinidades, faz uma análise reflexiva a nível global sobre as perspectivas da igualdade de gênero ao longo dos anos. “A luta pela igualdade de gênero é o resultado da união de mulheres que introduziram a questão na agenda de políticas públicas” (Connell, 2015, p. 83, tradução nossa). A autora analisou a divisão entre os homens que colaboram para a igualdade de gênero, se por um lado existem os homens que se aliam às mulheres por essa causa, principalmente contra a violência, por outro, existe outro grupo que rejeita a ideia, resistindo aos seus privilégios. Para Connell (2015, p. 96), a experiência mais notável de um grupo de homens organizado em torno das questões de gênero e políticas sexuais é a dos homens homossexuais, unindo forças contra a discriminação em busca da superação da exclusão social, assim como outras lutas dentro da comunidade LGBTQIAPN+.

Nesse sentido, Albuquerque (2023) realizou uma análise de masculinidades bicha como proposta de masculinidades não-hegemônica em Pernambuco. A pesqusa analisou homens que se nomeiam como bicha e construíram sua masculinidade a partir de experiências LGBTQIAPN+. O autor enfatiza que masculinidade bicha, não se trata de uma

identidade de gênero e faz uso das diferenciações para explicar a “identidade feminina bicha travesti”, “identidade bicha não-binária” e por fim, “masculinidade bicha”, que se trata da sua proposta investigativa. “As masculinidades bicha não são uma identidade de gênero, mas uma forma de descrever e analisar as negociações sociodiscursivas e performativas que homens homossexuais femininos estabelecem com as normas de gênero e das masculinidades” (Albuquerque, 2023, p. 39). O autor mobiliza o termo bicha que seria uma palavra injuriosa para ressignificação de forma positiva à vivência de homens homossexuais.

CAPÍTULO 3 – OS HOMENS SOLTEIROS DA ROÇA NA VILA DE SAGARANA

Ao longo deste capítulo, apresento-lhes os homens solteiros com histórias de vidas singulares, de variadas idades, e com configurações familiares distintas.

Encontros feitos diante de convites para uma conversa guiada, em que contamos com a sorte dos interlocutores se sentirem à vontade para narrar sua história de vida, contamos com a espontaneidade. Os limites ficavam estabelecidos nas conversas, eles respondiam o que queriam, o que conseguiam expressar. João Carlos esteve presente, resultado de entrevistas em participação, de conhecimento gerado entre a pesquisadora, copesquisador e o solteiro da Vila.

3.1 - Diogo Francisco Cruzeiro

Família

Na primeira entrevista com o Diogo Francisco Cruzeiro, pedi que Diogo me contasse um pouco sobre sua história de vida. A princípio ele disse: “trabalho, vou pra umas festas, bebo umas cachaças, nada demais, só isso”. Eu fui guiando a conversa para obter mais respostas. Ele disse-me novamente: “trabalho na roça, sou solteiro, tenho 28 anos. Me sinto bem solteiro. Sou agricultor.” Mora com a mãe Dona Zélia e o padrasto Ivair. Convive com a família todos os dias. Tem contato com dois irmãos de Sagarana.

Figura 10. Diálogo com Diogo Cruzeiro, na casa de seu irmão João Carlos.



Fonte: João Carlos. Setembro de 2023.

Possui avó, dona Sebastiana, e o avô Adelino, infelizmente faleceu, há dois anos. Aprendeu a trabalhar na roça com o avô, aprendeu tudo sobre agricultura com o vô. Para Diogo: - “família, tem uns que eu gosto, outros que eu não gosto. Razoavelmente. Tem uns que é bom, outros que é ruim”. Entretanto, acha importante ter família. “É sempre bom ter família, são parentes.”

Diogo se mostrou convicto no que dizia com essas informações, ao longo do meu convívio com a família dele, havia momentos de tensões, o que mais adiante ele afirma como desentendimento familiar. Havia discordâncias de falas, e mudanças de tom de voz em algumas interações com sua família, em que pude presenciar durante as refeições, algo que se mostrou como parte de sua personalidade.

Figura 11. A casa da família de Diogo fica na rua principal de Sagarana-MG.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Sua relação familiar é difícil, segundo ele. Se desentende com frequência. Disse que não trocam afeto. Nenhum afeto. Não soube dizer se sua família cuida dele, que nunca parou para pensar. Segundo Diogo, não gosta de pessoas. Acha o ser humano falso. Compreendo a fala do Diogo como algo que ele comentou diante de sua trajetória de vida, em que os acontecimentos negativos moldaram sua visão para essa resposta, mas comigo ele se mostrou uma pessoa atenciosa e conseguiu se expressar de forma leve. No entanto, havia atravessamentos que o faziam desconfiar das pessoas. Adiante há mais reflexão sobre esse padrão que foi identificado em Diogo.

Com o avô aprendeu a tirar leite, a cuidar de gado. Pratica até hoje. Sua família planta hortaliças para autoconsumo. Criam galinhas, o galinheiro fica no meio do quintal debaixo das mangueiras. No terreno da roça ele planta para alimentar os gados, as vacas. Sua família usa fogão a gás e fogão a lenha para cozinhar.

Sua família possui patrimônio, a terra deixada pelo avô de herança. Almoçando um dia na casa do Diogo, eu ouvi da Dona Zélia dizer que ela possui nove lotes em Sagarana-MG. Segundo Diogo, não houve diferença no compartilhamento das heranças para

os filhos e filhas de seu avô. Dessa forma, a reprodução social da família, se mostrou de forma igualitária entre os filhos, algo similar ao caso da família de Nova Friburgo no RJ, na história das transmissões de patrimônio de Carneiro (2001, p. 44). Todos os filhos possuem direitos iguais.

Organização do trabalho

Diogo é agricultor e trabalha no terreno de 11 hectares da família sozinho. Trabalha com gado, trato de gado. Planta capim, roça pasto, capina, arruma cerca se precisar e tira o leite. Dos 11 hectares, seis são para pastos e os outros cinco são de áreas de preservação com cerrado. Não usam agrotóxicos e se importam com o bem-estar animal. O terreno da sua roça fica em um lugar diferente e sua casa fica em uma rua principal da Vila de Sagarana.

Há variações na distribuição do trabalho ao longo do ano. “Tem ano que você ganha bem, tem ano que você ganha mal”, diz Diogo. Na seca ele trabalha mais, inicia em maio e termina em agosto. Possui seis vacas atualmente. No período de chuva o trabalho é mais proveitoso, ganhando mais dinheiro. A sua rotina de trabalho é sobre acordar às 5h da manhã todos os dias, tirar o leite das vacas e voltar para casa. Depois volta para a roça e faz a capina seletiva para alimentar as vacas. Às 19hs ele para de trabalhar. De domingo a domingo essa rotina. Ele não tem dificuldades na organização, porque se acostumou com a rotina ao longo do ano.

Já foi padeiro em São Paulo, morando em outro estado, passou um ano por lá. Um tempo trabalhou em uma carvoaria em Patos de Minas. “Onde você empacota carvão, para o povo de Brasília comer churrasco”. Foram muitos trabalhos, já foi domador de cavalo, já capinou arroz. Trabalhou desde os 12 anos de idade. Parou de estudar na escola com 12 anos também. Ele não pensa em voltar à escola, se sente bem assim.

Como é comum entre os residentes da roça no noroeste de Minas, Diogo teve uma vida dinâmica, não se restringindo a Sagarana. Lançar voo para outros locais, motivando-se pelo trabalho, é um empreendimento comum ali. Meyer (2015), em sentido diferente, atribui isso ao “movimento”, categoria que expressa, de formas diversas, o conhecer do mundo. João Carlos fez isto, o outro irmão também fez isto em determinado momento da vida, de modo mais prolongado ou mais curto. Nunca pensou em ter outro trabalho em Sagarana. Disse que é uma boa pergunta para pensar depois. Já fez muitos cursos na vila, bem como de guia de turismo e tratorista.

> Diogo Cruzeiro: você quer ouvir a resposta sincera mesmo?
> Mau: Sim.
> Diogo Cruzeiro: Festa, mulherada e diversão. Eu gosto de viver a vida. Não deixo nada para depois.
> Mau: Tudo que você ganha, você gasta com festa?
> Diogo Cruzeiro: Nem tudo. Tem que comprar uma raçãozinha para a vaca. A economia que você está me dizendo, é quando sobra aquele dinheiro. O que sobra vai com a mulherada e as festas.
> Mau: Aqui na Vila mesmo?
> Diogo: Depende. Aqui na Vila ou em outros lugares. Onde eu estiver.

Economia e patrimônio

Sua renda mensal não consegue se manter estável ao longo do tempo. "Ela cai, sobe. Nunca é uma renda fixa". As estratégias para manter renda é cuidar bem do gado para obter resultados. Sua principal fonte de renda é o leite. Vende na queijeira da Vila que se chama Laticínios Buritis. De lá os produtos seguem para Belo Horizonte. Ele entrega o leite todos os dias e recebe mensalmente. Segundo ele, recebe em torno de R$200 a R$300 reais. Ele possui autonomia no seu trabalho, porque ele mesmo comercializa o leite que se transforma em outros alimentos (iogurte, queijo, leite de caixinha etc.).

Com isso, Diogo demonstra o que para alguns pode aparecer como certo desapego aos projetos de vida, no sentido de que não está em seus planos um acúmulo material, comprar um carro, ou fazer um plano de saúde. Sequer constituir família do modo tradicional. O dinheiro, quando vem, supre as necessidades mais imediatas e a diversão e festas com as mulheres têm um lugar privilegiado nessas necessidades. Isso nos faz lembrar de nosso longínquo interlocutor, Hermínio, do filme *Ainda há pastores?*, quando privilegia a ida aos shows e a diversão nas poucas horas vagas. Apesar de Diogo dizer "eu gosto de viver a vida", é sempre bom ter em consideração que as vacas determinam o ritmo de seu cotidiano: não se pode largá-las, por um dia sequer, ao menos não sem ser substituído. Este parece ser um determinante importante ali, considerando-se que a maioria das famílias se envolve com a produção leiteira. Curiosamente, há uma partilha, uma vez mais, com Hermínio, a despeito da distância que os separa.

Laticínio Buritis é uma cooperativa de leite que o Diogo faz parte. Ele se considera um dos herdeiros das terras de sua mãe, Dona Zélia. Ele possui dívidas em torno de 20 a 30 dívidas. Ele sempre dá um jeito de pagar suas dívidas atualmente. Ele faz catira. Eu tive que perguntar o que significa, se é uma dança? - "Eu faço catira, sou desenrolado. Quer dizer, você pega uma galinha e troca num porco e ganha um lucro. Você catira alguma coisa e

ganha outra coisa". É o ato de trocar as coisas. Ele diz que tem que saber fazer o dinheiro girar. Dessa forma, é importante ter em mente que Diogo integra, ao seu modo, um grande sistema agroalimentar que envolve cadeias de laticínios.

> Mau: E você *catira* o quê?
> Diogo Cruzeiro: Ah! Tudo. Porco, galinha, o que tiver eu *catiro*. Relógio, sou trambiqueiro.
> Mau: Então, você sai trocando suas coisas?
> Diogo Cruzeiro: Sim, com as coisas que eu compro e não uso.
> Mau: Lá onde eu moro, que fica no entorno de Brasília, em Planaltina-Goiás, existe a feira do rolo.
> Diogo Cruzeiro: É a mesma coisa, só que lá eles falam rolo e aqui é catira.

Ao que parece, a catira integra as estratégias de sobrevivência na região. Troca-se um porco por um punhado de galinhas, um dia de trabalho por uma banda de porco, uma vaca por uma roça, e assim por diante. É importante ter em mente que, dessa forma, a tendência para a compra de produtos reduz-se muito. Não há grandes estabelecimentos comerciais ali, muito menos para aqueles que estão na roça propriamente dita. Porcos, galinhas, milho, leite, mandioca, gado, feijão, produtos da roça (abóbora, quiabo, hortaliças etc.) e seus subprodutos, processados ali mesmo, compõem de modo marcante a dieta alimentar, de modo que as trocas, ou as catiras, viabilizam a divisão social do trabalho entre as famílias. De outro modo, possivelmente por meio das catiras expressam-se também episódios de solidariedade, em especial quando a troca é vantajosa para alguma das partes.

Ele compra outros animais para revender. As catiras funcionam ao vivo na Vila. Antigamente havia os botecos das catiras, chegava lá e todas as pessoas faziam catira. Porém, atualmente, fecharam. Independente dos botecos, trocam celulares, computadores, relógios originais e importados. Tecnologias são negociáveis e bem aceitas nas catiras.

Figura 12. O galinheiro de Dona Zélia e sua família.



Fonte: A autora (2023).

Diogo não possui acesso a créditos externos oferecidos pelo governo. Ele também não tem acesso às políticas públicas e disse que não tem interesse. Segundo ele: “Só o nome política já me dá enjoo. O Governo não dá dinheiro para os outros. Nunca tive essa sorte. Você passa um bom tempo tirando xerox de documento e acaba não saindo nada”. Ele diz ter autonomia econômica e que suas dívidas são de baixo valor. Algumas feitas nos bancos quando era mais jovem, ele acabou ignorando. Há um certo distanciamento entre Diogo e o interesse por política, algo que nos revela que as políticas públicas voltadas para os agricultores não foram apresentadas para ele. Confesso que não tive tantas aberturas para estender essa temática, mesmo que ele tenha sido o homem solteiro que mais tive convívio em Sagarana.

Sociabilidade

Diogo participa das Folias, ele gosta. Ele se considera ateu. Já faz 12 anos que não vai à igreja. Participou das cavalgadas que acontecem uma vez ao ano em Sagarana, e de outras das regiões próximas. Ele anda a cavalo, possui uma égua, e tem habilidade para manejar todos os animais da agropecuária. Para ele, o cavalo é um animal sagrado. "Cavalo é o animal que eu mais gosto".

Ele considera não ter amigos verdadeiros. Costuma andar sozinho. "Eu não gosto de ter amigos. Amigos podem ser traíras. Amigo te trai pelas costas."

> Mau: você já sofreu decepções com amizades?
> Diogo: Várias. Já fui roubado por amigos. Já tive amigos interesseiros.

Ele costuma sair sozinho. Diogo gosta de viajar para Unaí-MG, para as festas, fica na casa de parentes do tio. Ele descobre os eventos das cidades pelo *facebook.* Ele diz ter alguns colegas para sair e tomar cervejas. Ele costuma interagir com as pessoas, principalmente bêbado nas cavalgadas. Ele conversa com as pessoas, só não gosta da convivência. Para ele, só gosta de fazer colegas. Ele considera ter apenas um amigo: o Júnior. Ele diz que o Júnior ajudou a criar ele. Criar, no sentido de viver com ele desde pequeno. Entretanto, faz três anos que o Júnior faleceu.

Ao que parece, para Diogo há uma distinção nítida entre o significado de amigo e colega. Em que há convivência com pessoas, no entanto, há a desconfiança por parte dele, por já ter se decepcionado com as amizades. Observando suas interações em Sagarana, algo que me apresenta como contradição em algum momento, por inúmeras vezes, há pessoas ao seu redor, há pessoas de idades parecidas que o visitam em sua casa e costuma participar de festas entre amigos. Por mais que para Diogo exista essa distinção entre os laços de amizade, ele constrói laços com pessoas na vila.

Diogo interage com as pessoas do seu trabalho, da cooperativa de leite. Ele gosta de participar do Cine Baru. Na pandemia ele diz ter passado bem, que ganhou o auxílio emergencial e gastou com as mulheres em Unaí. Lá é o ponto dele, frequentemente ele está por lá. Ele não apresenta dificuldades para socializar, entretanto, ele segue sua intuição para conversar com as pessoas. Ele tem interesse nas interações sociais.

Vida afetivo-amorosa

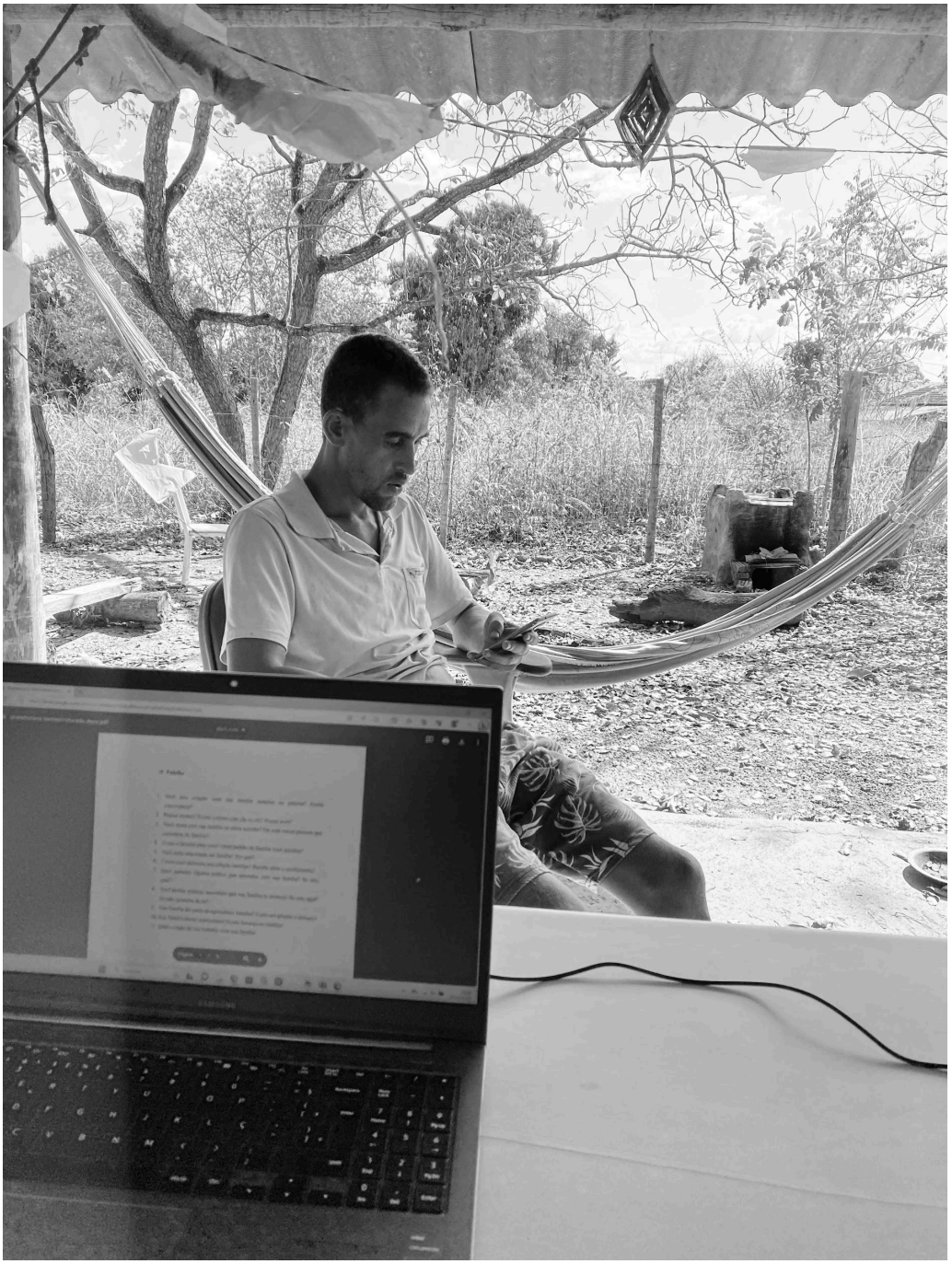
Ele ama ser solteiro porque evita brigas de casal. Ele já namorou várias vezes na vida. Inclusive, ele revelou: “eu tenho até filha, sô!”.

> Mau: Você tem filha? Têm quantos anos?
> Diogo: A última vez que a vi, estava com 8 anos.
> Mau: Só tem uma?
> Diogo: Que eu saiba são duas, uma e mais outra. Uma de namoro e a outra de uma pega. Uma é de Paracatu e a outra de Riachinho.
> Ele se considerava bem doidão na época que fez essas filhas.
> Diogo: Tanto fez, tanto faz. Eu tinha um dilema pega e não se apega.
> Diogo: Devagarzinho você está descobrindo toda minha vida.
> Mau: Você gosta de namorar com quem?
> Diogo: Com mulher.
> Diogo: Sim. Nunca tive outra experiência.

Como se pode perceber, Diogo foge do Tipo Ideal de homem solteiro pensado inicialmente para a pesquisa. Não reside só, mas com sua mãe e padrasto, trabalha no lote da família, possui filhas, embora não assumidas, e, eventualmente, coloca-se em relacionamentos afetivos-amorosos. Até a própria residência na roça outrora fora intermitente, movimentando-se, indo e vindo de Sagarana. A liberdade parece ser algo central no modo em que Diogo organiza a sua vida e relações sociais.

Didaticamente eu expliquei os termos da sexualidade e ele se identificou como heterossexual. Ele também não sabia o significado de sexualidade. Ele diz ter aprendido sozinho ter interesse pelas mulheres. O povo fica rindo dele dizendo que ele vai ser beato, porque é um homem solteiro. Ele diz ser amoroso com suas namoradas. Ele não pretende ter mais filhos. Ele tem uma vida sexual ativa, mas gosta de esperar um tempo para se relacionar. Diogo não conversa com ninguém sobre sua sexualidade, conversa apenas sobre sexo com as mulheres que fica e se relaciona. Para Foucault (1998, p. 10 *apud* Kovaleski e Oliveira 2011, p. 175) falar sobre a própria sexualidade é revelar a verdade sobre si, e nisso Diogo (na Figura 20) revelou o que sentia sobre sua vida amorosa.

Figura 13. Diogo cruzeiro após nossa conversa.



Fonte: A autora, setembro de 2023.

3.1.2 - Trilha com Diogo à Cachoeira Boi Preto no Parque Estadual de Sagarana

Não havia um roteiro para essa vivência com Diogo. Aconteceu de modo informal, as conversas que tivemos na trilha para a Cachoeira do Boi Preto. Após um almoço, em outubro de 2023, nós realizamos a trilha. Me recordo de anotar em meu diário de campo, como foi interessante essa tarde. Diogo (na Figura 14) me contou que costuma fazer trilhas para visitantes da vila. Ele tem o acesso permitido e capacitação pelo IEF para realizar tal ação. No decorrer do caminho eu o registrei enquanto caminhava.

Figura 14.Diogo no início do caminho ao Parque Estadual de Sagarana.



Fonte: Acervo da Autora (2023).

Recordo de conversas que tivemos, em que havia curiosidade por parte dele sobre de onde eu vinha de Brasília, como era a cidade, algo que tive que me abrir em alguns momentos para manter a conversa com ele. Eu também fiz perguntas a ele sobre sua convivência em Sagarana. Diogo se mostrava curioso por detalhes, perguntava como conhecia seu irmão João Carlos e os detalhes que estão relacionados com a pesquisa. Eu também perguntava sobre sua relação com o João e sua família. Sua relação com a sua irmã Raiane, que a conheci lá na casa dele. Diogo sente falta de seu irmão que estava morando em outra cidade de Minas. Algo que percebi em Diogo (caminhando na Figura 15) é que por mais que ele nos conte sobre a desconfiança com amizades, ele se mostra sociável e demonstra habilidades sociais. Ele conta que é perigoso fazer a trilha sem companhia, principalmente para visitantes. Há presença de animais silvestres dentro do parque.

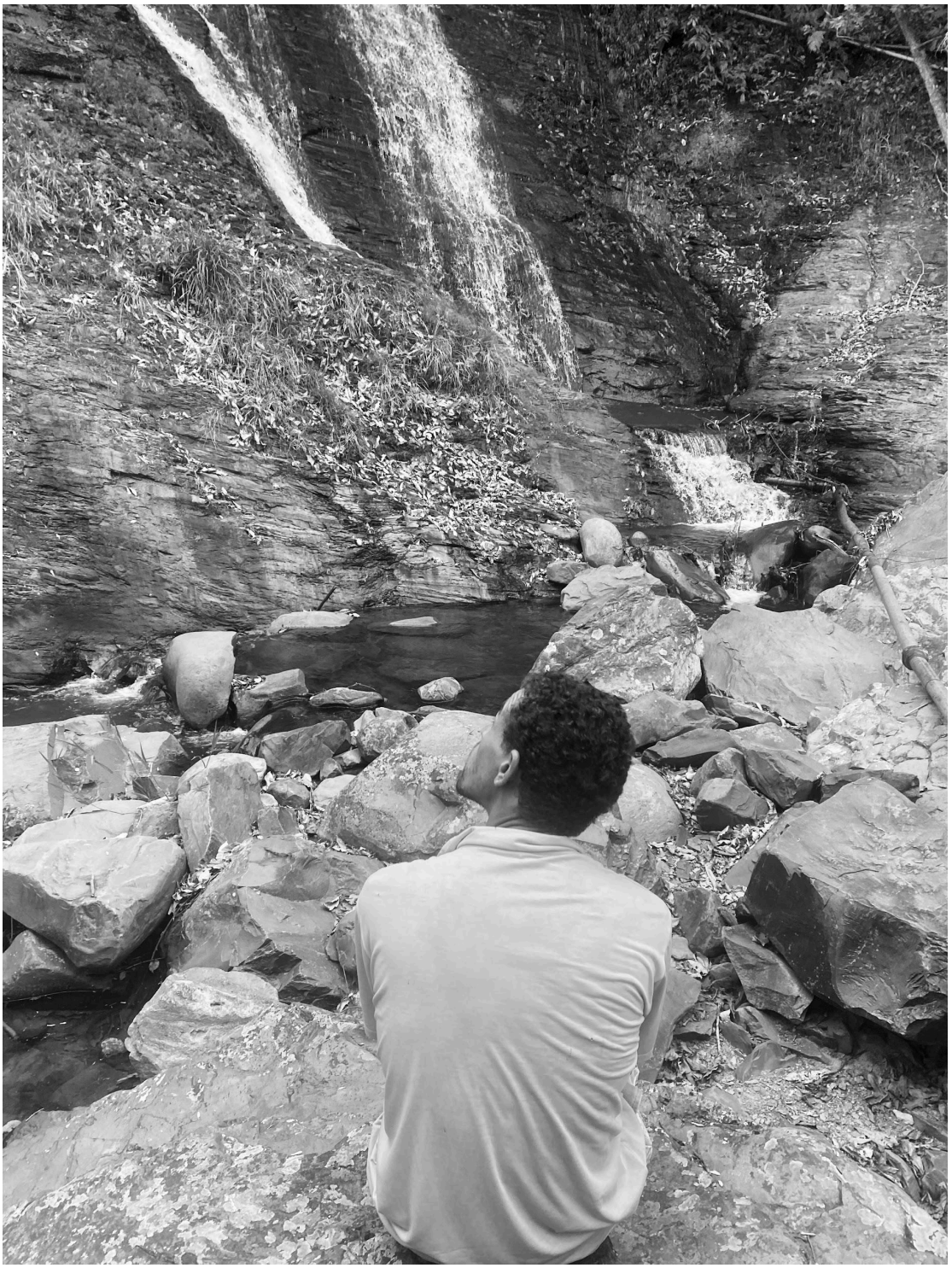
Figura 15. Diogo caminhando na trilha.



Fonte: acervo da Autora (2023).

Após 40 minutos caminhando, chegamos à cachoeira Boi Preto. Eu fiquei encantada com a paisagem, foi um momento lindo. Aproveitei para registrar Diogo (na Figura 16) enquanto descansava, após a trilha.

Figura 16. Diogo observando a Cachoeira do Boi Preto.



Fonte: Acervo da Autora (2023).

A Figura 17 representa a linda Cachoeira do Boi Preto como destino final da trilha. Não tive a pretensão de formalizar esse momento com Diogo, além de conhecê-lo melhor em Sagarana. Essa vivência me permitiu conhecer as lindas paisagens que fazem parte do território do Parque, e trocas de conhecimentos com Diogo. Nesse momento, ficamos boa parte do tempo em silêncio e lembro que já era final da tarde quando chegamos, por volta das 16h30, não demoramos muito tempo para retornar, por conta da claridade do caminho de volta.

Figura 17. A linda Cachoeira do Boi Preto em Sagarana.



Fonte: Acervo da Autora (2023).

3.2 - Seu Lili (Diolino Gomes dos Santos)

Encontramos o Seu Lili em setembro de 2023. Com a presença de João Carlos. Saímos da casa do João e caminhamos até o local da entrevista. Quando chegamos, havia um moço visitando Seu Lili. Entramos, cumprimentamos e ficamos conversando antes de iniciar a entrevista. Me apresentei para Seu Lili, como pesquisadora da UnB. Disse-lhe que estava pesquisando sobre o processo de masculinização do campo e, assim, sobre os homens solteiros em Sagarana. Expliquei-lhe o processo do êxodo rural, assim como disse-lhe que, segundo pesquisas, os homens tendem a permanecer no campo com maior frequência que as mulheres, juntamente com as pessoas mais velhas, correspondendo estes aos processos de masculinização e de envelhecimento do campo, respectivamente.

Figura 18. Seu Lili sendo entrevistado.



Fonte: João Carlos (2023).

Figura 19. A autora em diálogo com seu Lili.



Fonte: João Carlos. Setembro de 2023.

Família

Seu Lili é um apelido e seu nome completo é Diolino Gomes do Santos. É um homem negro retinto, magro, baixo, de 82 anos, segundo o registro de certidão de nascimento. Ele narra sua própria história de vida. Seu Lili, morava no município de Urucuia, na roça com os seus pais há muitos anos. Os documentos do Seu Lili foram perdidos na sua antiga casa. Ele teve que andar em muitas cidades para buscar legalidade dos seus documentos, passando por muitos processos burocráticos. Com ajuda de amigos, em especial o Gilberto, agilizou em Arinos, no cartório civil, o registro de nascimento, tirando CPF, carteira de identidade e carteira de trabalho. Seu Lili não tem certeza se tinha essa idade (82 anos), depois de passar por tanta luta para seu reconhecimento. O nome de sua mãe é Maria Francisca dos Santos e de seu pai é João Gomes de Sousa. Sua mãe é baiana e seu pai um indígena baiano. Seu Lili têm vários irmãos.

Atualmente, ele possui contato apenas com sua irmã, Neuzinha, que faz ligação para ele, não tendo nenhum parente em Sagarana e região. Só no Distrito Federal, em São Sebastião e Brazlândia. Ele mora sozinho, sendo um homem solteiro que não possui filhos. “Família é bom, mas não tenho família perto, o que posso fazer?”. Acha importante ter família. A sua relação com sua família é boa, mas ele não gosta de ficar em outras casas. Sua família é grande e possui muitos sobrinhos. A princípio, ele diz não manter nenhuma prática que aprendeu com sua família. Reformulando a pergunta, ele diz que sim, que aprendeu a plantar com sua família. Ele já criou muitos animais antigamente, hoje cria galinhas e gosta de plantar no seu quintal. Ele gosta de animais de estimação como os gatos e cachorros. Sua família não possui patrimônio, entretanto ele conseguiu comprar o terreno que mora junto com o irmão. Ele não possui heranças de família.

Organização do trabalho

Seu Lili é aposentado. Ele não faz mais trabalhos difíceis, que exijam força, por conta de sua idade e sua saúde que às vezes se encontra fragilizada. Ele já trabalhou na roça durante a vida, trabalhando para muitas pessoas. Hoje em dia ele paga as pessoas para trabalhar em seu quintal e fazer alguns serviços domésticos. Seu Lili gosta de aguar as plantas. Ele cultiva plantas medicinais e ornamentais. Na seca ele faz mais atividades no seu quintal. Ele possui uma rotina para suas atividades no lote e na casa, em relação a cozinhar, autocuidado e cuidado com as galinhas e suas plantas. Subitamente, um amigo de Uruana, cidade vizinha, ligou para Seu Lili, durante a nossa conversa. Esperamos um pouco para continuarmos. Inclusive ele já residiu em Uruana.

Figura 20. Seu Lili nos apresentando seu quintal.



Fonte: A autora, setembro de 2023.

Figura 21. Plantas do Seu Lili.



Fonte: A autora, setembro de 2023.

Economia e patrimônio

Sua renda se mantém estável ao longo do tempo, por conta da sua aposentadoria. Ele não faz artesanatos. O Seu Lili conhece a família do João Carlos desde muitos anos, inclusive comentou sobre todos os irmãos dele na conversa. Ele não comercializa nenhum produto de sua propriedade, nem faz parte de cooperativas. Entretanto, gosta de comprar alimentos das cooperativas rurais. Ele não possui acesso à créditos externos oferecidos pelo Governo para cuidar da sua propriedade. Seu Lili possui poucas dívidas, são dívidas pequenas. Ele sempre paga as dos mercados e açougues. Ele não possui restrições alimentares. Porém, disse que gosta de café e lanche.

Figura 22. A frente da casa de Seu Lili.



Fonte: A autora, setembro de 2023.

Sociabilidade

Seu Lili gosta das culturas da Vila de Sagarana. Ele gosta da época das quadrilhas juninas e do projeto Idade de Ouro[7]. Ele gosta das Folias, inclusive tem alguns instrumentos musicais, mas não sabe tocar. Ele costumava ir com frequência às folias. Seu Lili é evangélico. Ele nos conta que se sente mais à vontade na igreja evangélica. Ele é muito religioso, gosta de contar histórias. Seu Lili perdeu os pais muito cedo, tendo que cuidar dos irmãos. "A leitura é uma riqueza que seus pais te dão, ninguém toma". Estando em Sagarana, já o vi andando nas ruas algumas vezes com sua bicicleta. Ele costuma andar pela Vila de dia e possui amizades por lá. Seu Lili, diz que nunca estudou. Nunca fez cursos na Vila e não sabe ler. O Seu Lili também me perguntou as coisas da minha vida, foi uma interação muito interessante. Mais novo ele gostava de ir às festas e beber cachaça. Ele não possui dificuldades em interagir com as pessoas.

Figura 23. Seu Lili nos apresentando sua bicicleta.



Fonte: A autora, setembro de 2023.

[7] Trata-se de uma ação pública do município de Arinos, voltado a idosos.

Figura 24. João Carlos e Seu Lili em seu quintal.



Fonte: A autora, setembro de 2023.

Vida afetivo-amorosa

Segundo Seu Lili, ele já teve muitas namoradas. Ele já se envolveu com uma viúva de Riachinho. Hoje ela está em Formosa-GO, eles se afastaram. Um caso recente de 2021. “É bom ter uma companhia, eu não vou dizer que é ruim”, disse-me Seu Lili.

> Mau: O senhor sente solidão em ser solteiro?
> Seu Lili: Sinto. A gente lembra do passado.
> O homem solteiro fica meio abandonado.

Segundo ele, sente falta de uma companhia. Ele nunca ficou com pessoas do mesmo gênero, ele disse que gosta de mulheres. Ele não conversa sobre sua vida amorosa com outras pessoas, é muito raro. Ele não gosta de contar seus segredos. Seu Lili nunca pensou em ter filhos.

Figura 25. Seu Lili em seu lote.

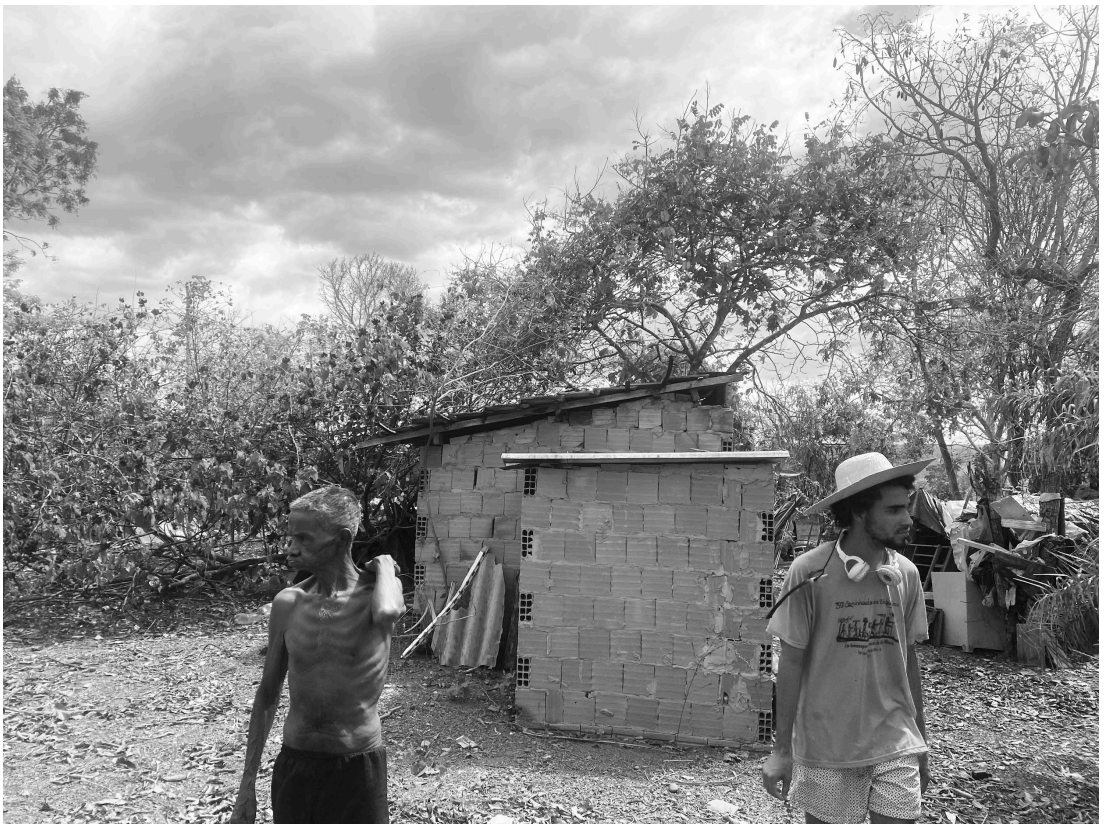


Fonte: A autora, setembro de 2023.

A conversa com Seu Lili foi muito respeitosa, fiquei feliz com a forma que ele conduziu as respostas. Achei ele único em sua explicação. Eu fiquei satisfeita com a forma que ocorreu a conversa com Seu Lili. Não se tratou de uma entrevista trivial em que somente o interlocutor falava sobre si. Isto porque, nessa entrevista, houve uma abertura maior de minha parte, e até alguma exposição para o interlocutor. Com a presença de João Carlos , me senti muito mais segura e confiante, tendo João me auxiliado a deixar as perguntas mais claras a Seu Lili.

Nesta conversa, tive que ser paciente e buscar palavras de fácil entendimento para Seu Lili, tive que elaborar uma forma didática para falar sobre as questões em campo. No ponto da sexualidade e vida amorosa, não foram levantadas todas as questões do questionário, havendo toda uma adaptação e focando-se mais na solidão e solitude, por ele ser um homem mais velho, em que nunca construiu laços matrimoniais e não teve filhos. Eu me senti confortável com o Seu Lili, ele me respeitou em todos os momentos e me tratou com os pronomes femininos.

Figura 26. Seu Lili e João Carlos no quintal.



Fonte: A autora, setembro de 2023.

3.3 - Seu Ademar (Ademar Alves da Silva)

Logo após a casa do Seu Ademar existe um caminho para o rio Boi Preto. A princípio passamos na casa dele, eu e o João Carlos, mas Seu Ademar não apareceu. Decidimos ir até o rio para aproveitarmos o percurso. Mergulhamos e passamos alguns minutos por lá, até nos secarmos e apreciarmos a paisagem. Voltando do rio, passamos novamente na casa de Seu Ademar e após chamá-lo repetidas vezes, ele apareceu na janela, para nossa felicidade. Entramos em sua propriedade e fomos recebidos por ele.

Figura 27. Rio Boi Preto de Sagarana-MG.



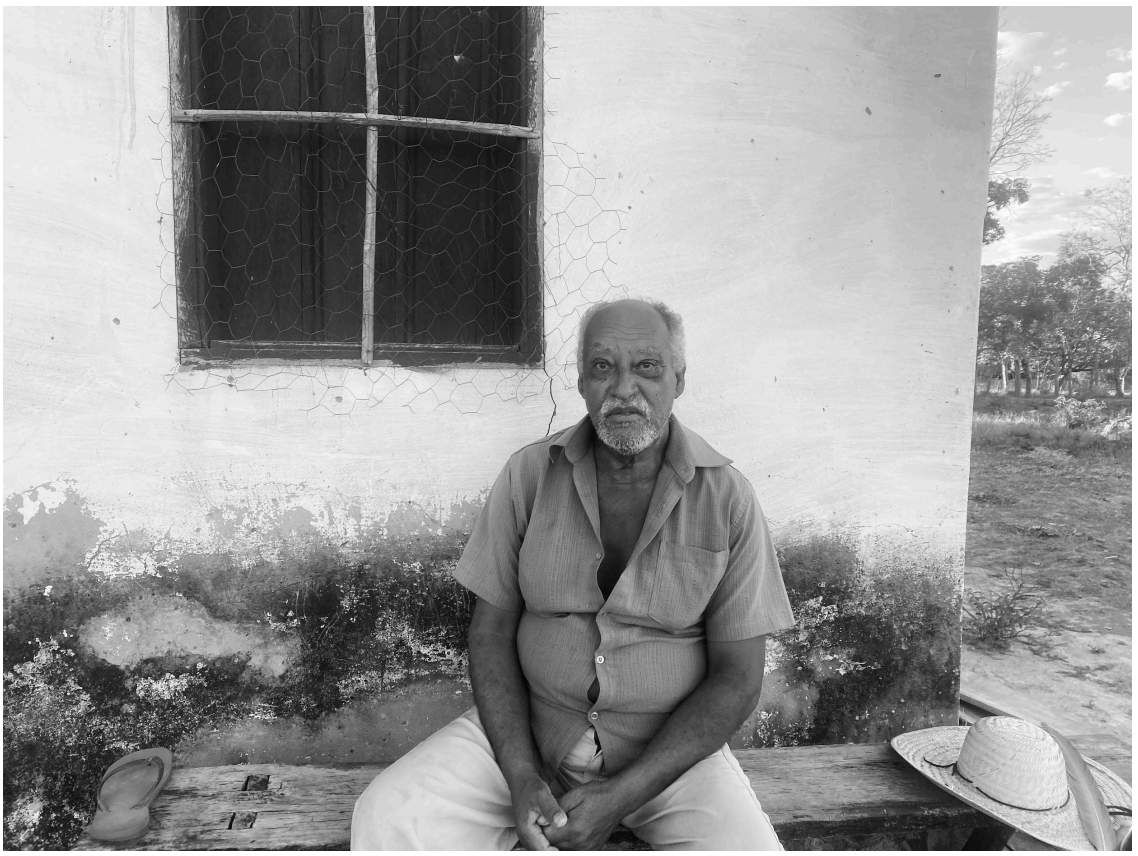
Fonte: a Autora, setembro de 2023.

No dia 11 de setembro às 16h00, aconteceu a terceira entrevista semiestruturada, com Seu Ademar. Primeiramente, eu tive que explicar de onde vinha. Seu Ademar nos disse que conhecia e já havia ido a Brasília quatro vezes, ficando no Plano Piloto.

Família

O nome completo dele é Ademar Alves da Silva. Tem 71 anos. Se considera idoso. É um homem negro retinto, com cabelos grisalhos e altura de aproximadamente 1,80 metros. Seu Ademar possui contato com sua família, mas relata que, hoje em dia, possui principalmente a irmã Iana, que mora logo próxima a casa dele. Ele possui sete irmãos, sendo cinco mulheres e dois homens. Sua mãe morava com ele, mas faleceu há cinco anos com a idade de 97 anos. Ele mora sozinho atualmente. Seu Ademar nos contou que a propriedade em que mora está sendo vendida e será compartilhado o dinheiro com os sete irmãos herdeiros. A propriedade é de 1,5 hectare.

Figura 28. Seu Ademar sendo entrevistado.



Fonte: A autora, em setembro de 2023.

Sobre o significado de família seu Ademar fez uma análise de sua relação com seus familiares durante a nossa conversa. Ele recebe algumas visitas de suas sobrinhas com seus esposos. Depois que a mãe dele faleceu, as pessoas deixaram de visitá-lo com mais frequência. Seu Ademar nos conta que tem medo de dar trabalho para seus parentes, medo de adoecer e ficar dependendo do suporte de sua família para cuidá-lo. Ele continuou fazendo

análise de quando era jovem aos 30 anos, e disse não ter a mesma saúde daquela época. Acha importante ter família, porque todas as pessoas do mundo têm família, mas não são todos os parentes que a convivência dá certo. Ele diz ter um sobrinho que o ama muito, o Waguinho de Unaí, e já se dispôs a cuidar dele. Entretanto, seu Ademar tem medo da convivência, de ouvir algo desagradável de Waguinho ou da esposa dele. Ele prefere uma casa separada, mas que seja próximo do parente. Ele reflete sobre o fim da vida. "Eu não recebo carinho de nenhuma família. Nem de irmão, nem de sobrinho, não". "Alguns respeitam, outros não".

Seu Ademar aprendeu conhecimentos sobre a vida com os pais dele. Com outros familiares, ele diz que não aprendeu nada. "Eles me ensinaram, foi sobre doutrina. O meu pai, o que eu sabia me ensinou sobre mexer com lavoura. Negócios de pescaria. A minha mãe me ensinou a tratar os outros bem, com respeito". Ele aprendeu a cozinhar com sua mãe. Sua família é uma família de agricultores familiares, sendo a maioria agricultoras e agricultores. Seu Ademar costuma plantar em sua propriedade, sendo milho, melancia e abóbora. Sua terra estava completamente arada, sem sinais de coberturas do solo e árvores. Mas ao redor de seu lote existe paisagem do Cerrado nativo. Ele não cria animais atualmente. Todos os sete irmãos receberam heranças e de forma justa, segundo ele. Os terrenos estão distribuídos em Sagarana e em Uruana, município vizinho dali.

Organização do trabalho

O Seu Ademar é aposentado por idade. Ele é agricultor aposentado, cuida de outra casa que possui em Sagarana, de seis cômodos. É uma casa que funciona como uma segunda opção de moradia, caso ele consiga vender seu terreno. Ele tenta mantê-la alugada, mas existe uma dificuldade, a casa é repleta de morcegos. Por causa de sua idade, existe limite na força de trabalho, sendo esta bastante reduzida nos dias de hoje. Essa outra casa ele mesmo comprou, ao longo da vida. Ninguém o ajuda a cuidar da sua roça, ele faz tudo sozinho. Ele diz que pagar um companheiro para ajudá-lo sai caro e não compensa muito o serviço. As plantas que ele cultiva são de ciclos curtos por precaução caso consiga vender sua propriedade. O período em que ele trabalha mais é na época das águas (das chuvas). Ele diz capinar mais.

> "Eu começo cedinho, às vezes. Deu na hora. Ali a gente faz um almoço. Depois, a gente almoça. Se o tempo não tiver quente demais, a gente vai trabalhar, né? Trabalhar assim o dia inteirinho de solo a solo, não dou conta. Foi o tempo que eu dava conta, né? No tempo de 20 e poucos anos, 30 anos, eu trabalhava assim, de solo a solo. Assim, imagine, aguentava porque eu estava novo, né? Com a saúde toda, mas agora ele não dá conta não".

Ele diz que sua maior dificuldade são as limitações causadas pela idade, como ele mesmo comenta acima. Seu Ademar já trabalhou de pescador, agora que ele não pesca mais. Já trabalhou com madeira, já trabalhou fazendo cerca de arame farpado. Ele acrescenta: “esse serviço mais grosseiro assim, é que eu aprendi a fazer. Mas eu não sou motorista. Nunca fui homem de escritório, também não. Não sou formado em leitura, também não”. Ele não tem interesse em desenvolver nenhum trabalho na Vila de Sagarana. Não participa de nenhum grupo ou movimento coletivo dentro da Vila, mas atualmente se tornou evangélico e frequenta a igreja evangélica. Anteriormente ele frequentava a igreja católica.

Economia e patrimônio

Em relação à economia e patrimônio, a renda do Seu Ademar consegue se manter, porque já faz 11 anos que ele recebe aposentadoria. Ele comercializa o milho de sua roça de forma autônoma. Ele planta para autoconsumo e aproveita para vender seus excedentes. Seu Ademar compra as sementes de milho de uma cooperativa de Uruana, possuindo um documento para aquisição das sementes. Não possui acesso a créditos externos oferecidos pelo governo. Ele não possui dívidas, sendo muito correto manter suas contas em dia. Ele revelou que algumas pessoas de Sagarana, tem dívidas com ele. Seu Ademar demonstra interesse por política, mas não se poupou em dizer que não possui a obrigação de votar nas eleições por conta da idade.

> Seu Ademar: “Um político de Arinos, me favoreceu um pouco a aposentar. Eu tive muito pouco favorecimento para aposentar, viu? Por quê? Quem me deu força para aposentar, é porque eu contribuí com o sindicato dos trabalhadores rurais há 30 anos, 30 anos de contribuição”.

Figura 29. A autora e o Senhor Ademar.



Fonte: João Carlos, setembro de 2023.

Sociabilidade

Seu Ademar atualmente não faz parte de nenhum movimento cultural dentro da Vila de Sagarana. Ele nos conta que desde que se tornou evangélico deixou de frequentar os movimentos que acontecem na Vila, e por causa da idade também. Mas ele já teve relação com as folias antigamente, desde criança com seus pais, ele participava e adora as comidas das folias. Ele já frequentou outras festas também anteriormente. Ele costuma sair de dia pela Vila, caminhar, espairecer, socializar. Ele costuma ler a Bíblia. Ele se apresenta bem religioso. Seu Ademar não tem dificuldades para socializar na Vila, ele está sempre disposto a sair de casa para evitar a solidão de quem mora sozinho. Ele tem interesse nas relações sociais.

Vida afetivo-amorosa

Seu Ademar iniciou refletindo sobre o que é ser homem solteiro. Para ele, é um homem que não construiu família. Ele já teve duas namoradas fora de Sagarana, em Arinos e em Riachinho. Ele se sente atraído pelas mulheres mais velhas próxima a sua idade.

> "A solidão para a pessoa que mora sozinho, igual eu estou morando aqui, que é um local sossegado, mais para fora, está mais para o lado do córrego, a gente sente a solidão. Tem uma vantagem na solidão para a pessoa dormir é melhor. Agora, como? Uma pessoa vai ficando sozinha, e quer se divertir um pouquinho, sair mais para fora, ir para o comércio. Cada pessoa tem uma natureza, né? Tem gente que não gosta da solidão da gente. Até mudam para um lugar igual Unaí, Belo Horizonte, Brasília, que gosta mais é de barulho, né?".

Ele não acha ruim sua solidão, ele também não acha desagradável ficar sozinho, que significa a solitude dele.

Seu Ademar fez sua própria análise sobre a entrevista durante nossa conversa. Ele analisou todas as palavras que eu perguntava, de uma forma reflexiva. As que ele não entendia imediatamente, João Carlos me ajudava a traduzir para uma linguagem acessível a ele. Por exemplo, o termo "agricultura familiar" não é dotado de um sentido imediato para ele, caso em que preferimos fazer referência ao termo "lavoura". É como se eu perguntasse e Seu Ademar repetisse a pergunta em voz alta e ele analisasse a palavra principal da pergunta. Isso ocorreu no decorrer da entrevista. Tratou-se de uma reflexão conjunta sobre o uso de determinados termos e sobre como produzir um diálogo, uma espécie de interconhecimento produzido em tempo real. Assim como com o Seu Lili, eu e João tivemos que recorrer a uma linguagem mais compreensível, talvez menos codificada, para facilitar a percepção do Seu Ademar diante das perguntas.

No dia 13 de setembro de 2023, passado dois dias da nossa conversa, estávamos na casa do João Carlos e Seu Ademar chegou às 6h30 querendo falar comigo. Ele precisava confirmar se a pesquisa é de confiança e o quê vou fazer com os dados que ele nos informou, se não há maldade. Primeiramente, eu tive que reforçar que faço parte da UnB, que é uma pesquisa de mestrado do PPG-Mader, que estamos pesquisando os homens solteiros de Sagarana, com muita responsabilidade diante dos dados concedidos por eles. Seu Ademar se tranquilizou. O João Carlos também me ajudou, contando que eu estava exatamente lá por causa da pesquisa de mestrado. Continuamos conversando e ficou tudo resolvido entre a gente. Com esse acontecimento, fiquei me questionando sobre o efeito psicológico pós-entrevista dos homens solteiros.

Figura 30. A autora e Seu Ademar em sua casa.



Fonte: João Carlos (copesquisador), setembro de 2023.

3.4 - Carlinhos (Carlos Chagas de Andrade de Deus)

Em setembro, no meu primeiro mês de campo, entramos em contato com o Carlinhos através do número de telefone fornecido pelo Diogo Cruzeiro. A princípio ele recusou o convite para participar da nossa pesquisa, demonstrando nenhum interesse. Prosseguimos com a lista de homens solteiros da roça em Sagarana. Realizamos três entrevistas no mês de setembro. Inesperadamente, o Carlinhos mudou de ideia e aceitou fazer parte da presente pesquisa. Entretanto, ele deixou clara a sua possibilidade de não revelar sua imagem para participar. Em setembro os homens solteiros mais jovens estavam recusando participar, sendo que os homens mais velhos aceitavam com mais facilidade.

No dia 7 de outubro de 2023, aconteceu a quarta conversa semiestruturada, desta vez com Carlos. A conversa aconteceu na casa de João Carlos, no fim do dia.

Família

O nome completo de Carlinhos é Carlos Chagas Andrade de Deus, ele tem 20 anos. Ele convive com sua família, mas os mais próximos são os irmãos e o pai. Com outros parentes, raramente. Sua família é de Sagarana, Uruana e alguns membros de Brasília. São seis irmãos ao todo, com frequente convivência. Atualmente ele mora somente com sua irmã mais nova. Em geral, a convivência com sua família é boa demais, segundo Carlinhos. Família para ele significa passar por todos os momentos juntos, tanto os bons, quanto os ruins. Às vezes existe desentendimento entre os irmãos. Ele recebe afeto da sua família.

Sobre os conhecimentos passados pelos pais, ele diz sobre honestidade, bondade e fé. Ele aprendeu a trabalhar na roça com seu pai. Seu pai é agricultor. Durante a conversa o Carlinhos revelou que sua mãe infelizmente faleceu há 6 anos. Ficamos um tempo em silêncio, até que ele disse que sua mãe também era agricultora, que tinha sua rotina na roça. Isso revela como ele durante o início da conversa focava mais em falar sobre o seu pai.

Organização do trabalho

Carlinhos trabalha como vaqueiro, ele gosta de trabalhar com gado, trabalho clássico na região. Ele trabalha em algumas chácaras pela região de Sagarana. As atividades que ele desempenha dizem respeito à agricultura e criação de animais. Ele cuida dos animais, da alimentação dos animais, cuida das plantas e do terreno. Ele diz que gosta de se movimentar durante o ano para o trabalho, quando não está ocupado com suas obrigações nas chácaras, ele ajuda quem ele gosta, mesmo que de graça, ele diz sentir gastura quando não está fazendo algo. Na época da seca é o período em que exige mais esforço no trabalho dele e a época que mais surge oportunidade de trabalho também.

Carlinhos se organiza muito cedo para o trabalho, ele começa trabalhar às 5h30, geralmente quando faz três serviços em chácaras diferentes, ele trabalha em uma, faz as atividades e prossegue para a próxima. Além disso, ele prepara o café da manhã para ele e sua irmã mais nova ir para a escola, que está no 2º ano do segundo grau. O trabalho termina às 18hs, até o anoitecer, de segunda a sábado. Ele trabalhou como agricultor, principalmente como vaqueiro, não é pouca coisa, levando em conta que Carlinhos possui apenas 20 anos. Ele relatou sobre um trabalho passado, em que foi necessário morar próximo a Riachinho, na roça, estava trabalhando com uma carga horária que causava exaustão e cansaço, acabou voltando para a vila de Sagarana. Ele sente vontade de trabalhar ali. Comenta sobre fazer o curso de tratorista, para melhorar suas habilidades com o trator, bem como, o curso de domador de cavalo. Carlinhos aponta as dificuldades em conseguir serviço com frequência morando no interior, mas que mesmo assim, não mudaria para outro lugar, ama Sagarana.

Economia e patrimônio

Ele não mantém sua renda estável ao longo do tempo, oscila muito no decorrer dos meses. Há mês em que ele não consegue receber R$600 e o máximo que já recebeu foi R$1.300. Na época da seca ele recebe mais, porque segundo Carlinhos, existem mais atividades agrícolas. A diária é de R$100 a R$80 nesse período. Sua principal fonte de renda é como agricultor ou como diarista em chácaras. Desta forma, ele se considera autônomo. Ele não possui herança em sua família. Não recebe auxílio do governo e não tem acesso a créditos externos. Carlinhos concluiu o Ensino Médio e diz ter vontade de fazer faculdade de medicina veterinária. Ele diz sentir vontade também de fazer o Enem, ele e sua irmã mais velha. Gentilmente, o João Carlos ofereceu ajuda para realizar a inscrição caso eles viessem a

precisar, e na inscrição do Bolsa Família. Mensalmente, ele faz em torno de três dívidas, principalmente no supermercado e na casa de ração. Ele diz ter autonomia para quitar suas dívidas que são pequenas. Carlinhos comenta que a princípio não tem interesse em políticas públicas, mas políticas voltadas para o público jovem ele demonstrou interesse.

Sociabilidade

Ele diz participar socialmente na vila de Sagarana oferecendo ajuda sempre que possível. Carlinhos gosta de participar das festas e dos movimentos culturais. Ele se interessa pela Folia e diz ter parentes que são foliões. Ele diz que com educação convive com todas as pessoas, que gosta de ser respeitado. Comenta em não ter dificuldades para socializar. Ele costuma sair pela Vila, com amigos, andar de cavalo e de bicicleta. Ultimamente ele tem saído para os eventos da Igreja Católica com as amizades. Ele estudou o ensino médio completamente em Sagarana e diz que mantém amizade apenas com três pessoas da época da escola. Carlinhos diz ter interesse em interagir com as pessoas, mas que gostou de se afastar de muitas pessoas ao longo da vida.

Vida afetivo-amorosa

Sobre sua vida amorosa e sua sexualidade, Carlinhos é um homem solteiro, mas diz já ter namorado três vezes. Ele gosta de ser solteiro, mas aponta as desvantagens, que é a falta de companhia, gosta da convivência com alguém que dedica cuidados, afetuosamente. Ele se define como heterossexual, que sente interesse sexual apenas por mulheres. Eu perguntei a ele sobre sua própria sexualidade e ele disse não pensar muito a respeito. O namoro dele mais duradouro foi de 3 meses. Ele não possui uma vida sexualmente ativa. Diz ser monogâmico, que se relaciona apenas com uma pessoa por um determinado tempo. Quando ele está interessado em alguém, ele pede o telefone dela, manda mensagem e pede para sair com ela. Ele diz ter vontade de ter filhos, mas que possui um sonho que é adotar uma criança. Carlinhos diz não compartilhar sua vida amorosa com ninguém, que já não confia tanto nos amigos para falar sobre essa questão. Ele diz ter amigas para contar sua vida íntima, mas não todos os detalhes de sua vida. Carlinhos se sente muito solitário, ele diz que os animais são a companhia dele, que ele possui um cachorro que gosta muito. Carlinhos comenta sobre ter medo das maldades dos homens disfarçados de amigos.

Conseguimos conversar com um homem solteiro mais jovem, que está iniciando a vida adulta, nascido em 2003. O Carlinhos tem apenas 20 anos, traz outra perspectiva para a pesquisa, porque diz respeito ao que esperar do futuro dele e como os contextos sociais estão em constante transformação, ter essa visão de um jovem, traz diferentes pontos de vistas em relação a idade do entrevistado, ao agricultor jovem e ao agricultor com mais experiência de vida como o Seu Lili e o Seu Ademar. O Carlinhos ama viver, pelo menos essa foi a impressão que ele me passou, me sinto sensibilizada com sua história de vida. Mas, não foi tão simples conseguir sua entrevista, por inúmeras tentativas, mensagens, áudios, pedindo que ele participasse, até que ele aceitou depois de um determinado tempo pensando. O Carlinhos é muito amigo do Diogo Cruzeiro, como ele foi o primeiro entrevistado, através dele fomos conversando para o Diogo conversar com o Carlinhos, porque eu viajei de tão longe exatamente para conviver com eles na vila e assim realizar as etapas da pesquisa. No dia anterior, no dia 6 de outubro de 2023, ocorreu uma reunião online entre eu, o João Carlos e o orientador Gustavo Meyer. Foi pedido que nós contássemos um pouco da gente nas conversas, mais detalhes da nossa vida, para passar confiança para o interlocutor, e assim criar uma abertura para eles poderem se expressar melhor.

Eu imaginei a dor que ele carrega de ter perdido a mãe tão cedo. É uma história sensível, mas o Carlos parece forte hoje em dia e se demonstra independente. Foi uma conversa descontraída, o Carlinhos soube conduzir bem as respostas e o João Carlos esteve presente, interagindo também, se abriu mais do que nas entrevistas anteriores, contou sobre sua vida, trouxe detalhes e exemplos para o Carlinhos, o bom que pude conhecê-lo ainda mais. O Carlinhos foi se soltando ao longo da conversa, eu achei que ele seria bem tímido, pela condição de não revelar sua imagem, mas me surpreendi. Eu não notei nenhum comportamento machista em suas falas, achei ele atento com essa questão.

3.5 - Diney (Valdinei Pereira da Silva)

No dia 10 de outubro de 2023 às 10h aconteceu a quinta conversa, desta vez com Diney. Eu fui até a escola onde ele trabalha em Sagarana para conversarmos. Ele se chama Valdinei Pereira da Silva, é secretário escolar na escola Vasco Bernardes de Oliveira, e na escola Criança Esperança, do outro lado da rua. Dia 22 de dezembro de 2023, ele fez 29 anos.

Família

Nascido em 1994. Ele tem relação com a sua família materna, eles são bem próximos, em relação a família paterna, a relação é somente entre os irmãos, com o pai ele não tem relação.

Figura 31. Diney em seu trabalho da Escola de Sagarana.



Fonte: A autora (2023).

> Mau: Você mora com a sua mãe?
> Diney: Sim, eu moro com a minha mãe, eu cuido dela, ela teve alguns problemas de saúde e devido a isso eu acabei voltando para cá e vim e conseguir serviço.
> Mau: Você mora só com a sua mãe?
> Diney: Eu, minha mãe e meu padrasto.
> Mau: Você tem relação com seus irmãos?
> Diney: Da parte de mãe nós somos sete, sete, mais velho, e da parte de pai nós somos sete também, contando comigo dá treze ao todo. Um pouquinho de irmãos.
> Mau: E você se dá bem com todos eles?
> Diney: Sim, todos. Do lado de pai a gente é próximo, não é aquele próximo igual do lado de mãe, não sei se é porque mãe a gente convive mais, sempre foi, teve junto e tudo, e da parte de pai eu estou tendo relações agora recente porque eu me aproximei recente, eles também, então não é aquela proximidade tanto igual do lado de mãe não, mais pouco.
> Mau: Você conviveu com a sua mãe desde criança?
> Diney: E também naquela época meu pai acaba que não me assumia, não falava que era meu pai, eu só fui descobrir, eu já sabia que ele era meu pai, mas só fui ter certeza quando a justiça solicitou o exame de DNA, porque hoje tem as normas aí que aluno tem que ser matriculado tanto com o pai com a mãe, e na época não era só com a mãe, então a justiça acabou que pediu pra fazer o teste de DNA, aí foi positivo, mas mesmo assim, continua o mesmo, nenhum, ele para lá, eu pra cá, acaba que não faz diferença pra mim.

Diney está solteiro, já esteve em um relacionamento duradouro, mas hoje em dia, não, tem outras prioridades. Para ele, família é a base, é tudo, sem ela a pessoa não tem direção, e ele particularmente depende muito emocionalmente da mãe, porque ele só teve a ela e aos irmãos, então acaba que ele acha que ela é realmente a base dele, sem ela, ele não é nada, ela que criou, ela que fez tudo, então os laços afetivos são grandes.

Sobre a importância de ter família, Diney define: “acho que toda família não adianta se falar que ela é 100% porque não existe família 100%, claro que tem ali sua desavença, tem momento de estresse entre os irmãos, até mesmo com a mãe ou vice-versa, mas a relação é muito boa, não tem o que reclamar, porque não existe família perfeita, quem falar que é perfeita está mentindo, porque nada é perfeito”. A respeito da relação familiar ele comenta: “Sempre bem, aliás 99% bem, que sempre não tem como, mas a gente se dá super bem, tem as horas da desavença, mas sempre a gente se concilia, fica uma tranquilidade, até porque eles não moram em Sagarana, então não tem convivência todo dia, não tem muitas discussões”. Os irmãos moram em Brasília. Eles cresceram e foram procurar serviço para lá. Ficou só Diney. Morava com o sobrinho na sua casa, que a mãe criou desde um ano e três meses, mas a irmã dele formou agora em 2022, em março de 2023 ela foi embora para cursar faculdade e procurar emprego. Ela morou em Sagarana até março de 2023, depois ela foi embora.

> Mau: Você mantém alguma prática que aprendeu com a sua família, algum conhecimento que você aprendeu com a sua família?

> Diney: Eu aprendi com a minha mãe, porque ela trabalhava no artesanato desde quando fundou, fundou entre aspas, em 2000, acho foi 2000 mesmo, que ela começou a trabalhar lá, ela, as minhas duas tias, irmã da minha mãe, eu ia sempre, então a câmara que eu aprendi a tecer, a gente fazia coxonilho, tapete, chave, eu comecei a aprender a fiar também na época.
> Diney: É coxonilho. Tem uns que falam chinil, outros falam coxonilho, né? Depende muito do lugar.
> Mau: o que significa?
> Diney: Geralmente ele é um tecido que tem nas portas, ele é bem peludinho, bem fofinho e algumas pessoas, os mais velhos, antigamente, faziam para colocar na cela de cavalo, para não doer a bunda mesmo, que você senta para a hora que o cavalo está cavalgando, você não ficar dando impacto, então ela amortecia, e outras pessoas já usam para colocar na beirada da cama, para pisar, na porta de entrada, é como se fosse um tapete, só que ele é peludo, e é feito sempre, sempre de algodão, com fio do algodão.
> Eu aprendi algumas rezas, alguns benzimentos também, que a minha família é muito ligada à questão religiosa, muitos católicos, então eu aprendi a benzer também, com a minha família.
> Mau: E você usa plantas também para benzer?
> Diney: Eu aprendi com pano, né? Cada um tem uma forma diferente, eu tenho tias minha que benze com faca, uns benze com fogo, outros benze com planta, eu com pano.

Sua família já trabalhou com agricultura,mas como a sua mãe já está idosa, já aposentou, hoje ela não dá conta mais, mas o padrasto ainda continua, ele tem a roça, a fazenda dele lá em Sagarana, ele mexe, cultiva. Antigamente, em 2005, 2006, até antes, a mãe plantava arroz, na fazenda ali perto, tudo que plantava era dividido no meio, tanto para a mãe, quanto para dona da fazenda, e acabava que a família toda de Diney, se envolvia, porque tinha o plantio, tinha o capinar, tinha o colher, tinha que fazer o arroz para ele soltar do cacho, tinha que ensacar, acabava que era assim, uma forma de agricultura familiar. Plantavam milho também, hoje não faz mais, devido, a mãe dele não dá conta, por causa dos problemas de saúde, por causa da idade, e porque seus irmãos todos já foram embora, já foram procurar uma melhoria de vida para lá. Cada um já tem seu serviço, tem sua casa, tem sua família, segundo Diney.

Eles têm plantas medicinais, de remédio, para alguma coisa que precisar, ou eles cultivam alguma hortaliça, como um pé de couve, como dito, eles mexiam muito com a horta, agora devido a essa questão da mãe dele ter tido um AVC, ela não pode fazer muito esforço, ela não teve sequela. A mãe dele está com 64 anos, ela teve três AVCs, três derrames.

A família cria galinhas, sendo para o consumo, não para venda. Às vezes alguém chega lá e quer comprar, muitas vezes a mãe até dá de presente, ela não gosta de vender. Se ela vê que a pessoa precisa, se ela vai dar um ou outro, não importa, mas eles criam mais para o consumo. Às vezes ela mata uma certa quantidade, manda para os irmãos para lá, porque lá em Brasília é difícil de encontrar galinha caipira, segundo ele.

Organização do trabalho

> Mau: Como você definiria seu trabalho?
> Diney: Ah, é uma coisa que eu amo muito, porque eu sempre gostei de criança. Então aqui a gente trabalha com crianças, tanto aqui quanto lá na creche, que lá é os anos... lá é a creche, que é o berçário, e os anos iniciais. E aqui a gente tem os anos iniciais até os anos finais. Então acaba que a gente conhece desde quando nasceu até quando forma. Então eu gosto muito de trabalhar aqui, o ambiente é bom.
> Mau: Você estudou aqui também?
> Diney: Sim, nasci e criado aqui, formei aqui, formei assim o ensino médio aqui. Só a faculdade aqui não, a faculdade é fora, porque aqui não tem. Mas o meu ensino médio foi formado aqui em 2014, que eu formei.
> Diney: estou concluindo, pedagogia, e agora eu estou pretendendo começar letras também. Vou continuar nessa área da educação. Eu faço pelo Cruzeiro do Sul, em Riachinho, é um polo, né? É particular, todo mês a gente faz por outro sistema. Todo mês tem avaliação, tem trabalho. Só que o único diferencial, porque ela é a distância. Então acaba que é ruim que a gente não aprenda da maneira correta. E acaba que hoje essa área de educação... Não adianta, você pode estudar mil anos. Você só aprende de verdade quando você está na prática. Quando você vem para cá, para dentro, você começa a trabalhar. Porque nenhuma aula vai te ensinar o que você tem que fazer dentro de uma sala de aula. Não adianta, é totalmente diferente.

Além de secretário, ele é professor substituto. Quando falta um, ele vai para sala de aula. Diney afirma: “A faculdade é para você ter uma noção, porque a prática mesmo é só depois que você começa a trabalhar na área. Porque é muito teórico, você fica muito na parte teórica, você lê muito. Agora a prática mesmo é só quando ele está dentro da escola.” Ele faz parte da prefeitura comunitária da comunidade de Sagarana, todas às vezes é ele que faz a ata, porque ele é secretário de lá também. Ele trabalha na área da educação e na área financeira para a prefeitura comunitária. No entanto, não recebe para isso, ele faz trabalho voluntário na prefeitura no intuito de ajudar a comunidade.

Figura 32. Diney apresentando o sistema de hortaliças da Escola de Sagarana.



Fonte: A autora (2023).

Diney diz não gostar de organização para o trabalho, ele diz não gostar de planejamento. Ele simplesmente deixa acontecer, sem muitos planos. Sobre algum período do ano que ele trabalha mais. Tem o início do ano, o meio do ano e o final. São três períodos que ele trabalha mais, que são a época de entrega de documentos para o município, que tem que enviar para o chefe. Existe a equipe da superintendência, que é a regional de comando do Estado, que eles vão fiscalizar todos os documentos, todos os armários, eles vasculham tudo para saber se está tudo em ordem, então, esses três períodos eles trabalham muito, que é janeiro, julho e dezembro.

O Diney já teve outros trabalhos na vida. Ele começou a trabalhar de carteira assinada, esse é o segundo, mas sem ser de carteira assinada, ele já trabalhou no mercado Bom Preço, já trabalhou como tratorista, em roça, em fazenda. A dona do Bom Preço é prima dele, ele trabalhou com ela há muito tempo, e antes dela, ele já tinha trabalhado na rede de laticínios de Sagarana, recebia o leite para mandar para fazer queijo, porque esse queijo é mandado para fora, até limpar a casa para os outros ele já fez, ele sempre gostou de ser independente, sempre gostou de trabalhar para se sustentar, segundo ele.

> Diney: com os jovens sim, porque hoje a gente vê que os jovens de lá estão muito perdidos. Eles vão para um mundo totalmente diferente daquilo que... Claro que cada um hoje tem uma concepção diferente, mas aquilo que eu presenciei, aquilo que eu fui ensinado, que eu cresci, é totalmente diferente do que eles estão fazendo hoje, até o respeito entre si ou entre os mais velhos é totalmente diferente, não há respeito para falar a verdade entre os jovens de hoje, então acho que busca resgatar a cultura de antigamente, envolver os jovens, tirar eles um pouco da rua, seria importante, se eu pudesse essa área que eu queria envolver.
> Mau: - Você tem algum trabalho aqui na comunidade?
> Diney: - Não, porque a gente não tem esse suporte ainda, porque não adianta você tentar fazer algo que você... Por exemplo, eu vou chamar os jovens para fazer alguma coisa, fazer o quê? O que a gente tem aqui para fazer diferente? Por exemplo, a gente poderia ter uma vez por semana reunir, fazer uma dinâmica, fazer uma brincadeira, ou então, já que gosta de jogar futebol, vamos fazer um torneio de futebol, agora não, está tendo sim, esse torneio de futebol realmente está acontecendo, mas agora de pouco tempo para cá, ou então se gosta, vamos para a beira do rio todo mundo, vamos conversar, vamos assar uma carne, vamos ver o que a gente está precisando, está precisando de fazer um parquinho, vamos juntar todos os jovens, vamos ajudar a fazer o parquinho, seria basicamente isso, mas não tem, não tem financeiro para isso, acho que nessa área a prefeitura tem que investir mais na juventude.

Eu perguntei se ele acha que a prefeitura ajudaria essa iniciativa? Eles possuem a área social que pode estar ajudando, tem a área da cultura que pode estar envolvendo também, que pode estar ajudando financeiramente, segundo Diney, mas há bastante burocracia.

> Ele se acha criativo até demais. Eu pedi um exemplo e ele disse: “eu gosto muito da área da leitura, eu já pensei em fazer um livro sobre a comunidade em si, sobre eu dentro da comunidade, porque eu fui o primeiro homossexual a se assumir dentro, eu sou o primeiro, então tem toda a história, como eu fui tratado no início, agora, como a comunidade se comportou, às vezes eu até pensava em criar um livro sobre a história”.

Economia e patrimônio

O salário do Diney é fixo, dá para manter estável ao longo do tempo. Na escola ele é pago pela prefeitura municipal, ele é contratado da Secretaria de Educação, como secretário escolar. E na prefeitura comunitária, que é de Sagarana, ele não recebe, pois o trabalho é gratuito, é voluntário. Ele faz apenas para ajudar a comunidade. Ele comenta que o padrasto, consegue manter sua renda com a agricultura. Porque ele planta milho, comercializa, cria gado, cria porco também. O terreno fica em outro local, longe de sua casa, é da família do padrasto dele. Diney diz não ser autônomo: “porque quando você tem o seu próprio negócio, você conduz o seu próprio. Por enquanto não”. Ele diz ser totalmente dependente do salário como secretário escolar. Ele disse que sua mãe já fez parte de uma cooperativa antigamente. Agora Diney faz parte de uma associação da prefeitura, ele é associado. Uma associação que você associa os seus bens que possui nela, por exemplo, se você é dono de uma fazenda, de um pedaço de terra, e você precisa de trator, a associação tem o trator, e ele vai ser mais

barato para você. Se você for membro da associação, você acaba tendo um desconto, tudo é mais barato com os produtos vinculados à associação.

> Mau: Vocês comercializam artesanatos ou produtos?
> Diney: Não. Na época a gente trabalhava pela Fundação Banco do Brasil. Tudo que elas produziam a gente pegava e levava para as feiras, que era em Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, e a gente podia viajar levando esses produtos.
> Diney: Eu conheci até a UERJ, que é a Universidade Estadual do Rio de Janeiro, a gente foi lá, apresentou um trabalho lá, a gente foi para São Paulo, todos esses produtos a gente levava para lá, mas a gente tem a sede, tinha, né? Porque agora são outras pessoas que mexem, a sede do artesanato ali em cima, que era feito lá, então a roda de fiar está lá, por isso que a gente não faz mais, a gente não vende mais. Porque a minha mãe também nem pode mais trabalhar por causa da idade, dos problemas de saúde, nem a minha mãe, nem a minha tia. Acaba que dessa área do artesanato, a gente não mexe com mais nada.
> Mau: Você sente falta de trabalhar lá?
> Diney: Quando era minha família que estava lá, agora com as novas pessoas que estão, eu não me sinto tão atraído, não. Porque lá trabalhavam minhas duas tias, minha mãe, as amigas das minhas tias, da minha mãe também, então acaba que eu cresci naquele grupo ali. E agora as pessoas que entram não são, não tem a minha ideologia de como era antes. Acaba que mudou muita coisa. E tudo que a gente tem que mudar, tem que avançar, tem, mas a gente não pode esquecer aquilo que foi feito lá atrás, das raízes, não. Porque se você cortar aquela raiz, o que foi no passado já nem serve mais, então. E eu não gosto disso. Essas mudanças bruscas assim, como foi feito. Acaba que hoje nem tenho mais contato com o artesanato em si.

Figura 33. As hortaliças da escola de Sagarana.



Fonte: A autora (2023).

Diney não possui auxílio do governo. Têm poucas dívidas, apenas no supermercado. Ele comenta, que nunca deixa passar o limite estabelecido para os gastos do mês, tanto no supermercado, quanto em outros comércios.

> Mau: Você gosta de política?
> Diney: Ah, eu bato muito com as políticas. Nossa senhora, se quiser ver o Cabra, nossa, eu entro no meio mesmo.
> Mau: Você tem acesso a alguma política pública?
> Diney: Assim, desde quando eu me entendo por gente, eu acompanho o vereador daqui de Sagarana, já trabalhei pra ele, inclusive hoje o cargo que eu estou aqui, foi ele que cedeu, que ele tem direito a cargos, aí ele vai colocar nos lugares, só que ele cede assim, ele dá o serviço, mas se você não tiver hábito de trabalhar, não adianta. Se você não tiver faculdade, você não entra. Não é só ele falar assim, não adianta, aí você vai trabalhar na escola que eu estou aqui. Não, se eu não tiver faculdade eu não posso vir, se a diretora não tiver faculdade ela não pode entrar, então, ou você tem aquele treinamento para aquela área ou você não pode pegar, mesmo sendo um cargo indicado. Eu sempre fui envolvido em política, sempre.
> Mau: Você tem interesse, né?
> Diney: De brigar pela política sim, mas ser um político não. Ah, sim. Deus é mais, nossa, não dou conta nunca de entrar com a política em si para ser um candidato. Tem hora que os meninos até brincam comigo na rua, falar uma dica do Donizete, eu sei que você é o nosso vereador. Eu falei assim, oh, menino, fala um trem desse, não, nunca foi preciso. Se eu entrar dentro de um trem daquele ali, eu acho que eu começo a brigar, eu não aguento esse tipo de coisa.
> Mau: O Donizete é o único vereador daqui?
> Diney: Ele é o vereador do município, mas que reside dentro de Sagarana, porque ele é daqui de dentro, então o foco dele mais é Sagarana, mas ele trabalha pra Arinos inteiro, que Arinos hoje é a sexta maior do estado.

Sociabilidade

O artesanato querendo, ou não, faz parte da cultura de Sagarana, desta maneira, Diney comenta, igualmente tem a Dona Nêga, que geralmente quando ela vai apresentar essa questão da Dança do Gambá, que é uma cultura da Vila, outras danças, como ele aprendeu, geralmente ela convida ele para participar e se apresentar em em Arinos, junto com eles. Ele dança também. Ele faz de tudo um pouco. E essa questão é igual, por exemplo, a Folia de Reis, que tem tradição dela na família de Diney. Inclusive o capitão da folia é o tio dele.

> Mau: Você gosta das folias?
> Diney: Nossa, amo. Fui criado dentro dela, né? Como eu falei, como é de família, eu conheço a folia desde que eu nasci praticamente. Porque toda folia que tinham era na casa de parente, era na casa de vizinho, então a gente sempre ia para ajudar a cozinhar. Porque eu também ajudo na parte da cozinha, todas às vezes que tem folia eu espero cozinhar.

Ele é nascido e criado em Sagarana, todos se conhecem. Aponta que a primeira coisa que você tem que ter para ter um bom convívio é o respeito. Foi educado de uma forma muito rígida, sua mãe foi muito rígida, nos contou que tinha hora de falar, hora de ouvir. Lá em sua casa, se a mãe estivesse conversando, nenhum deles podiam falar, pelo menos entrasse na

conversa, a hora que a visita saísse eles recebiam um castigo. Na hora da janta, se tivesse visita, a visita ia primeiro, se os filhos fossem primeiro, a hora que a visita fosse embora eles recebiam outra punição, tudo tinha as prioridades. Ele diz que pelo menos tem essa base e essa educação até hoje.

> Diney: Da mesma forma que quando eu estou falando, eu gosto de que as pessoas me ouçam, a hora que a pessoa está falando, eu também vou ouvir, eu acho que cada um tem seu limite. Então, por isso que hoje eu tenho muito respeito, principalmente com as pessoas mais velhas. Eu converso muito com os mais velhos. Eu tenho amizade mais com os mais velhos, porque com os mais novos, talvez a gente não tenha a mesma sintonia, digamos assim. Então, eu respeito muito para ser respeitado, então eu tenho muito mais contato com os idosos por causa disso, porque o respeito é mútuo. E quando eu me assumi, eu pensei assim, se as pessoas mais velhas vão ficar, vai se afastar e não, muito pelo contrário, continua a mesma coisa. Acho que os mais novos se assustam mais do que os mais velhos. E talvez, se eu tivesse sido uma pessoa rebelde na minha adolescência, talvez eu não teria tido o carinho que eu tive, e que eu tenho, e continuo tendo hoje. Graças a Deus, muito bem respeitado, assim como eu respeito os demais. Muito bom.

Diney costuma sair pela Vila quase todos os dias. Ele gosta muito de conversar com os amigos. Eles têm o próprio grupo de amigos, eles se sentam, tomam uma cerveja, assam carne e ficam proseando. Geralmente têm a casa que eles se encontram, tem a casa de um amigo dele, que já é um senhor, ficam lá. Disse não ser muito a fim de boteco. Ele não gosta muito, por causa dos conflitos que existem. Disse já ter presenciado coisas feias em bar.

Diney faz faculdade e só conhece a coordenadora do curso dele, porque o ensino é EAD e completamente online hoje em dia, tempo em que os alunos não se conhecem entre si. No trabalho de secretário escolar, onde ocorreu a conversa, ele comenta que interage 90% com as pessoas da escola. Pois lá é um ambiente familiar também, que se torna família, segundo Diney. Na área de serviço se tornam amigos. Tem aqueles que se dão bem na convivência, outros nem tanto.

A respeito dos eventos que Diney costuma participar na Vila de Sagarana, ele comenta sobre a tradicional festa de maio, que significa muito para ele, todo ano tem ela. As Folias de Reis. As rezas que têm a Folia e tem a reza que é separado, uma coisa diferente da outra. Tem os eventos na igreja católica. Tem o evento do Cine Baru que ele participou.

> Mau: Você gosta do Cine Baru?
> Diney: Gosto e não gosto. Porque eu já falei, até conheço muitos meninos que fazem. Acho que é um projeto bacana, mas só que não é uma coisa que a comunidade em si aprova sempre, sempre. Porque o povo daqui não está acostumado com essa cultura. O povo daqui não é tão ligado à cultura. Os mais velhos sim, mas os mais novos não. Então tem que fazer alguma coisa relacionada aos mais novos também. Não estou falando que é feio o que eles fazem, porque eu gosto, eu vou porque eu gosto, eu gosto de assistir aqueles documentários, mas os mais novos não vão lá assistir isso. Então tem que voltar alguma coisa para a juventude, porque daqui a uns dias o que vai restar é a juventude, os mais velhos estão indo. Então tem que focar também nisso.

Vida afetivo-amorosa

Para o tópico da sexualidade e vida amorosa de Diney, serão mantidos os diálogos da forma que ele construiu cada resposta diante das perguntas, preservando cada construção de suas falas, para evitar distorções do que foi dito, diante de sua sexualidade em Sagarana e sua própria história de vida que é repleta de detalhes.

Mau: Você está solteiro há quanto tempo?
Diney: Meu primeiro relacionamento durou cinco anos, o segundo cinco anos e meio, aí depois disso nunca mais eu namorei.
Mau: Você namorou duas vezes?
Diney: Duas vezes, os dois relacionamentos de cinco anos, uns cinco anos, outros cinco anos e meio. Aí o último relacionamento que foi de cinco anos e meio, a gente morou junto. O outro era só um namoro assim de cada um na sua casa. Esse último não, esse último veio para morar comigo. A gente morou junto e acabou que não deu certo, ele foi para Brasília, procurar serviço para lá, eu fui, só que aí a gente não deu certo, eu voltei e ele ficou.
Mau: Ele é daqui mesmo?
Diney: Ele era do Maranhão, mudou para Uruana, que é uma cidade vizinha, em Uruana eu o conheci, aí ele já veio para cá para morar comigo.
Mau Sousa: Então era como se fosse um casamento, né?
De certa forma casado, porque mora junto, compartilhava as mesmas coisas.
Mau: O que é ser homem para você?
Diney: O que é ser homem hoje em dia é até complicado, porque existe tanta definição para homem, que existe homem e existe moleque, né? Existe babaca, assim, entre aspas. Mas, para mim, acho que é ser o que você é. Independentemente de qualquer coisa, do que acham, do que falam, você tem que ser você. Homem é você assumir a sua responsabilidade diante de seus atos e pontos. Primeiramente, que você não tem que provar o que você é para ninguém. A primeira coisa que eu falo é que seja você e simplesmente isso. Eu acho que é isso.
Mau: Como você define sua orientação sexual?
Diney: Gay.
Mau: Se interessa só por homem?
Diney: Só.
Mau: Já tem tempo? Tem mais de 10 anos, né? Você falou dos seus namorados, né?
Diney: Que eu me assumi, sim, porque gay a gente nasce.
Mau: Sim. Que você se afirmou.
Diney: Que eu me assumi, né? Aquela fase que a gente mesmo não se aceita. Que a gente nega até a morte. Que a gente quer esconder aquilo. Depois, sim, que você vai se entender. Que não é, como se diz, uma escolha. Você não escolheu ser aquilo. Você nasce, assim, ponto. Mas eu me assumi mesmo. Eu me assumi em 2008, 2009, por aí.
Mau: Uau.
Diney: Eu sou o primeiro assumido aqui de dentro. Muito novinho, né?
Mau: Você estava com que idade?
Diney: Eu estava com meus doze, dez, onze, por aí. Na verdade, eu nem me assumi. Foi minha mãe que chegou nele e falou, olha: eu já reparei, eu sei que você[...] nem por isso você vai deixar de ser meu filho. Se alguém tentar fazer alguma coisa com você, vai fazer comigo. Sempre vou te amar e te defender. E pronto, você tem que ser o que você é. Depois que ela falou isso, eu foda-se tudo. Pronto, eu preciso de apoio dentro de casa. Eu não preciso do apoio da comunidade. Eu não preciso do apoio de ninguém. Eu preciso do meu apoio dentro de casa. Se eu estiver dentro de casa, eu vou me importar com os outros na rua? Não.
Mau: Isso é muito legal. E como foi sua infância?

Diney: Eu sempre soube, né? Eu sempre soube, mas na minha infância em si, eu sempre fui mais calado. Eu sempre fui aquele primo ligado com as primas. Então eu sempre fui mais envolvido com as meninas da família, com as tias. Não era muito de brincar com o irmão, com o primo, só com as meninas mesmo. Mas com o lado feminino. Com as meninas. Então, acho que desde pequeno, acaba que até a família em si já sabia. Não tem como esconder. Pode não aceitar. Mas esconder também não tem como esconder, não.
Mau: como é com a sua família até hoje? Você acha que melhorou, piorou?
Diney: Não faz diferença. Porque continuo sendo, como você disse, ser humano continua sendo a mesma pessoa. Não mudou em nada. Até porque isso não diz respeito a eles. Do que eu faço ou não. Se eu ficar com homem ou com mulher, não vai fazer diferença para eles. Igual está essa discussão lá na câmera. Que uma bancada lá parece do lado de Bolsonaro, não quer o casamento homoafetivo. Mas vocês não querem sair de casal? Eles não precisam de lá aceitar o casamento de um gay, não? Não existe isso de uma pessoa em pouco que você pode ou não. Isso aí é uma coisa que eu falo. Quem tem que aceitar, quem foi pedido em casamento social? Seu casamento social não foi porque você tem que interferir na vida do seu amigo, colega, seja lá quem for do seu vizinho. Cada um tem sua vida particular, cada um sabe o que faz. Então não tem direito de intervir ou falar se pode ou não. E o direito é nosso, não é deles. É uma coisa que demorou tanto tempo para ter. Agora que tem, já vai tentar tirar o único direito que a gente tem?
Mau: Eu acho que a gente já conversou um pouco sobre isso, mas como você percebe a construção da sua sexualidade?
Diney: Como assim?
Mau: Como você começou a perceber que você era gay ao longo do tempo?
Diney: É aquela questão, a gente só se descobre, né? Porque a gente já nasce assim. E ao passar do tempo que você vai ter naquele sentido, por exemplo, você vai reparar mais no menino do que na menina, você vai se identificando mais de um lado para o outro. Então acaba, desde pequeno, você aos poucos vai se conhecendo. Eu acredito que seja assim, né? Pelo menos comigo foi assim.
Mau: Existem outras pessoas LGBT+ na sua família?
Diney: Tanto escondido, né? Tem uns que ficam na casinha deles. A gente sabe o que é, mas não assumem. Não adianta a gente conhece de longe.
Mau: Como funciona a sua vida amorosa e afetiva?
Diney: Não funciona, nada. Não está funcionando em nada.
Mau: Mas quando ela funciona, é bom?
Diney: Eu gosto das coisas muito certas. Mas, ao mesmo tempo, eu sou uma pessoa muito carinhosa. O que eu posso fazer para ajudar, eu sempre estou lhe ajudando. Sempre tento fazer do bom e do melhor. Eu sou muito engraçado. Eu tento ser engraçado com a pessoa que está comigo. Tudo que eu faço para mim, eu faço pela pessoa. Tem hora que eu sinto que eu sei ser besta por causa disso, né? Porque, às vezes, se a gente for um pouquinho mais sério, a gente não recebe chifre, né? Se a gente fosse mais, assim, seguro em si, às vezes a gente seria mais valorizado e respeitado.
Mau: Você possui uma vida sexual ativa? Assim, tem alguma frequência?
Diney: Ultimamente, não. Ultimamente é só serviço e serviço.
Mau: Você acha que existe algum tabu aqui dentro da comunidade em relação à sexualidade?
Diney: Já no início, sim. Agora, hoje em dia, não. Eu acho que hoje em dia as pessoas[...] eu acho que é muito aquela questão do respeito. Eu acho que você pode ser o que for. Eu acho que a partir do momento que você tem um respeito e que não é aquela coisa que acaba atingindo o próximo, então não vai fazer diferença. Eu acho que tudo tem limite, tanto da minha parte quanto da parte do próximo, porque o meu respeito acaba quando começa o seu. E até porque eu também não tenho que importar com o que a comunidade acha ou deixa de achar, porque não são eles que pagam a minha conta, não são eles que me ajudam quando eu preciso, então a minha vida é particular. Para eles, tanto faz. Eles não têm o que opinar.
Mau: Como você demonstra interesse por alguém na vila? Ou fora?
Diney: Eu acho que eu nem demonstro. Quando eu realmente quero, eu chego e falo. Não tem aquele negócio de ficar dando uma olhada. Quando eu tenho interesse

> mesmo, eu chego e falo. - E aí, tudo bem? A gente acha interessante e tal. Eu sou muito direto. Eu não tenho esse negócio de rodar, como se diz o outro, não. Entendi.
> Mau: Mas sempre ao vivo? Cara a cara? Ou nas redes sociais também?
> Diney: Se for uma coisa que eu ver na rede social e a gente estiver conversando e eu ver que pode rolar alguma coisa, a gente conversa e tal, com mensagem. Agora, quando é presencial, eu falo na cara mesmo. Tem que esconder nada, não.
> Mau: Você já pensou em ter filhos?
> Diney: Adotar sim. Pensei em adotar uns três. Deus não dá asas à cobra, se eu tivesse condições. Porque hoje, para você ter um filho, você tem que ter condições.
> Mau: O que você achou das perguntas? Te incomodam elas?
> Diney: Nem um pouco. Tranquilíssimo, claro.

Eu entrevistei o Diney sozinha dessa vez, foi uma experiência muito interessante conversar com uma pessoa LGBTI+ de Sagarana, que de fato, vem contribuindo para mudar o cenário em prol da diversidade no campo também. As experiências de vida de Diney estão relacionadas com atividades rurais, por mais que hoje ele esteja trabalhando como secretário da escola, levamos em consideração que Sagarana não é um núcleo totalmente urbano, possuindo um núcleo rural considerável de propriedades agrícolas e agricultores e agricultoras. Percebemos que Diney, carrega em suas falas experiências voltadas para a roça e para a cultura, além da valorização das práticas que aprendeu com sua família, seja pelo artesanato ou pelos movimentos católicos presente em Sagarana.

A conversa foi longa, senti que ele ficou à vontade para se expressar comigo, achei ele sincero e honesto com suas respostas. Achei ele aberto para todas as questões, principalmente no tópico de vida amorosa e sexualidade, que ele possui espaço de fala para analisar toda sua trajetória em Sagarana, mesmo que tenha ido morar em Brasília por um curto período. Antes de vir a campo, eu já imaginava que poderia encontrar ao menos uma pessoa LGBTI+ em Sagarana, eu escrevi meu projeto de qualificação pensando nessa possibilidade também, fico feliz que se concretizou e que nos trouxe a visão dele sobre Sagarana e sobre suas ações na comunidade.

Figura 34. Diálogo com Diney durante a apresentação da horta da escola.



Fonte: A autora (2023).

3.6 – Júnior (Júnior Fonseca da Silva)

No dia 12 de outubro de 2023, aconteceu a sexta conversa com Júnior *(in memoriam)* na casa de sua mãe, Dona Sebastiana, localizada em Sagarana. Estava presente somente eu, Júnior e Dona Sebastiana. Em respeito à história e imagem de Júnior que faleceu em 2024, manteremos sua história de vida contada por ele, em nossa pesquisa.

Figura 35. Júnior na varanda da casa de sua mãe, Dona Sebastiana.



Fonte: A autora (2023).

Família

O nome completo dele é Júnior Fonseca da Silva. Sua mãe Dona Sebastiana (também conhecida como Dona Milu, também na figura 44) tem aproximadamente 90 anos de idade, ela estava aguando as plantas enquanto conversávamos na área de sua casa. O pai de Júnior faleceu há algum tempo. Junior morava na roça sozinho atualmente. Com frequência ele convive mais com a família da dona Sebastiana. São sete irmãos no total. O Júnior é tio do Diogo e de João Carlos, sendo irmão mais novo da Dona Zélia, dona da casa onde fiquei

hospedada. É importante deixar registrado essa conexão familiar para explicar que existe mais de um homem solteiro da roça na mesma família, que se distingue pelo grau de parentesco.

Para Júnior, família é a base de tudo. Acha muito importante ter família. Júnior não têm filhos. Sua relação com seus familiares é boa, comentou ele, no entanto, acontecia alguma confusão de vez em quando. Alguns dão carinho, nem todos. Ele comentou que aprendeu com o pai a ser agricultor. Criação de animais e plantações. Ele disse que aprendeu com o pai a cuidar do gado, dos suínos, das galinhas, dos caprinos, dos cavalos etc. Júnior aproveitou o momento para descrever seu quintal, sua roça e seus animais, disse sobre os animais que cria e sobre os investimentos que fez e os prejuízos que tomou ao longo de 2023. Ele criava gados com finalidade de produzir queijo para comercialização. Ele conta que três vacas infelizmente morreram. Em seguida, disse que o terreno que ele mora e cuida é de herança do seu pai, sendo este o seu patrimônio.

Organização do Trabalho

Além de Júnior, sua família é de agricultores familiares, quase todos os irmãos possuem roças e nela trabalham. Inclusive é muito comum em Sagarana, os lotes estarem com hortaliças, galinheiros e outros animais pelo quintal. Na roça de Júnior, ele trabalhou sozinho. Ele costumava plantar no terreno. Ele pretendia fazer uma pastagem, e por cima plantar o milho para autoconsumo e provavelmente para comercialização. Os animais de criação na sua chácara são gado, galinha, porco, cavalo, peru, cocar. Ao longo do ano, ele trabalhou mais na seca, disse que trabalhava dobrado nesta época. Ele disse não fazer planejamentos para o trabalho, ele começava por uma atividade, depois outra, e intercalava as atividades na sua propriedade. Na sua rotina, ele disse acordar às 5h da manhã e ia até ao anoitecer trabalhando. Na época de plantio ele disse que trabalhava até mais tarde da noite.

Sobre os trabalhos que já teve na vida, ele disse que já foi operador de máquinas agrícolas, ajudante de pedreiro, em empresas, fábricas em Goiás, produzindo extratos de tomates. Ele já morou em Brasília, Patos de Minas, Paracatu, Unaí, Uruana, se deslocando de Sagarana para essas cidades para o trabalho ao longo da vida. Júnior, disse que gostaria de ter um negócio na Vila, bem como, uma distribuidora de bebidas, uma padaria ou um restaurante. No entanto, eu perguntei a ele se sabia fazer pão e ele disse que não. Mas lembrei que Dona Zélia, irmã dele, já teve uma lanchonete na vila, pode estar interligado esse desejo de Júnior pelo comércio através da ausência de muitos comércios ali e pelo exemplo da irmã.

Júnior faz parte da associação de tratores da Vila de Sagarana e faz parte de um grupo de Cavalgadas que acontece pela região de Sagarana. Ele diz que é uma forma de encontrar os amigos para se divertir. Ele disse ser uma pessoa criativa na roça.

Economia e patrimônio

A renda mensal de Júnior não se manteve estável ao longo do ano. Ele investiu todas as suas economias em seu lote, mas ainda não obteve retorno suficiente para a estabilidade financeira. Apesar disso, conseguia manter a propriedade, embora os custos fossem altos e os prejuízos frequentes. Para complementar a renda, Júnior realizava serviços de mão-de-obra em outras chácaras, conhecidas como bicos, especialmente em gradagem em trator.

Começou a mexer com máquinas ainda aos 12 anos e ampliou seus conhecimentos em cursos técnicos em Sagarana e Unaí, acreditando que certificados e experiência eram fundamentais para conseguir oportunidades de trabalho. Na chácara, comprava e vendia animais, produzia leite, frango, porco e queijo, que vendia de forma autônoma, muitas vezes na porta de botecos ou informalmente. Nem sempre conseguia lucro, e os prejuízos com animais eram comuns.

Ele participava de uma associação local que oferecia condições mais acessíveis para serviços e custos, mas não fazia parte de cooperativas de leite e não possuía créditos do Governo, embora demonstrasse interesse em programas como o Bolsa Família.

Tinha cerca de dez dívidas pequenas com vizinhos e fornecedores, que organizava pagando primeiro as mais antigas, mantendo o controle mental das finanças sem registro formal. Apesar das dificuldades, conseguia certa autonomia econômica e se organizava para manter as atividades produtivas da roça. Quanto à política, não demonstrava interesse.

Sociabilidade

Ele disse que participava principalmente das cavalgadas, embora ia pouco, porque se sentia muito caseiro, e depois do trabalho da roça, se sentia cansado e sem ânimo para sair. Ele já foi a algumas festas locais, mas, raramente, recordava de quando estava vendendo uma bezerra por lá. Fora as cavalgadas, não participava de outras atividades culturais, mas sentia interesse por cultura.

Seus amigos eram de infância, do tempo da escola, e mesmo morando fora, mantinham contato e se encontravam em Sagarana, onde todos tinham família e base. Ele se

considerava mais reservado com os moradores locais, que conversavam muito e gostam de fofocas, então ele preferia ficar na sua. Ele raramente saía nos últimos anos, mas gostava de passear, especialmente com amigos, chegou a ter namorada, mas estava solteiro.

Em relação aos estudos, parou na sexta série, por volta dos 15 ou 16 anos, por falta de tempo, mas continuava se atualizando, fazia cursos, principalmente ligados ao trabalho, e sempre interagia com colegas e conhecidos durante essas atividades.

Na roça, recebeu algumas visitas, o que mantinha sua interação social, mas participava de eventos comunitários apenas às vezes. Ele disse que não tinha dificuldade de socializar, sendo aberto às conversas, embora reconheça que algumas pessoas são mais fechadas. Quando encontrava oportunidade, participava ativamente das conversas e mantinha interesse em se relacionar com os outros.

Vida afetivo-amorosa

Ele contou que estava solteiro há cinco meses, após o término de um namoro de oito anos. Não tiveram filhos. O término deixou ele desestruturado, e ele reconheceu que ficou bagunçado emocionalmente, admitindo que buscava equilíbrio nessa parte. Para ele, ser homem solteiro era difícil de definir, mas confessa que não gostava de ficar sozinho e preferia sempre estar em um relacionamento. Por outro lado, reconheceu que ser solteiro também trazia liberdade, permitia conhecer novas pessoas e aproveitava a vida de outra forma.

Apesar de ter sido um homem solteiro, ele não buscava compromisso sério naquele momento, apenas aproveitava a liberdade. Ele se considerava amoroso quando estava namorando e gostava de dar atenção à parceira. Queria ter filhos, preferencialmente seus próprios, mas não deixaria de tratar bem filhos de uma parceira, caso existissem. Quando demonstrava interesse por alguém, era direto, utilizava mensagens de texto, especialmente pela *internet,* dependendo da oportunidade e do momento.

3.7 – Wilson da Silva

No dia 12 de outubro de 2023, aconteceu a sétima conversa com o senhor Wilson, em sua casa localizada na vila. Ocorreu no final da tarde. Estivemos presentes eu, o João Carlos e o Wilson.

Figura 36. Retrato da autora com o senhor Wilson.



Fonte: João Carlos, 2023.

Família

O nome completo dele é Wilson da Silva, ele tem 65 anos. Ele é um homem teoricamente casado nos documentos, não divorciado, mas separado, faz 15 anos. Wilson tem cinco filhos do casamento, uma infelizmente faleceu. Sobre sua ex-esposa, Wilson comenta que não tem mais contato, que o tempo passou e eles ficaram distantes. Além disso, Wilson não quis detalhar como foi sua separação. Em seguida, ele comentou que tem relação com sua família. Os filhos vão visitá-lo ou Wilson vai até a casa deles. Seu pai está vivo e mora em Riachinho, ele se chama Zé Branco. Wilson possui 10 irmãos, moram próximos de

Sagarana. Dois moram distantes, um em Tocantins, outro em Ceilândia, no Distrito Federal. Eles se encontram às vezes. Convive bem com sua família.

Conhecimentos passados de geração, Wilson comenta sobre o ato de trabalhar, seus pais os ensinaram. Trabalho na roça como agricultor. O Wilson conta que é aposentado por idade. Parte de sua família faz parte da agricultura familiar, produz hortaliças. Wilson não possui herança da sua família, o patrimônio que possui é sua casa em Sagarana. Com sua família, Wilson trabalha na roça, não é sempre, mas às vezes acontece.

Organização do trabalho

O Wilson trabalha por diária no campo, plantando, cuidando de roças. Sendo agricultor, cuida de animais da pecuária e trabalha em serviços gerais também. Como já dito, o Wilson é aposentado e trabalha nas fazendas de Sagarana-MG e região para obter uma renda a mais na sua vida. Ele trabalha mais na época da seca. Dependendo do serviço e do local, ele acorda cedo e se prepara para ir ao emprego. Ele trabalha de segunda a sábado. Gosta de trabalhos que não exijam intensidade de esforço físico. Os trabalhos que Wilson já fez na vida, comenta que já trabalhou de pedreiro, fazendo fornos, prática com machado, foice em diferentes localizações ao longo da vida. Como em Patos de Minas, Brasília, Unaí, Anápolis, Goiânia, Tocantins. Wilson conta que nasceu em Governador Valadares e que no final da década de 1960 foi para Sagarana com seus pais. Mudou em busca de melhoria de vida em Arinos. O Wilson gostaria de fazer uma caminhada com as pessoas em Sagarana, para reunir as pessoas, algo parecido com o Caminho do Sertão. Esse é um sonho dele dentro da comunidade.

Economia e patrimônio

Sua renda mensal é estável ao longo do ano por conta da aposentadoria, entretanto, nos trabalhos que Wilson exerce, há variações. Wilson comenta que já teve um comércio para vender bebidas e alimentos em sua casa, porém, quando estava casado, sua antiga companheira ajudava a administrar e cuidar. Brevemente ele disse que sua ex-esposa o deixou. Ele diz que já teve autonomia em sua renda ao longo da vida. As políticas públicas a que Wilson teve acesso, ele comenta sobre o Bolsa Família, Cestas Básicas oferecidas pelo Governo, e mais recente sua aposentadoria. O Wilson não possui dívidas, segundo ele. De vez em quando, surge alguma, porém, ele quita rapidamente. Comenta que há uma certa

dificuldade de organização com seu dinheiro. Wilson demonstra interesse em políticas e incentivos do governo à produção familiar rural, se disponibiliza e diz que o campo, a nossa roça, merece esse apoio aos agricultores e as comunidades rurais.

Sociabilidade

O Wilson gosta das Folias de Reis, das cavalgadas. Ele participa de vez em quando. O Wilson faz muitos amigos dentro de Sagarana. Ele comenta que têm amigos bons e ruins. Ele gosta de sair pela Vila, gosta de viajar para Belo Horizonte. Ele costuma ir às cachoeiras, ele diz ter sempre companhia de amizades para se divertir. O Wilson não estuda, comenta que parou no 3º ano do ensino fundamental. Sente vontade de voltar a estudar, segundo ele. Nunca fez curso em Sagarana. Wilson interage bem com as pessoas do seu trabalho e tem interesse em conhecer novas pessoas. Ele sempre oferece ajuda para as pessoas quando precisam, se ele tiver condição.

Vida afetivo-amorosa

Wilson gosta de ser um homem solteiro. Ele diz que sente falta de uma companheira. Ele sente solidão, diz que queria alguém para conversar sobre a vida. Diz que aproveita para ouvir música, assistir televisão quando fica sozinho. Ele diz que gosta de dar amor, carinho, se diz amoroso. Ele diz ter tido namoro depois do término do casamento. São 15 anos como homem solteiro, entretanto, Wilson diz ter relações sexuais com frequência. Ele diz quando sente interesse por alguém, procura a pessoa, pode ser que não aceite ficar com ele e assim, ele não insiste. As mulheres também procuram por ele, segundo Wilson. Ele comenta que teria interesse em se casar de novo caso encontrasse alguém que dê certo com ele. Rapidamente, ele comentou que sua antiga companheira já se casou duas vezes depois do fim da relação com ele, somente ele que não se casou novamente.

No dia 12 de outubro de 2023 ocorreram duas entrevistas. Esta conversa foi a segunda do dia. Eu me senti bem para conversar, estive aberta para interagir com o Seu Wilson e o João Carlos. Ainda não tinha entrevistado um homem solteiro que já construiu matrimônio e formou família. Fiquei pensando se o perfil do Wilson se encaixaria com a proposta da nossa pesquisa. Realizamos a entrevista e acreditei que sim. Ele faz mais de 15 anos solteiro, são anos consideráveis para o entendimento da solteirice, especificamente em Sagarana-MG. Senti que foi rápido o nosso encontro, eu fiquei curiosa para saber os detalhes do seu

casamento, mas senti que não podia ser invasiva com o Wilson. Estando na pesquisa de campo, é completamente diferente as dinâmicas, eu sou uma pessoa de fora da Vila, o Wilson conseguiu se expressar, no entanto suas respostas às vezes eram curtas e breves.

3.8 – Chico (Francisco Xavier Lisboa)

No dia 21 de outubro de 2023, aconteceu a oitava conversa semiestruturada, desta vez com Chico, em sua casa localizada em Sagarana. Estivemos presentes eu, o João Carlos, o Chico e o amigo de Chico que estava em sua casa visitando ele. A conversa aconteceu pela manhã de sábado na área de sua casa.

Família

O seu nome completo é Francisco Xavier Lisboa, tem 64 anos. Chico nos conta que está quase se aposentando por conta da sua idade. Ele mora sozinho em Sagarana, está há mais de vinte anos morando sozinho. Ele nos conta que tem uma filha com 32 anos. Ele conta que em 1990 começou a morar em Sagarana.

> Mau: O senhor veio para cá nos anos 90?
> Chico: Isso, 90.
> Mau: o senhor era de onde?
> Chico: Eu nasci em Urucuia, em um lugar chamado Juda. Tem Juda, tem o Bonito
> João Carlos: Bonito de Minas? Não tem a festa do carro de boi?
> Chico: pois é. Tem uma estrada que vai pra São Francisco, na verdade ela que é a divisa de Bonito com Juda. De cá é Bonito, de lá é Juda, e eu nasci de cá de Juda, eu cheguei em 90, eu morava em São Paulo, mas eu sou nascido e criado lá.
> Mau: E a família do senhor era de São Paulo então?
> Chico: Não, daí também, só quem foi pra lá fui eu e voltou
> João Carlos: engraçado, tem muita gente daqui que foi pra São Paulo e voltou, né?
> Chico: Tem muitos. Um bocado aposentou e tal voltaram, outros já se adaptaram lá. Na verdade São Paulo hoje é caminho de roça, porque naquele tempo era difícil de ir e vir, era uma semana pra ir uma semana para voltar, você sai daqui cedo de noite e você está lá se tornou perto, né?

Chico comenta que não tem relação com a sua família, não tem convivência atualmente. Ele possui três irmãos. Um mora em São Paulo, outro em Brasília e o outro, infelizmente, faleceu. Geralmente, os irmãos conversam por ligação. Chico diz que a família é tudo para ele, que eles possuem raízes e sente falta de estar próximo deles. Chico ficou muito pensativo sobre o conhecimento que aprendeu com sua família, ele dizia não lembrar muito bem os detalhes. Mas já trabalhou na roça quando mais novo, disse que plantava milho,

arroz, feijão, aprendeu a capinar com seu pai. Ele também comenta que saiu da roça para tentar uma vida melhor em São Paulo, como ele comentou no diálogo acima sobre detalhes da chegada em Sagarana nos anos 90. Em São Paulo, ele trabalhou na indústria de vidros, indústria de plástico e indústria de cano PVC. Sua família não faz parte da agricultura familiar, porque todos moram em cidades e tem uma vida urbana. Ele não possui herança e o patrimônio que possui é sua casa em Sagarana.

Organização do trabalho

Chico trabalha como motorista desde muitos anos, ele conta que trabalha de forma particular ou autônoma. Ele leva os alunos das escolas até o seu destino, trabalha pela manhã e no final de tarde, de segunda a sexta-feira. Outro trabalho que Chico exerce é como pintor, ele faz pinturas nas horas vagas. Chico comenta que acorda às 5 da manhã, mas que seu corpo se acostumou a ficar acordado pela noite por conta da sua rotina de trabalho quando mais novo. Chico relata que não tem nenhum grupo na comunidade que tenha interesse em participar. Ele formulou as respostas de forma rápida ao longo desse tópico da organização social do trabalho.

Economia e patrimônio

Sua renda mensal se mantém estável ao longo do ano, porque existe permanência no seu trabalho. Ele ganha sempre o mesmo tanto, exceto nas férias. Como dito, ele é um trabalhador autônomo, que mora na Vila de Sagarana que têm seus aspectos rurais, mas trabalha como motorista e pintor. Chico não planta, não comercializa produtos, não faz parte de alguma cooperativa. Ele disse não ter interesse na agricultura hoje em dia. Chico diz que recebeu o auxílio emergencial na pandemia, mas teve acesso a outros benefícios, não possui. Ele comenta que não possui dívidas e que possui autonomia com sua renda mensal. Chico foi bastante direto ao dizer que não tem interesse em políticas públicas.

Sobre outros trabalhos que Chico já realizou na vida, em décadas passadas, ele diz que já foi taxista, pintor e musicista em São Paulo. Ele conta que cantava nas noites de São Paulo e que existia uma dupla sertaneja com um amigo de lá. Durou por um determinado tempo, mas acabou. Ele conta que houve muitos imprevistos negativos que impediram eles continuarem como músicos na noite, seja pelo local ou pelas pessoas envolvidas.

Sociabilidade

Chico gosta das Folias, mas não participa há anos. Ele comenta gostar das festas que acontecem na Vila. Ele diz ter muitas amizades na vila de Sagarana. Chico conhece todas as pessoas da Vila e diz ter uma ótima relação de amizade com as pessoas. Ele costuma visitar os amigos em suas casas, ou eles vão até a dele. Inclusive tinha um amigo de Chico presente na nossa conversa, depois de um tempo ele se despediu e foi embora. Comenta que tem o hábito de ir a uma fazenda pela região. Ele não vai às cachoeiras e aos rios de Sagarana. O João Carlos disse que é muito comum as pessoas de Sagarana não irem às cachoeiras, são mais os turistas que frequentam. Chico comenta que não quer pagar para frequentar a Cachoeira da Ilha.

O Chico espontaneamente nos disse que participou de uma gravação de videoclipe na cachoeira do Boi Preto, com sua dupla sertaneja chamada Luan e Lisboa. Ele acessou o celular para nos mostrar o videoclipe. Através da rede social ele nos mostrou sua família, sua filha, sua neta etc. Levou alguns minutos para ele pesquisar e nos mostrar. O videoclipe aconteceu há muito tempo. Atualmente Chico diz não cantar mais em público. Sozinho ele diz que gosta de cantar e que levou a música como algo profissional para sua vida. Adiante, Chico diz que não tem problema para socializar na Vila e que interage com as pessoas do seu trabalho tranquilamente.

Vida afetivo-amorosa

O trecho a seguir é um relato da solidão e solitude de Chico:

> Mau: O senhor se sente solitário?
> Chico: Às vezes sim, às vezes não.
> Mau: Por que às vezes não?
> Chico: Porque tem uns momentos de solidão, às vezes se tratar um dia assim que você queria tanto estar com alguém ali conversando, você às vezes não tem ninguém, e ao mesmo tempo eu acho bom, porque eu adoro ser sozinho.
> Mau: Então o senhor gosta de ficar sozinho?
> Chico: A coisa que me deixa bem, bem.
> João Carlos: Depois que o senhor separou, chegou a namorar de novo?
> Chico: Namorei várias vezes, mas assim para morar junto não funcionou mais.

Chico conta que depois de sua ex-esposa não conseguiu morar com outra pessoa. Conversando, ele diz que depende de muitos aspectos para que isso aconteça. Chico diz ser um homem tímido. Ele reflete sobre sua masculinidade, diz gostar de ser solteiro, que sente liberdade em sua vida. Chico comenta ser amoroso na sua relação e não possui uma vida

sexual ativa. Chico prefere namorar com mulheres de outras cidades, ele é um homem heterossexual. Comenta que a Vila é muito pequena para encontrar alguém. Ele não conversa sobre sua vida amorosa com ninguém, diz ser uma parte íntima sobre sua vida. Quando está namorando pode ser que converse detalhes da vida de casal, mas sobre ter alguém para compartilhar sua vida, desabafos, não existe essa pessoa, fica somente para ele sua vida íntima.

Chico se apresentou aberto para as questões, ocorreu de forma espontânea. Acredito que sua história de vida significa a conexão com o território de Sagarana, a forma que chegou, a forma que saiu de sua cidade natal para a cidade grande, representando uma forma de êxodo rural e mudanças de local com o tempo. Muito interessante saber da sua relação com a música que está interligada com a cultura de tantas formas. Analisar sua sexualidade, foi uma experiência diferente para mim, senti que ele se mostrava sensível em algumas questões, ele se mostrava simpático, ria, ficava pensativo, desconfiava um pouco, limitava algumas respostas.

3.9 – Léo (Leonardo Batista Pereira)

No dia 29 de outubro de 2023, no fim do dia, aconteceu a nona entrevista semiestruturada, desta vez com Léo. O nome completo dele é Leonardo Batista Pereira, ele tinha 44 anos. A conversa aconteceu na Casa de Léo, estavam presentes eu, o João Carlos, o Léo e a Mãe de Leonardo, com quem ele residia em Sagarana.

Família

Leonardo tem relação com a sua família materna e paterna. Convive com eles. Ao todo são nove irmãos. Um mora em Sagarana, que é o Manel. Os outros moram em Brasília, mas sempre vão visitá-los. A irmã de Léo faleceu, ficando oito irmãos agora, mas a memória dela permanece na família. Léo é o segundo caçula dos irmãos. Sua mãe é uma senhora de idade de aproximadamente 90 anos, ela esteve presente durante a nossa conversa que ocorreu na área de descanso da família. Ela ficou sentada observando as perguntas e como Léo respondia. Ela sorria em alguns momentos. Moram somente os dois na casa que fica na Vila de Sagarana. Os irmãos moram em Taguatinga, Samambaia, Cidade Ocidental e Luziânia. Espontaneamente eu disse que conheço essas cidades satélites e as do entorno do Distrito Federal. Eu já havia explicado que saía de Brasília, porque o ônibus que faz a rota para Sagarana, sai exatamente da rodoviária interestadual de Brasília, mas que eu residia em Planaltina, Goiás.

Leonardo diz que sua família significa tudo para ele. Possui uma boa relação com eles. Recebe afeto e dá afeto principalmente para sua mãe. Léo diz ter aprendido com sua família a ter respeito com os mais velhos e com as pessoas, ser educado e honesto. Sobre conhecimentos passados através do trabalho, ele comenta sobre a agricultura, a vida na roça. Aprendeu a plantar milho, arroz, feijão com os pais. Ele comenta que antigamente criavam animais, mas atualmente, não. O diálogo a seguir, explica como a família de Léo fazia para administrar dois terrenos, um na roça, e a casa em Sagarana, dando ênfase que sua família fez parte do projeto de Assentamento do INCRA que se configurou, hoje em dia, como a Vila de Sagarana.

Mau: Você aprendeu com a sua família então?
Mau: Vocês cuidam de animais também?

> Leonardo: A gente cuidava, hoje não. A gente vendeu a terra, hoje não tem mais, não.
> João Carlos: Vocês eram colonos também?
> Leonardo: Sim.
> João Carlos: Tinha a terra ali onde?
> Leonardo: A divisa aqui com um franqueado.
> João Carlos: De lá da ilha?
> Leonardo: De lá, de cá, meu pai estava de lá.
> João Carlos: Faz muito tempo que vocês venderam a terra?
> Leonardo: Desde os meus 20 anos, que a gente vendeu lá.
> Mau: Vocês moravam lá e moravam aqui também?
> Leonardo: Foi. A gente veio para cá e deixou lá, né? Aí depois meu pai vendeu. Mas aí essa casa aqui, porque quando tinha o plano de colonização, tinha uma casa lá na roça e uma casa na cidade. Essa casa aqui já era a casa da cidade. Depois a gente veio para cá mais ou menos cinco anos, a gente vendeu lá. Meu pai vendeu.

O Léo conta que sua família não faz parte completamente da agricultura familiar, atualmente. Somente ele, mantém a prática de plantio e comercialização do milho na roça. Inclusive, a palavra agricultura familiar não foi de fácil entendimento para ele, usamos a palavra roça para representar o significado dela. Segundo Léo, o patrimônio que eles possuem é a casa em Sagarana, não pertence a família dele o terreno de antigamente, foi vendido há alguns anos. Não existe herança para a família. Não existe relação direta do trabalho de Leonardo com sua família.

Organização do Trabalho

Léo trabalha como brigadista pelo Instituto Estadual de Floresta – IEF em Sagarana.. A nossa conversa aconteceu na sua folga. Quando, por exemplo, na época que não tinha trabalho para brigadista, ele trabalhava para as pessoas, como chácaras e serviços gerais. Ele disse trabalhar mais no período das chuvas. Por exemplo, no período da seca ele trabalha como brigadista e nas águas ele trabalha mais no campo, na roça. Ele diz gostar de trabalhar na roça e que desde criança cresceu na zona rural.

> Mau: Como você se organiza para o seu trabalho?
> Mau: Alguma dificuldade?
> Léo: eu ainda não entendi a pergunta. Me dá uma dica.
> João Carlos: É assim, imagina só. Eu trabalho mais com o computador, né? Para me organizar eu preciso ter internet. Eu preciso ter o computador. E aí, por exemplo, eu tenho um horário que eu acordo. Eu acordo cedo. E aí eu faço café da manhã, faço isso físico. Porque senão eu ficaria muito tempo sentado. E aí depois eu vou mexer no computador. Eu faço o almoço, me organizo, venho para casa. Vou fazer essas coisas assim. É o jeito que eu organizo o meu trabalho. O jeito que eu vou fazer ele. Para poder fazer ele funcionar.
> João Carlos: O que você faz para seu trabalho funcionar? E ocorrer tudo bem, entendeu?

> Léo: Eu me levanto cedo para organizar o meu trabalho. Eu vou me levantar cedo, vou pegar a minha ferramenta e vou para lá. Vou começar. Entendeu? Por exemplo, se eu vou capinar. Eu chego, vou amolar a enxada. Ou for isso que for. Isso para mim, começar a trabalhar.
> Mau: Começa que horas seu trabalho?
> Léo: Sete horas, das sete às cinco.
> Mau: Você trabalha no sol quente também?
> Léo: No sol quente. O dia todo isso.

As profissões que Léo já atuou na vida, dizem respeito à agricultura, trabalho na roça e mais recentemente como brigadista (faz 4 anos que ele está trabalhando pelo IEF – Sagarana). Ele já atuou como pedreiro na região Noroeste e como motorista habilitado, dirigindo de forma autônoma. Léo gostaria de ter um bom trabalho em Sagarana, com um bom salário. Atualmente ele não faz parte de nenhuma organização comunitária dentro da vila.

Economia e patrimônio

Sua renda mensal se mantém estável ao longo do ano. Existe período do ano que Léo não recebia nada. Quando o período de trabalho como brigadista do IEF acabava no ano (é um trabalho temporário que funciona como contrato no período da seca), Léo dependia de trabalhos nas chácaras pela região e ele conta que geralmente fica de dois a três meses sem trabalho. Portanto, sua renda não é completamente estável, apresentando períodos ociosos. Uma alternativa que Léo encontra é o plantio de milho. Ele planta para o autoconsumo da sua família, e reserva uma parte para vender pela Vila. É uma forma de comercialização local.

Léo não faz parte de nenhuma cooperativa, nem de alguma associação na Vila de Sagarana. Não possui nenhum auxílio do governo, não possui acesso às políticas públicas voltadas para o campo e o meio ambiente. Ele comenta que está na luta por um terreno através do Movimento Sem Terra – MST. Um terreno que está em desapropriação no Urucuia. Léo não tem interesse por políticas, ele foi muito rápido com a resposta. Ele comenta ter autonomia sobre sua renda, possuí dívidas mas são poucas, consegue pagá-las e se organizar para isso. Em torno de R$500 de dívidas.

Sociabilidade

Leonardo participa das folias com certa frequência, disse ser católico e costuma ir à Igreja Católica nos domingos. Léo comenta que têm muitas amizades por Sagarana. Se encontram com certa frequência. Entretanto, ele não gosta de sair tanto, gosta de ficar em

casa, às vezes ia na casa de algum amigo ou parente. Ele não estudava. No entanto, fez o curso de brigadista pelo IEF, tinha muitas pessoas estudando, ele comentou, em que conseguiu ser contratado. Ele diz interagir com as pessoas do seu trabalho, conversavam frequentemente. Ele gostava de assistir aos filmes do CineBaru e ir à festa de maio na Vila. Léo diz não ter dificuldades para socializar na Vila de Sagarana, que gosta das pessoas.

Vida afetivo-amorosa

Leonardo se considera um homem solteiro da roça que nunca se casou. Passou a vida inteira solteiro. Ele disse que estava namorando uma moça de Brasilândia – MG. Faz dois anos que eles namoram. Ele disse que não sentia vontade de se casar. Anteriormente a esse namoro, ele sempre foi solteiro. É um namoro com os dois morando em cidades diferentes, ela vai visitá-lo em Sagarana e ele vai até Brasilândia. Eles são muito carinhosos e amorosos. Em 2023, ele disse que não sentia solidão, mas anteriormente ao namoro, sim. Estava melhor. Léo não pensava em ter filhos.

A conversa com Léo foi a última de todas que ocorreram em aproximadamente dois meses morando em Sagarana, no trabalho de campo. Já estávamos mais confiantes ao perguntar para o homem solteiro. Sinto que a conversa com Léo aconteceu de forma rápida, ele geralmente respondia com poucas palavras, mesmo a gente tentando ilustrar exemplos para cada pergunta. Entretanto, não significa que não foi produtiva, nosso diálogo conseguiu acessar dados relevantes de Leonardo em relação à sua visão sobre si. Sinto que não tive muita liberdade para acessar sua visão sobre a vida amorosa.

CAPÍTULO 4 - CONSIDERAÇÕES:

A pesquisa analisou as implicações sociais da solteirice rural no Noroeste de Minas Gerais. Diante de perspectivas de vida de homens solteiros, a pesquisa se concretizou em realidades distintas na Vila de Sagarana. Todavia, investigou o processo de masculinização e envelhecimento que vem ocorrendo no Noroeste do Estado de Minas Gerais.

A masculinização ocorre em Arinos, no Distrito de Sagarana, pela demografia, pelo mapeamento e os padrões de homens solteiros significativos que apontaram para o fenômeno. Há variações de idades masculinas, diferentes sexualidades, homens que residem com a família, outros que residem sozinhos e de forma autônoma. Esse termo masculinização rural descrito por Camarano e Abramovay (1999), não faz parte de um entendimento coletivo dentro da vila de Sagarana, usado principalmente nas pesquisas científicas. No sentido em que o fenômeno acontece gradualmente e não se tem consciência dos efeitos dele localmente. A importância dessa pesquisa encontrou o caminho de apontar tais efeitos da masculinização e do envelhecimento rural para conhecimento local, para além do âmbito acadêmico.

Efeitos da masculinização rural afetam a vida desses homens. O patrimônio herdado pelos pais de Seu Ademar, com dificuldades de cuidar de sua roça por conta da fase idosa. Sua roça completamente sem plantios, ele pretendia vendê-la para se mudar para um lugar menor. No caso de Seu Lili, a sua casa não foi herdada, ele comprou com a ajuda de seu irmão. Outro caso, que apresenta dificuldades por ser idoso, para exercer atividades que exijam mais esforço de mão-de-obra em sua roça. A saúde física é algo que compromete a vida dos homens solteiros mais velhos. No caso de Seu Lili, sem parentes pelas proximidades, depende do apoio de moradores da vila para socializar. O vínculo comunitário na vila é algo presente e resulta em benefícios para os homens solteiros da roça estudados.

O Êxodo Seletivo desempenhado pelos jovens compreendido por buscas de novas oportunidades em locais distintos da roça. Os homens solteiros desta pesquisa, já se mudaram para outras cidades para tentar outras formas de vida. Diogo, nos revelou sua saída da vila, quando mais jovem para trabalhar, seja em São Paulo ou em outras cidades de Minas Gerais. Dessa maneira, usamos o sentido da categoria liberdade que emerge do campo de pesquisa, para interpretação do comportamento dos homens solteiros da roça, principalmente o grupo mais jovem. A liberdade é algo essencial na forma como Diogo e Carlinhos levam suas vidas solteiras. Diney, por sua vez, também pratica a liberdade em sua vida. Segundo Diney, já

contribuiu para o êxodo rural, por já ter saído da vila, para morar em Brasília. No entanto, acabou retornando para Sagarana, em que participava das ações sociais.

Chico, quando mais jovem já morou em outras cidades, aliás, ele é um caso de um homem que escolheu morar em Sagarana, assim, como o Seu Lili, que saíu da Bahia. Nesses casos, não há patrimônio herdado de um grupo familiar específico, mas sim, casos em que estes homens solteiros adquirem o patrimônio comprando hectares de terra em Sagarana. Chico não é agricultor, justificamos a escolha dele como um dos homens solteiros estudados por residir na vila, que tem seus aspectos rurais e pela quantidade de anos que viveu solteiro.

O êxodo seletivo desempenhado pelas mulheres, ficou entendido como a saída de mulheres de comunidades rurais para centros urbanos. Um contraste para esta questão, são os homens solteiros da roça estudados, nesse caso para melhor compreensão dessa questão das mulheres rurais, recomenda-se um estudo crítico sobre as mulheres, mulheres solteiras e agricultoras. No caso de Sagarana, existe na área rural, a predominância de homens. Se as mulheres saíram de Sagarana, para morar em áreas urbanas, merece um estudo com esse recorte. Pela ausência de dados sobre as mulheres da vila no trabalho de campo, não posso afirmar importantes apontamentos sobre elas nesta pesquisa.

Dessa forma, ao longo da vida dos nove homens solteiros da roça, eles já se mudaram ou viajaram para lugares distintos de Sagarana. A migração rural, mesmo que em curto período de tempo, já aconteceu dentre eles. A diferença de um êxodo rural permanente, é que eles retornaram ou foram morar na vila. Casos específicos como o de Leonardo, que viveu sempre em Sagarana, em suas distintas configurações. Sua família possuía um terreno em um lugar diferente do que Léo mora hoje. Sua família faz parte da história da vila, desde que era considerada a fazenda do Boi Preto, que veio se tornar Sagarana, como conhecemos hoje.

A sucessão rural é uma questão bastante estudada atualmente, parte de perguntas como será o futuro da população rural? Como garantir a permanência de camponeses e propriedades rurais para as novas gerações? Nesse sentido, com nossa pesquisa, não tivemos a pretensão de analisar essas questões especificamente, mas pensamos aspectos da reprodução social desses homens solteiros da roça. Como exposto anteriormente, a distribuição do patrimônio, a herança ou a posse da terra, possui muitas configurações em Sagarana. Muitos homens solteiros da roça, não receberam nenhuma herança, como o caso do ainda jovem, Carlinhos. Diante das circunstâncias, o Júnior *(in memoriam),* não está mais presente em Sagarana. Sua história e seus relatos, são preservados nesta pesquisa, em forma de contribuição para nossa investigação.

Ao afirmar nesta pesquisa, que não se tratava de masculinidades hegemônicas, conceito proposto pela Connell (1995), sobre os aspectos da identidade dos homens solteiros da roça. Não é uma desconsideração ao fato deles manifestarem sua posição nas relações de gênero, incluindo a reprodução do machismo e da desigualdade nas relações de gênero. Partindo de uma análise interseccional, a raça, a classe social, gênero, o território rural Sagarana, não constatamos a hegemonia deles na sociedade de forma mais ampla. Aspectos da ruralidade manifestam-se na identidades desses homens. Grande parte deles, levam seus trabalhos na roça com seriedade e constroem sua identidade camponesa a partir do que fazem e ocupam na roça sendo solteiros. "A compreensão da masculinidade hegemônica precisou incorporar um entendimento mais holístico da hierarquia de gênero, reconhecendo a agência dos grupos subordinados, tanto quanto o poder dos grupos dominantes e o condicionamento das dinâmicas de gênero" (Connell; Messerschmidt, 2013, p. 266).

A vida afetivo-amorosa dos homens solteiros da roça, fez parte de uma categoria investigativa da nossa pesquisa. O intuito foi compreender a sexualidade deles e suas implicações. Todavia, foi a categoria mais sensível da pesquisa, porque necessitou deles se sentirem à vontade para formularem as respostas. Dos nove homens solteiros, oito são heterossexuais e apenas um é declarado *gay*. Embora a condição de solteiro não seja permanente, muitos homens solteiros são idosos. Já tiveram relacionamentos, dois já foram casados e três têm filhos. Os homens solteiros refletiram em voz alta como se enxergavam. Principalmente, os mais idosos, relataram o sentimento de solidão e abandono. Outros sentiram solitude consigo. Os mais velhos criaram resistência à solteirice, eles são abertos à eventuais relacionamentos, mas já são independentes em algum sentido, e autônomos. Bourdieu (2006), já descreveu o celibato dos homens solteiros do Béarn. Em Sagarana, se assemelha em alguns casos, principalmente motivado pela religião. Existe um padrão de resposta à religiosidade. Os homens mais velhos, encontram na fé muitas de suas dificuldades cotidianas.

Os homens solteiros manifestam suas sexualidades, como o caso de Diogo, que relata seus interesses pelas mulheres e usa a liberdade socialmente. Enquanto alguns homens se mostraram mais abertos para explicar suas orientações, outros se mostraram mais retraídos. Um padrão de resposta que muitos homens solteiros relataram foi a preferência em se relacionarem com pessoas de fora de Sagarana. Leonardo, não é casado, mas namorava com uma mulher de Uruana.

Um caso que desafia a heteronormatividade, é o de Diney. Autodeclarado *gay,* ele esteve completamente aberto às questões da pesquisa. Comentou sobre ser o primeiro homem

gay assumido em Sagarana, ainda em sua adolescência. Relatou os desafios e preconceitos enfrentados ao longo da vida, dentro e fora de Sagarana. Teve um relacionamento duradouro com um homem de Uruana, porém, tornou-se solteiro. Um exemplo concreto de uma masculinidade não-hegemônica em Sagarana, mostrando outras realidades possíveis na roça, para além da história clássica heterossexual que a literatura evidenciam sobre as temáticas de masculinização e sucesssão rural.

Percebe-se que a vida solteira na roça analisada a partir da sexualidade e das masculinidades, revela formas adaptativas de viver em Sagarana. Muitos interlocutores dizem não estar preparados com o compromisso de um relacionamento ou matrimônio, afirmando a escolha de ser solteiro. Havendo nuances da condição da solteirice em Sagarana, seja pela idade ou condições econômicas. Não há roteiro pré-estabelecido ao matrimônio na vila, diante das transformações sociais, bem como observou Woortmann (1995), em sua etnografia.

Contudo, a pesquisa aponta para futuras pesquisas com aprofundamento sobre os desafios de políticas públicas para reduzir os efeitos dos fenômenos do êxodo rural, com toda sua complexidade nos territórios rurais, especialmente a continuidade em Arinos.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R., SACHS, I. Nouvelles configurations villes campagnes. Roma: **FAO**, 1996 (Habitat II).

ALBUQUERQUE, Mateus de Melo. **Masculinidades bicha: quando os homens se colocam contra a hegemonia.** 2023. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos) — Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023. Orientadora: Profa. Dra. Soraya Maria Bernardino Barreto Januário. Coorientadora: Profa. Dra. Carolina Cavalcanti Falcão.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS – ANTRA. **Sobre**. 2025. Disponível em: https://antrabrasil.org/sobre/. Acesso em: 10 dez. 2025.

BONOMO, Mariana; ALMEIDA, Gesiane Silva de; RODRIGUES, Tayssa Grassi. Processos migratórios e sucessão familiar entre jovens rurais: análise dos processos identitários. **Sociedade em Debate** (Pelotas), v. 29, n. 3, p. 209–225, set./dez. 2023. DOI: 10.47208/sd.v29i3.3251. Acesso em: 12 dez. 2025.

BOURDIEU, Pierre. **La domination masculine.** Paris: Seuil, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **O baile dos celibatários: crise da sociedade camponesa no Béarn**. Tradução de Carolina Pulici. São Paulo: Editora Unifesp, 2021. *E-book.*

BOURDIEU, Pierre. O camponês e seu corpo. Curitiba: **Rev. Sociol. Polít.**, p. 1-12, jun. 2006.

CAMARANO, Ana Amélia; ABRAMOVAY, Ricardo. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos 50 anos.** Texto para Discussão nº 621, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, Rio de Janeiro, jan. 1999. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2651/1/td_0621.pdf. Acesso em: 12 dez. 2025.

CARNEIRO, Maria José. Herança e gênero entre agricultores familiares. **Estudos Feministas**: ano 9, p. 1-34, 2001.

CINEBARU - Mostra Sagarana de Cinema. **História do CineBaru**. 2025. Disponível em: https://cinebaru.com.br/nossa-historia/. Acesso em: 12 de dez 2025.

CONNELL, Raewyn. **El género en serio: cambio global, vida personal, luchas sociales**. Madrid: Ediciones Morata, 2015.

CONNELL, Raewyn. **Masculinities.** Políticas da masculinidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Cambridge: Polity Press, 1995. Acesso em: 12 dez. 2025.

CONNELL Raewyn; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. Florianópolis: **Estudos Feministas**, 21(1): 424, janeiro-abril/2013. Disponível em: SciELO - Brasil - Masculinidade hegemônica: repensando o conceito Masculinidade hegemônica: repensando o conceito Acesso em: 20 de maio de 2026.

COSTA, Alfredo; MATOS, Ralfo Edmundo da Silva; VALLE, Matheus Henrique Fernandes. Análise dos processos de masculinização no meio rural dos municípios brasileiros segundo porte populacional e grau de modernização da agropecuária. **Campo-Território: revista de geografia agrária,** Uberlândia, v. 10, n. 21, p. 271–292, ago. 2015. DOI: 10.14393/RCT102130099. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/30099. Acesso em: 12 dez. 2025.

COSTA, Cassiane da. **"Somos solteirões": a construção social da solteirice na agricultura familiar de Alegrete/RS**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural 2014. 211 p. Universidade Federal de Santa Maria. Data e Local da Defesa: Santa Maria, 02 de julho de 2014.

CRESERTÃO - Centro de Referências em Tecnologias Sociais do Sertão. **O CreSertão**. 2025. Disponível em: https://unicult.org/project/cresertao/?utm_source=ig&utm_medium=social&utm_content=link_in_bio&fbclid=PAdGRleAOokfVleHRuA2FlbQIxMQBzcnRjBmFwcF9pZA8xMjQwMjQ1NzQyODc0MTQAAad19Tr8b1c7xwE9DaPMT7csTSNKm9nAvqlQ3XzendjH8YFFhJjRq7Bo9nkK0g_aem_zZ30WBL_-98P-a_cxuJ7NQ. Acesso em: 12 de dez de 2025.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa : métodos qualitativo, quantitativo e misto.** Tradução de Magda Lopes; consultoria, supervisão e revisão técnica desta edição, Dirceu da Silva. 3 .ed. Porto Alegre : . Artmed, 2010. 296 p. Disponível em: Livro: Projeto de Pesquisa. Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto - John W. Creswell | Estante Virtual. Acesso em: 30 de janeiro de 2023.

FESTIVAL DE SAGARANA. **A Vila de Sagarana.** 2025. Disponível em: https://festivalsagarana.wordpress.com/a-vila-de-sagarana/. Acesso em: 12 de dez 2025.

FONSECA, Rosemere Freire. **Em cada vereda uma memória: assentados no sertão de Sagarana em Arinos-Minas Gerais.** Florianópolis, SC, 2015. 223 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Disponível em: 334303.pdf (ufsc.br). Acesso em: 10 de fev de 2023.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres.** Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 8a. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998. 233p.

FROEHLICH, José Marcos; COSTA, Cassiane da; CARPES, Ricardo Howes; TOEBE, Marcos. Êxodo seletivo, masculinização e envelhecimento da população rural na região central do RS. Santa Maria: **Ciência Rural**, v.41, n.9, p.1-7, set, 2011.

GIL, Antonio Carlos, 1946. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS, IEF - Instituto Estadual de Florestas. **Plano de Manejo Parque Estadual de Sagarana.** Minas Gerais, 2021. 55p. Disponível em: https://sistemas.meioambiente.mg.gov.br/reunioes/uploads/-6JRDR0QqlTBbhZdOXEWSBDCCv05Rvks.pdf. Acesso em: 12 de dez de 2025.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Minas Gerais, Arinos - Panorama**. 2023. Disponível em: IBGE | Cidades@ | Minas Gerais | Arinos | Panorama. Acesso em: 18 de maio de 2023.

IBGE/SIDRA, Instituto Brasileito de Geografia e Estatística. **Munícipio - Arinos (MG). 2025**. Disponível em: Sistema IBGE de Recuperação Automática - SIDRA. Acesso em 12 de dez de 2025.

IBGE/SIDRA, Instituto Brasileito de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico - Pic Sagarana - Arinos (MG)**. 2010. Disponível em: Tabela 202: População residente, por sexo e situação do domicílio. Acesso em: 12 de dez de 2025.

IBGE/SIDRA, Instituto Brasileito de Geografia e Estatística. **Distrito Pic Sagarana - Arinos (MG)**. Disponível em: Sistema IBGE de Recuperação Automática - SIDRA. Acesso em: 12 de dez de 2025.

IBGE/SIDRA, Instituto Brasileito de Geografia e Estatística. **Mapa da Microrregião Geográfica de Arinos (MG).** 2015. Disponível em: estatgeo.ibge.gov.br/EstatGeo2020/mapa/mapa.html?ni=6&ui=3104502&nz=9&uz=31001&nm2=1&nm3=1&nm6=1&nm9=1. Acesso em: 12 de dez de 2025.

Instituto Estadual de Florestas – IEF. **Parque Estadual de Sagarana**. 2023. Disponível em: Instituto Estadual de Florestas - IEF. Acesso em: 21 de out de 2023.

KOVALESKI, Douglas Francisco; OLIVEIRA, Walter Ferreira de. Tecnologias do “Eu” e cuidado de si: embates e perspectivas no contexto do capitalismo global. Florianópolis: **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, ISSN 1984-2147. V. 3, n. 6, 2011, p. 171-191. Disponível em: (PDF) "Tecnologias do Eu" e cuidado de si: embates e perspectivas no contexto do capitalismo global/ "Technologies of the Self" and self-care: conflicts and prospects in the global capitalism context (researchgate.net). Acesso em: 31 de jan de 2023.

MARIN, J. O. B. Homens solteiros na agricultura familiar e mercado de trabalho feminino: possíveis conexões. In: **Seminários temáticos para jovens pesquisadores da ANPOCS**, 2008.

MEYER, Gustavo. **O campo artístico-cultural em terras de Guimarães: uma entrada para o desenvolvimento.** Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural.

2015, 257 p. Data e local de defesa: 21 de maio de 2015. Porto Alegre. Acesso em: maio de 2026.

PELICANO, Jorge. **“Ainda há pastores?”**. Documentário de 2006, site de 2014. Disponível em: Ainda Há Pastores? - 2006 | Filmow. Acesso em: 07 jan. de 2023.

SANTOS, E. C; KNOX, W.; AQUINO, J. R. Famílias camponesas e sucessão no nordeste brasileiro: limitações à permanência dos jovens no “ofício de agricultor”. La Plata: **Mundo Agrário**, v.25, núm.60, e259, p.1-19, dez, 2024

SARAIVA, Regina Coelly Fernandes; DINIZ, Janaína Deane de Abreu Sá; NOGUEIRA, Mônica Celeida Rabelo. Reflexões sobre meio ambiente e desenvolvimento rural. In: MEYER, Gustavo; NOGUEIRA, Mônica Celeida Rabelo; SILVA, Andrea Leme da; BRENNAND, Cláudio Alves Ribeiro; DINIZ, Janaína Deane de Abreu Sá; LIMA, Débora Assumpção; SARAIVA, Regina Coelly Fernandes. **O campo a partir do cinema: dinâmicas culturais e territoriais em Cantos de trabalho e Ainda há pastores?** Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade UnB Planaltina, v.3, p. 287-310. *E-book.*

SILVA, Rebecca Alcantara. **O Extrativismo Vegetal e a Saga do Baru (Dipteryx alata Vog.) em Sagarana - MG**. CVI, 2020, 106 p. Orientador: Profa. Dra. Dinalva Donizete Ribeiro. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Escola de Agronomia (EA), Programa de Pós-Graduação em Agronegócio, Goiânia, 2020. Data e local da defesa: 05 de março de 2020, Goiânia - GO. Disponível em: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações: O extrativismo vegetal e a saga do baru (Dipteryx alata Vog.) em Sagarana - MG (ufg.br). Acesso em: 10 de fev de 2023.

Sousa, J. T. e Batista, L. L. Pesquisa Participativa de Base Comunitária (PPBC) como ferramenta de avanço em pesquisas envolvendo comunidades. **Revista ECO-Pós**, Rio de Janeiro, v.12, n.2, p.110-121. 2009. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/951/891. Acesso em: 23 de jan de 2026.

TIAN QIN. Research Review on Rural Forced Bachelor in China. Fuzhou, China: **Journal of Education, Humanities and Social Sciences**, v.14, p. 405-409, 2023.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** 12. ed. São Paulo: Cortez, 1988.

WOORTMANN, Ellen F. **Herdeiros, parentes e compadres: Colonos do Sul e Sitiantes do Nordeste.** São Paulo-Brasília: HUCITEC, 1995. 336p.

APÊNDICE 1 – Roteiro de entrevista

Nome completo:_____ Idade:_____

Comunidade:_____

FAMÍLIA

1. Você tem relação com sua família materna ou paterna? Existe convivência?
2. Possui irmãos? Existe contato com ela ou ele? Possui avós?
3. Você mora com sua família ou mora sozinho? Ou com outras pessoas que considera da família?
4. O que é família para você? Qual padrão de família você acredita?
5. Você acha importante ter família? Por quê?
6. Como você definiria sua relação familiar? Recebe afeto e acolhimento?
7. Você mantém alguma prática que aprendeu com sua família? Se sim, qual?
8. Você possui práticas ancestrais que sua família te ensinou? Se sim, qual? Se não, gostaria de ter?
9. Sua família faz parte da agricultura familiar? Cultivam plantas e animais?
10. Sua família possui patrimônio? Existe herança na família?
11. Qual relação do seu trabalho com sua família?

ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

1. Qual o seu trabalho?
2. Você trabalha com a sua família? Se sim, com quem?
3. Como é a distribuição do seu trabalho ao longo do ano?
4. Existe algum período do ano em que há maior concentração de trabalho?
5. Como você se organiza para o trabalho? Há alguma dificuldade?
6. Quais trabalhos você já exerceu?
7. Quais trabalhos você gostaria de praticar na Vila?
8. Como você se insere nos trabalhos da sua comunidade?
9. Você se considera uma pessoa produtiva e criativa no trabalho? De que forma?

ECONOMIA E PATRIMÔNIO

1. Sua renda mensal consegue se manter estável ao longo do tempo?
2. Quais estratégias você usa para obter renda localmente?
3. Quais fontes de renda usa para se manter no meio rural?
4. Você é autônomo? Em quê?
5. Você comercializa produtos agrícolas e não agrícolas, como artesanatos?
6. Você é associado a alguma cooperativa?
7. Você possui patrimônios? Quais? Quais estratégias você usa para mantê-los?
8. Você possui acesso a créditos externos?
9. Possui dívidas? Quantas? Como se organizam diante de cada condição que se encontram?
10. Você consegue ter autonomia econômica?
11. Possui acesso a políticas públicas?

SOCIABILIDADE

1. Quais movimentos culturais existem na sua comunidade? Qual você faz parte?
2. Você gosta das folias? Participa dos encontros que acontecem na Vila?
3. Como participa socialmente da comunidade ou do município em que reside?
4. Como você desenvolve sua sociabilidade?
5. Você costuma sair? Passear, dar uma volta pela comunidade com outras pessoas? Quem são elas?
6. Você estuda? Faz parte de alguma instituição que você tenha interação social?
7. Você costuma interagir com as pessoas do seu trabalho? Para além da sua família, se for o caso.
8. Quais eventos você costuma participar na sua comunidade?
9. Há alguma dificuldade em socializar na sua comunidade?
10. Você tem interesse em interações sociais?

VIDA AFETIVO-AMOROSA

1. O que é ser homem solteiro para você?
2. Como você define sua orientação sexual?
3. Você sente solidão?
4. Como você percebe a construção da sua orientação sexual? Como você aprendeu sobre sua sexualidade? Já pensou sobre isso?
5. Como funciona sua vida amorosa e afetiva?
6. Honestamente, você possui algum tabu com a sexualidade? Como você percebe as dinâmicas sociais para a sua sexualidade?
7. Como você demonstra interesse por alguém na Vila ou em outra cidade?
8. Você conversa sobre sua sexualidade com sua família? Ou com outras pessoas?